UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

JOSELENE IEDA DOS SANTOS LOPES DE CARVALHO

"BAIRROS DE MÁ FAMA": EXPERIÊNCIAS DOS TRABALHADORES ACERCA DA CIDADE DE GUAÍRA-PR (1975- 2013)

Marechal Cândido Rondon
2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

JOSELENE IEDA DOS SANTOS LOPES DE CARVALHO

"BAIRROS DE MÁ FAMA": EXPERIÊNCIAS DOS TRABALHADORES ACERCA DA CIDADE DE GUAÍRA-PR (1975- 2013)

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós Graduação em História, nível Mestrado, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José Varussa

Marechal Cândido Rondon
2016

Quando estou na cidade tenho a impressão de que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

Quarto de Despejo - Carolina Maria de Jesus

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José e Arlene, que não mediram esforços para que eu continuasse meus estudos e me incentivavam dizendo que eu seria capaz de concluir este trabalho que esteve durante anos em meus objetivos de vida.

Ao meu noivo, Christian Alan Bruch, que demonstrou todo o seu companheirismo nos anos deste trabalho prestando apoio incondicional e suportou juntamente comigo os anseios e as inseguranças durante estes anos; também me ensinou o que é o amor, contribuindo para me tornar uma pessoa melhor.

Ao meu orientador, Rinaldo José Varussa, que esteve presente em todo o processo deste trabalho, auxiliando, corrigindo, sugerindo, meus mais sinceros agradecimentos por ter acreditado nesta pesquisa.

Ao Antonio, Cida e Emília, por serem mais do que professores e amigos, mas, minha família em Marechal. Serei eternamente grata por cada palavra que trocamos ao longo destes anos.

Aos meus amigos, Paloma Caetano e Guilherme Dotti Grando, os melhores que alguém poderia ter. Por todas as conversas animadoras, os cafés e as cervejas que dedicamos para discutirmos História.

Aos trabalhadores do Parque Hortência e da Vila Alta por todo o tempo disponibilizado e por suas experiências compartilhadas.

À banca de defesa que foi escolhida mediante a grande contribuição que exercem para a historiografia.

A todos vocês os meus sinceros agradecimentos, cada página deste trabalho tem um pouco de vocês.

RESUMO

Essa dissertação discute a experiência de lutar, viver e morar de trabalhadores dos bairros- Parque Hortência e Vila Alta (1975-2013) da cidade de Guaíra-PR. Na imprensa local e regional estes bairros tem sido caracterizados como locais perigosos, violentos e frequentados por gente de baixa reputação como bandidos e traficantes. Os jornais fazem mais do que denunciar crimes e mazelas cotidianas da cidade. Ao circunscrever seus relatos sobre os bairros pobres, a imprensa transforma estes em não lugares, onde não existem pessoas cujas histórias merecem ser contadas ou conhecidas. Na contramão desta vertente este estudo buscou identificar por meio de entrevistas com os habitantes destes bairros, conhecer suas histórias de vida e trabalho demonstrando os caminhos de luta por moradia. Interessa-nos, sobretudo, reconhecer os outros significados dos bairros em suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Bairros de má fama; Trabalhadores; Estigmatização.

RESUMEN

Esta tesis analiza la experiencia de la lucha, de vida y de vivienda de los trabajadores bairros- Parque Hortência y Vila Alta (1975-2013) la ciudad de Guaíra-PR. En la prensa local y regional de estos barrios se ha caracterizado por ser lugares peligrosos, violentos y frecuentados por personas de baja reputación como bandidos y contrabandistas. Los periódicos hacen más que informar a diario crímenes y males de la ciudad. Circunscribir sus cuentas de los barrios pobres, la prensa se convierte éstos en ningún lugar donde hay personas cuyas historias merecen ser contadas o conocido. Contra esta hebra este estudio trató de identificar a través de entrevistas con los habitantes de estos barrios, conocen sus historias de vida y de trabajo que demuestra la lucha por los caminos de la vivienda. Nos preocupa, sobre todo, reconocer los otros significados de los barrios en sus vidas.
PALABRAS-CLAVE: barrios de mala reputación; Trabajadores; La estigmatización.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 8
CAPÍTULO 1 18
A FORMAÇÃO DOS BAIRROS DE MÁ FAMA 18
1.1 PARQUE HORTÊNCIA 21
1.2. VILA ALTA 37
CAPÍTULO 2 49
RELAÇÕES DE TRABALHO NOS BAIRROS DE MÁ FAMA 49
2.1 EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO NA DÉCADA DE 1980 49
2.2 EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO NA DÉCADA DE 1990 60
2.3 EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO NA DÉCADA DE 2000 71
CAPÍTULO 3 77
A ESTIGMATIZAÇÃO COMO INTERFACE DA VIOLÊNCIA 77
3.1 A ESTIGMATIZAÇÃO DE FORA PARA DENTRO DOS BAIRROS 77
3.2 A ESTIGMATIZAÇÃO ENTRE OS TRABALHADORES 92
CONSIDERAÇÕES FINAIS 100
FONTES 104
Orais 104
Jornalísticas 105
Documentos Oficiais 106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 106

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal investigar a história dos trabalhadores, especificamente os que moram no bairro "Vila Alta" e "Parque Hortência", na cidade de Guaíra-Paraná. Escolhi estes dois bairros na cidade de Guaíra porque, para além de identificá-los corriqueiros nas informações de violência no site da cidade e nos jornais, encarei essa pesquisa como um compromisso com os trabalhadores que, ao longo dos anos em que vivi na cidade de Guaíra, tive a oportunidade de conviver.

Uma das famílias que tive a oportunidade de conhecer foi a de Maurício de Souza. Ele foi meu vizinho em 2005, mas seus pais moravam no Parque Hortência. Trabalhador de um supermercado na cidade de Guaíra, passava em frente de minha casa para dizer o "oi" de todos os dias e pedir para que cuidássemos de sua casa, caso ouvíssemos inquietações de seu cachorro. Todos gostávamos muito de nosso vizinho e, em uma dessas tardes comuns nas quais não somos capazes de imaginar que uma fatalidade poderia acontecer, recebemos a notícia: Maurício havia sido morto. Como toda notícia em cidade pequena, diversas foram as especulações. "Ele estava envolvido com contrabando"; "ele havia mexido com a namorada de outro cara"; "era um neguinho gente boa até...". Maurício voltara de seu trabalho já depois das vinte horas, ajeitou-se rapidamente para visitar sua mãe e, logo ao entrar no bairro, subindo uma rua de bicicleta, foi confundido com outro rapaz, que também era negro, e levou tiros nas costas. Sua mãe, dona Maria, trabalhadora a vida toda como empregada doméstica, correu para ver o que estava acontecendo: eis que seu filho morreu em seus braços. Sentimos saudade de nosso vizinho, independente de sua morte ter sido equivocada ou premeditada, este não foi "só mais um caso".

Nunca é só mais um caso quando se trata de pessoas por quem temos afeto. Dona Maria, a mãe de Maurício, não é a primeira mãe que perde seu filho assim. Vivi dezoito anos nessa cidade e lembro que poucas foram as vezes em que eu e meus amigos saímos à noite. Mesmo que os pais permitissem, as rodinhas de tererês no final da tarde não iam além das dezoito horas. Tínhamos medo- sentimento aceitável, já que crescemos perdendo amigos, parentes, vizinhos.

Porém, nunca consegui me convencer sobre a naturalização da violência nos bairros onde moram os trabalhadores. Então, desde que comecei a realizar pesquisa

vinculada ao laboratório de Trabalho e Movimentos Sociais, compreendi a importância da história de vida de pessoas como Maurício e de trazê-lo para a História não apenas "como mais um", mas, sim, como uma pessoa que é composta de sonhos, de histórias e de experiências e de quem infelizmente neste caso, restou apenas a memória. Maurício faz parte daquelas histórias que muitas vezes parecem desinteressantes, mas que, na realidade, são experiências semelhantes à de tanta gente que luta cotidianamente para sobreviver, como diria a música "*Eu tenho fé que um dia vai ouvir falar de um cara que não era só um Zé. Não é noticiário de jornal não é*"[1].

Para que seja possível compreender minhas inquietações, é necessário comentar sobre minha trajetória anterior à graduação. Já conhecia ambos os bairros por residir na cidade de Guaíra até os dezoito anos. Cotidianamente, ouvia comentários pejorativos a respeito dos bairros, o que me causava desconforto, pois, meus tios moravam em ambos os bairros e, quando ia visitá-los, o que observava era um lugar simples com várias casas, sem asfalto, crianças brincando na rua, repleto de trabalhadores. Não havia começado a graduação de História, mas compreendia que havia uma problemática envolvendo o que as outras pessoas falavam sobre o Parque Hortência e a Vila Alta e o que realmente as pessoas que moravam lá vivenciavam nos bairros.

Meu principal contato com os trabalhadores da Vila Alta aconteceu quando trabalhava de secretária numa paróquia em Guaíra. Conheci Carolina, que na época de 2010 era coordenadora da capela Santa Terezinha, localizada na Vila Alta. Depois, conheci companheiros do grupo de jovens e lá nos reuníamos nos domingos à tarde para jogar bola quando em um certo final de semana, os jovens da Vila Alta deixaram de ir. Quando encontrei Luísa, que sempre estava lá aos domingos no jogo, ela me disse que não participariam mais porque o grupo de jovens da matriz os chamava de "vileirinhos"[2] e, quando descobriram que havia essa diferenciação entre os grupos, acharam melhor não participar, visto que o grupo de jovens da matriz se sentia superior apenas pelo fato de que moravam no centro da cidade. Esse fato me chamou atenção, pois a intenção de classificar os jovens da Vila Alta como "vileirinhos" nesse contexto não foi somente a exclusão, mas também atribuir a eles o duplo sentido de "perigosos".

Já no Parque Hortência, tive contato com seus moradores desde que nasci, afinal, tenho tios e tias por parte de mãe e de pai que moram ali. Anos mais tarde, no ensino

[1] Meu mundo é o bairro- O Rappa.
[2] Ao procurar no dicionário informal online, o termo "vileirinho" denomina àqueles que vivem em vilas, sinônimo de "mano"; "selvagem"; "favelado".

fundamental e médio, estudei com companheiros do *"PH"* (foi quando descobri que os moradores mais jovens chamavam o bairro assim). Para minha surpresa, um colega de turma disse que seu email era o seu nome acrescido de "PH". Quando perguntei o porquê do "PH", me disse: "Parque Hortência, eu tenho orgulho de morar lá e mostro isso porque tem gente que morre de vergonha".

Em alguns momentos específicos de minha vida, coloquei-me a pensar sobre as pessoas que conhecia e que moravam nesses bairros. Não compreendia o preconceito com os moradores destes lugares, pois as histórias que acompanhavam essas pessoas eram histórias difíceis, de gente que trabalhou arduamente para conseguir comprar uma casa nestes bairros. Então, questões me surgiam constantemente: por que essas pessoas eram mal vistas? O que havia de "anormal" nesses bairros que eu nunca reparei mesmo visitando-os inúmeras vezes?

No ano de 2011 comecei a desenvolver uma pesquisa sobre os trabalhadores de frigoríficos da cidade de Guaíra[3]. Compreendi que precisava investigar quais eram os motivos que moviam esses trabalhadores todos os dias a gastarem cerca de doze horas para trabalhar nos frigoríficos da CVale, em Palotina, e na Copagril, em Marechal Cândido Rondon. Sendo assim, através da utilização das entrevistas como fontes, pude perceber o *fazer-se*[4] da classe trabalhadora de Guaíra e suas lutas diárias.

Conviver com essas pessoas, ir até suas casas e entrevista-los não me esclareceu apenas o tipo de História que gostaria de escrever, mas atribuiu um novo sentido do que eu gostaria de, enquanto historiadora, mostrar para outras pessoas sobre o que é História e sua função social. Portanto, relembrava o que havia lido em Gramsci: "a hegemonia começa na fábrica"[5], mas os espaços de lazer, de moradia, de sociabilidade entre os próprios trabalhadores também devem ser pesquisados, pois ali há lugares importantes para classe trabalhadora. Comecei a observar aspectos que eram comuns para os trabalhadores do frigorífico e identifiquei que além do trabalho exaustivo, os bairros nos quais moravam (Parque Hortência e Vila Alta) eram sempre os mesmos, repletos de más

[3] Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: "Deslocamentos de trabalhadores de Guaíra para frigoríficos no Oeste do Paraná: dinâmica histórica da industrialização regional". Sob a orientação do Prof. Dr. Antonio de Pádua Bosi, defendido em dezembro de 2013, campus de Marechal Cândido Rondon, Unioeste.

[4] Termo utilizado por Edward P. Thompson em sua obra "A formação da classe operária inglesa", livro 1 sobre o qual debrucei os estudos para compreender, para além da teoria, o que significava o termo "fazer-se". Portanto, a primeira experiência prática que pude observar foi com os trabalhadores de frigoríficos pesquisados por mim durante a graduação sobre os quais relato neste texto.

[5] GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Americanismo e fordismo. In: **Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

condições, como falta de saneamento básico, ruas sem asfaltos, amontoados de lixos, longes do centro da cidade e estigmatizados pela classe burguesa da cidade de Guaíra. Portanto, havia tantos aspectos que seria preciso um trabalho específico para compreender melhor o que a cidade e, neste caso específico, os dois bairros, representam na vida das pessoas que ali vivem.

Compreendendo que cada espaço vivenciado pelos trabalhadores são importantes para suas experiências, me propus a investigar os bairros onde moram. Por isso surgiu o interesse em emprestar o termo "bairros de má fama" de Engels, visto que o autor classificou assim os bairros precários nos quais viviam os trabalhadores de Londres em 1845, durante o período em que Engels voltou sua pesquisa para além dos lugares fabris para compreender qual era a cruel realidade destes trabalhadores.

> Todas as grandes cidades têm um ou vários "bairros de má fama" onde se concentra a classe operária.(...) é-lhe designada uma área à parte, na qual, longe do olhar das classes mais afortunadas, deve safar-se, bem ou mal, sozinha. (...)Aqui vivem os mais pobres entre os pobres, os trabalhadores mais mal pagos, todos misturados com ladrões, escroques e vítimas da prostituição. (ENGELS, 1988, p.70-71)

Se por um lado há casas precárias, insalubres, situadas nos bairros onde moram os trabalhadores, há também bairros repletos de mansões, com ruas limpas e muito movimentadas, com a intenção de demonstrar que a cidade é um lugar harmônico. Sendo assim, os bairros dos trabalhadores não fazem parte do estereótipo da cidade já que são vistos como áreas de crimes. Vários mecanismos estigmatizam os bairros da classe trabalhadora, sejam as notícias corriqueiras nos jornais sobre violência, sejam algumas das experiências dos próprios moradores dos bairros, mas, principalmente por tratar-se de bairros que abrigam pessoas pobres.

De início, por curiosidade, salvava as notícias do site Portal Guaíra[6] que se referiam-se à violência na Vila Alta e no Parque Hortência, com a intenção de um dia realizar essa pesquisa. Com o desenvolvimento desta investigação no mestrado, comecei a análise em dois jornais: "O presente" e "Ilha Grande". Entretanto, a violência que é explanada nos meios da imprensa, as mortes que são marcadas como "mais uma", não são objetivadas nesta pesquisa. Porém, em todas as entrevistas que realizei, os trabalhadores falavam sobre a violência realmente existente no bairro e sobre suas

[6] www.portalguaira.com.br

experiências de luta desde o momento em que conquistaram a primeira casa no bairro. As entrevistas foram vistas como possibilidades[7] de entender que há outras memórias e outras histórias para o bairro, "o fato de avançarmos mais na discussão sobre a memória social, ou seja, quando sinalizamos para "muitas memórias", assumimos lidar com memória no plural" (FENELON, CRUZ, PEIXOTO, 2000).

Ao lidar com uma memória que remete a perdas dolorosas causadas pela constante luta de sobrevivência, lembrei-me do que escrevera Chico Buarque em "Leite derramado": "a memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas". Acrescentaria, inclusive, as memórias que ferem. Entretanto, se há memórias que ferem, há memórias que curam. Enquanto realizava as entrevistas, as memórias dos trabalhadores sobre situações corriqueiras os faziam narrar fatos de constantes perdas, mas, também, de conquistas.

Portanto, como afirma Hobsbawm[8], ao escrevermos a história dessas pessoas comuns, devemos compreender que o passado que está constantemente presente em suas histórias é uma dimensão permanente na consciência humana, exigindo assim, cautela ao lidar com aquilo que os entrevistados propõem nos dizer, não de modo que devamos duvidar constantemente de suas falas, mas, pensá-las num campo de disputas que é a própria História.

No campo de disputas pela memória, os jornais da região cotidianamente expõem estes bairros como violentos, e apresentam um aspecto negativo sobre estes lugares. Sendo assim, a leitura da obra de Heloísa de Faria Cruz, *São Paulo em papel e tinta-periodismo e vida urbana- 1890-1915* possibilitou que compreendesse a imprensa como setor privilegiado da vida pública burguesa. No entanto, trazendo essa discussão para a análise no campo da História Social, assim como o livro de Faria Cruz, podemos discutir articulações entre processos de desenvolvimento e transformação da cultura impressa, as "disputas sociais que transformam as sociabilidades e os modos culturais de viver na cidade".

[7] Para Alessandro Portelli em "O que faz a história oral diferente", a história oral é um vasto campo de possibilidades, no que diz respeito ao entrevistador e o entrevistado. Não cabe ao entrevistador considerar o que é verdadeiro ou falso, mas, sim, compreender por que o entrevistado narra o acontecimento de determinada forma. Se há esquecimentos, silêncios, por que isso ocorre?

[8] HOBSBAWM, Eric J. O sentido do passado. In: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Neste trabalho, especificamente, para além de números sobre o índice da violência, interessa a contextualização do porquê tem acontecido e como tem afetado a vida dos trabalhadores.

> Na contramão de abordagens que privilegiam o estudo da imprensa como dimensão derivada ou paralela dos contextos sociais, ou que a utilizam tão somente como fonte de informação sobre esses mesmos contextos, na reflexão proposta, o periodismo é tratado como dimensão articulada do processo de constituição do espaço urbano e de afirmação e construção de lugares, sociabilidades e práticas culturais da cidade. (CRUZ, 2013, p.12).

Diversas foram as dificuldades que encontrei em lidar com jornais enquanto fonte historiográfica. Na dissertação, foi a primeira vez que os utilizei enquanto fonte. É um trabalho que exige, como nas fontes orais, atenção e paciência. Inúmeras foram as edições que folheei e não encontrei nada do que procurava. Meu objetivo principal era investigar, no Jornal "O Presente" de Marechal Cândido Rondon e no "Ilha Grande" de Guaíra, reportagens em que aparecessem os dois bairros, mais especificamente como apareciam as informações que noticiavam a violência[9]. A pesquisa nos jornais justifica-se não por acreditar que os trabalhadores da Vila Alta e do Parque Hortência leem diariamente os jornais, mas as informações narradas no rádio são as que estão nesses jornais e, portanto, chegam a esses moradores.

Outra obra que tem me auxiliado a lidar com fontes desde que comecei a realizar pesquisas com trabalhadores é o livro *Muitas memórias, outras histórias* organizado por Yara Khoury e Déa Fenelón, que compõe uma perspectiva de que tanto a História como a memória devem ser compreendidas no plural. Deste modo, possui um significado teórico-metodológico que considera as histórias vivenciadas no dia-a-dia pelas pessoas comuns. Em cada entrevista, há campos de conflitos, escolhas políticas, verdades que se batem, de forma que entenda-se que os sujeitos que narram suas histórias são repletos de versões, interpretações, valores e práticas culturais.

"Não é a consciência que determina o ser social, mas a vida que determina a sua consciência". (MARX, 2007) A práxis que foi proposta por Marx significa que, além de quaisquer teorias, é a materialidade que direciona a História e esta, que é dialética, está em constante movimento, é vivenciada pelas pessoas enquanto estas constroem suas

[9] Procurava por notícias referente a violência, pois, somente desta forma os bairros aparecem nos jornais.

histórias. Por vezes, enquanto realizava anotações sobre as entrevistas e aspectos importantes para serem analisados, pensava nesta frase de Marx, como os trabalhadores que pesquisei não deixavam que a memória "oficial" sobre o bairro definisse aquilo que vivem no dia-a-dia. Se há ideias de que o bairro é violento, é perigoso e que quem ali mora são pessoas "ruins", de "má índole", há as experiências vividas na prática que determinam a consciência dos trabalhadores que moram nestes bairros. Não se trata de caracterizar os sujeitos que pesquisamos como seres perfeitos, mas, como sujeitos atuantes na História. Lidar com a classe trabalhadora é compreender o que não está dito. Seus sentimentos, suas angústias e, principalmente, suas lutas diárias. Ao fim, cultura refere-se aos modos de viver e de lutar.

Tantos são os textos, as discussões e embates sobre como lidar com história oral, mas, no final de cada reflexão, acredito que o que buscamos melhor compreender verdadeiramente é como lidar com os sujeitos que pesquisamos. Nos baseamos constantemente em conceitos e, por vezes, deixamos que o "termo ausente"[10] escape sob nossas análises. Ao começar a pesquisa, uma de minhas perguntas principais era "as pessoas gostam de viver ali?" E no decorrer das entrevistas, do trabalho de campo que era conhecer cada vez mais os bairros, conhecer a vida daqueles trabalhadores, a pergunta mudou: "como as pessoas não gostariam de viver ali?" Seria utópico falarmos sobre "o melhor lugar para se viver" e mencionarmos os bairros de má fama. Mas, não é um lugar inabitável como por vezes parece. É um lugar simples, mas repleto de luta e de histórias. Comprar uma casinha ali significou uma vida de esforços para muitos daqueles trabalhadores. Quando as pessoas afirmam que, mesmo se houvesse a possibilidade de mudar de bairro, ainda assim continuariam ali, talvez não estejam falando verdadeiramente sobre como agiriam, mas representando um sentimento: gratidão. Àquilo que não é evidente quando centralizamos nossos olhares apenas para números e tabelas. Porém, Thompson lembra "que toda luta de classes é ao mesmo tempo uma luta acerca de valores". (THOMPSON, 1981, p.190), e as entrevistas não estão livres destes valores. Aquilo que o autor denomina de "economia moral" não deixa de fazer parte do processo histórico do qual também se constituem as experiências

[10] Título de um dos capítulos do livro *Miséria da teoria: um planetário de erros* de Edward Palmer Thompson. Esse capítulo é significativo para mim enquanto historiadora. Li e reli diversas vezes e em todas apreendo algo diferente. Acho inquietante o modo como Thompson escreve dando um "puxão de orelha" aos historiadores "profissionais" que dizem se basear em Marx quando na verdade, ao ler seus textos, parecem que nunca leram Marx. Uma discussão aprofundada sobre estrutura e sobre como olharmos para além dessas estruturas.

dos trabalhadores que pesquiso. Ao longo da história dessas pessoas, seus valores morais mudaram devido as circunstâncias.

Para além de leituras que me auxiliassem com as fontes, algumas obras que discutem sobre cidade e suas dimensões foram imprescindíveis para a construção deste trabalho. Como a obra *As cores de Acari: uma favela carioca* de Marcos Alvito. O antropólogo escreveu um interessante trabalho sobre esta favela do Rio de Janeiro que, na década de 1990, era vista como uma das mais perigosas por possuir disputas entre facções rivais. A maneira como o autor detalhou os ambientes que frequentou na favela, as pessoas que entrevistou, me despertou interesse pelo modelo metodológico de sua escrita que possibilita que mesmo quem não conhece a favela, possa imaginá-la. Por isso, ao escrever sobre o Parque Hortência e a Vila Alta, procurei descrevê-los fisicamente através dos olhos dos trabalhadores, mas também, a partir da minha compreensão a respeito dos bairros.

Este livro, entretanto, não contribuiu apenas metodologicamente com minha pesquisa. Embora seja uma obra sobre uma favela do Rio de Janeiro, apresenta aspectos semelhantes com meu trabalho, como o papel que a mídia exerce para associar os lugares marginalizados da cidade como perigosos; sobre a importância de compreender o que estes espaços significam para as pessoas que ali vivem; sobre dentro da própria favela alguns lugares são mais estigmatizados do que os outros, o autor escreve sobre um destes espaços que é conhecido como "Valão". Na Vila Alta também há essa estigmatização entre os moradores. Os que moram há mais tempo no bairro são os do "Mutirão", de forma que essa titulação ajuda a separá-los, afirmando que é neste lugar onde os crimes acontecem. Sobre a permanência das relações familiares nestes lugares, mesmo quando os filhos se casam, procuram casas ao redor do bairro, efetivando aquilo que o autor chama de "parentesco de ritual", que são os compadres e comadres que, ao longo das dificuldades, foram as pessoas que estenderam a mão umas às outras. Sobre a importância que os moradores dão à Associação e as lutas que realizam por melhorias no bairro, por mais simples que possam parecer, como no caso citado pelo autor, ajudar na construção de uma creche comunitária, em minha pesquisa, foi a construção e reforma da capela e do centro comunitário de ambos os bairros.

Outro autor que centrou seus estudos sobre a marginalização das classes pobres nas cidades é o sociólogo Loic Wacquant. O autor escreve sobre os guetos norte-americanos e tem um significativo trabalho sobre as áreas vistas como perigosas na cidade. Conforme a citação abaixo, mesmo sendo países diferentes, a luta de classes na

cidade está presente em todos eles. Essas regiões marginalizadas carecem de estudos, pois, apenas classificá-las como perigosas não basta.

> Favela no Brasil, poblacione no Chile, Villa miséria na Argentina, cantegril no Uruguai, rancho na Venezuela, banlieue na França, gueto nos Estados Unidos: as sociedades da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos dispõem todas de um termo específico para denominar essas comunidades estigmatizadas, situadas na base do sistema hierárquico de regiões que compõem uma metrópole, nas quais os párias urbanos residem e onde os problemas sociais se congregam e infeccionam, atraindo a atenção desigual e desmedidamente negativa da mídia, dos políticos e dos dirigentes do Estado. São locais conhecidos, tanto para forasteiros como para os mais íntimos, como "regiões-problema", "áreas proibidas", circuito "selvagem" da cidade, territórios de privação e abandono a serem evitados e temidos, porque têm ou se crê amplamente que tenham excesso de crime, de violência, de vício e de desintegração social. (WACQUANT, 2001, p.7)

A nomenclatura se difere, mas, o que fica evidente no texto de Wacquant é que não há uma separação das péssimas condições de moradias das relações de produção. O trabalho não é uma dimensão separada das outras esferas da vida social. São dois aspectos que nos definem cotidianamente: "A d. Maria, a professora de tal colégio", "o sr. Luiz que mora na Vila Alta". Diria, inclusive, que por nome não somos fáceis de sermos identificados, mas, pela nossa profissão e pelo local que moramos, somos facilmente "achados".

Buscarei através das análises das entrevistas com os trabalhadores, interpretar aquilo que estes julgam ser importante à respeito de suas trajetórias de vida em relação ao bairro. Caracterizar os bairros apenas como de "má fama", sem considerar as histórias de luta que fazem parte da constituição do bairro, seria consistir em uma aceitação sem interpretação processual dos fatos. Para uma história dialética, é preciso historicizar e interpretar as experiências vivenciadas por essas pessoas. Interessante salientar que os nomes utilizados para os entrevistados são pseudônimos de livros de literatura variados. Preferi preservar a imagem dos trabalhadores assim, não comprometendo suas falas.

Discutido alguns dos pontos importantes desta pesquisa e alguns dos referenciais teóricos, caracterizarei o que será discutido nos capítulos a seguir.

No primeiro capítulo, meu objetivo é de que o leitor consiga imaginar a organização física dos bairros e, ao mesmo tempo, as relações que foram sendo formadas historicamente nestes espaços. Mediante as circunstâncias da vida, as trajetórias desses trabalhadores que ali vivem os direcionaram àquele lugar. Lidando com uma questão principal: como se formaram os "bairros de má fama" Parque Hortência e Vila Alta?

No segundo capítulo, ao lidar com as entrevistas, compreendo o trabalho como mediador das demais relações sociais. Problematizarei as formas de trabalho que aparecem nas entrevistas: lícito, ilícito, informal, formal, legal e ilegal, de modo a compreender as consequências que exercem na vida dos trabalhadores e de suas famílias. Entendo que as experiências de trabalho não estão paralelas às relações econômicas, culturais, políticas e sociais e, sendo assim, a questão norteadora deste capítulo é: Qual a identidade de classe no que se refere ao trabalho dos moradores do Parque Hortência e da Vila Alta?

No terceiro capítulo, discutirei como os trabalhadores vivenciam e conceituam as condições de vida no bairro com relação à classe dominante. Problematizarei a violência e "má fama" dos bairros pesquisados. Não somente a violência física, mas, a moral, a estigmatização e a marginalidade da classe trabalhadora vivenciadas na prática por esses trabalhadores. Sendo assim, os dados referentes à violência da cidade de Guaíra são importantes, não como resultados de uma investigação mas, sim, como o início de uma problemática da qual procuro discutir neste capítulo, entendendo a violência como uma das expressões da contradição do capital intensificada na cidade. Como questão principal deste capítulo, proponho. Como a classe trabalhadora lida com a violência que parece "naturalizada" nos bairros onde vivem?

CAPÍTULO 1

A formação dos bairros de má fama

> *Aqui na Vila cresci aqui também me criei. Aqui pessoas conheci que no coração sempre levarei. Meu chão, minha terra, meu lar, dos braços abertos e das mãos estendidas, irei para sempre lembrar. (Daniela- moradora da Vila Alta)*

Neste primeiro capítulo busco problematizar a formação dos bairros, Parque Hortência e Vila Alta, a partir das trajetórias de vida dos trabalhadores que constituem estes espaços. Partindo da concepção de que suas experiências se difundem com a construção dos bairros, proponho a escrita deste capítulo como uma forma de compreender o processo de constituição do bairro no que se refere à vida destes trabalhadores. Através de entrevistas e documentos oficiais, procuro identificar suas primeiras angústias e suas incertezas ao irem morar nesses bairros. Considero necessário, na construção deste capítulo, discutir modos de luta e de valores da classe trabalhadora que mora nos "bairros de má fama" de Guaíra.

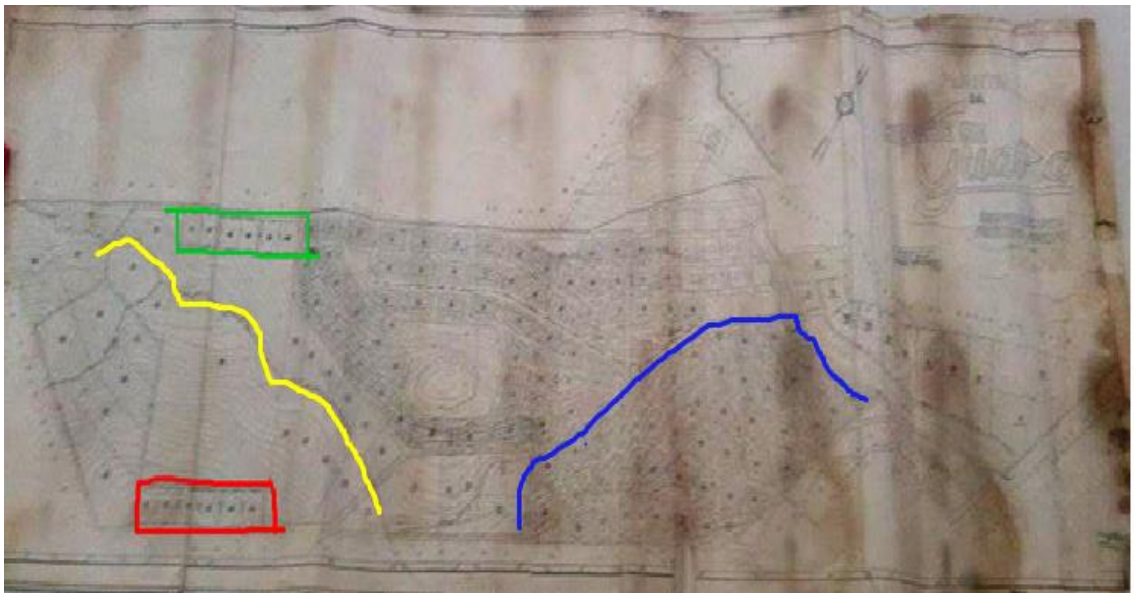
Começarei por apresentar a formação dos bairros a partir de alguns documentos oficiais e entrevistas com moradores mais antigos, de modo que suas histórias de vida coincidem com a própria história dos bairros. Os dois bairros aos quais me dediquei a pesquisar são resultantes de doações da Navegação da Bacia do Prata[11], que situada no município de Guaíra em 1955, para a prefeitura municipal. Conforme o documento de transferência abaixo:

> Certifico a pedido verbal de parte interessada que revendo neste Ofício, o Livro n°03 de Transcrição de Transmissões, nele constatei as fls. 049 e050 e sob o n°00136, feito em data 14 de janeiro de 1955, o Registro do imóvel denominado cidade de Guaíra, com as seguintes: CARACTERÍSTICAS E CONFRONTAÇÕES: Por este ato são doados todos os bens

[11]Navegação Bacia do Prata foi uma autarquia federal criada pelo Decreto-Lei nº 5.252, de 16 de Fevereiro de 1943, responsável pela navegação no Rio Paraná e Rio Paraguai. Em 17 de Abril de 1944, o então presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto n° 6428 que incorporava a Navegação Bacia do Prata às embarcações, a Estrada de Ferro Guaíra a Porto Mendes e, neste mesmo Decreto, é encampado o Distrito de Guaíra.

> adquiridos, pelo doador de Serviço de Navegação Bacia do Prata, constantes no registro n°032 do livro n° 03, deste Cartório, com exceção dos seguintes(...)[12]

Obedecendo a ordem das doações, foi feito o mapa abaixo, que é o mais antigo que a prefeitura municipal de Guaíra disponibiliza. O mapa é de 1952, época do primeiro prefeito de Guaíra, Gabriel Fialho Gurgel. Foi organizado de modo que é possível identificar as áreas territoriais que foram doadas, anos depois, pela Navegação. Os pontos destacados em vermelho se referem aos primeiros lotes da Vila Alta e o Parque Hortência está grifado em verde. Os lotes que aparecem neste mapa ainda não haviam sido desmembrados, ou seja, divididos, segundo relatou o responsável por habitação e infraestrutura da prefeitura de Guaíra, Valter Blahum[13].



Esta cópia do mapa foi cedida pelo setor de Infraestrutura e Habitação da Prefeitura Municipal de Guaíra em Junho de 2015. A área grifada em verde é o Parque Hortência; a grifada em vermelho é a Vila Alta. O trecho grifado em amarelo é a avenida principal que liga esses dois bairros, a Avenida Thomaz Luiz Zeballos; o grifo em azul representa a avenida principal da cidade de Guaíra, Avenida Mate Laranjeira.

Após o desmembramento, alguns dos lotes foram doados pela Prefeitura de Guaíra para moradores da cidade. Ao ser indagado sobre quantos foram esses moradores e quais os critérios de doação, Valter disse que não há nenhum registro dessas doações, mas que aconteciam para incentivar a ocupação desses dois bairros.

---

[12]Documento consultado no setor de Habitação e infraestrutura da cidade de Guaíra, República Federativa do Brasil, Registro de Imóveis, Comarca de Toledo- Estado do Paraná, Bernadete F.F.F. Hamilton (oficial resignado), 14 de Agosto de 1997.

[13] Entrevista realizada com Valter Blahum em 10/06/2015.

No entanto, é importante destacar que nenhum dos trabalhadores que entrevistei recebeu doações dos lotes, o que possibilita acrescentar neste trabalho que os moradores escolhidos para receberem as doações eram grandes proprietários na cidade de Guaíra que possuíam condições de construir casas e aumentar a especulação imobiliária destes espaços.

Conforme descrito acima, o documento de Registro de imóveis[14] comprova a aquisição por modo de doação pela prefeitura Municipal de Guaíra. Não há nenhum documento que detalhe os critérios do prefeito deste período, Gabriel Fialho Gurgel, para efetuar as doações dos lotes. Na busca de fontes, consegui um documento de doação de terras da prefeitura para Roberto Zeballos Rolon, proprietário de 261.708,4800m² de terreno, que foi uma das primeiras pessoas que desmembrou os lotes e vendeu parte da sua área na Vila Alta para seu novo proprietário, Sung Chang Keng. A família Zeballos foi grande proprietária de terras nas áreas pesquisadas. Prova dessa afirmação é a avenida principal que passa pelos bairros, a qual é denominada Avenida Thomaz Luiz Zeballos. Portanto, essa foi a forma de povoamento dos dois bairros: terrenos doados pela prefeitura para famílias que tinham condições de povoar e outros terrenos comprados por moradores da cidade.

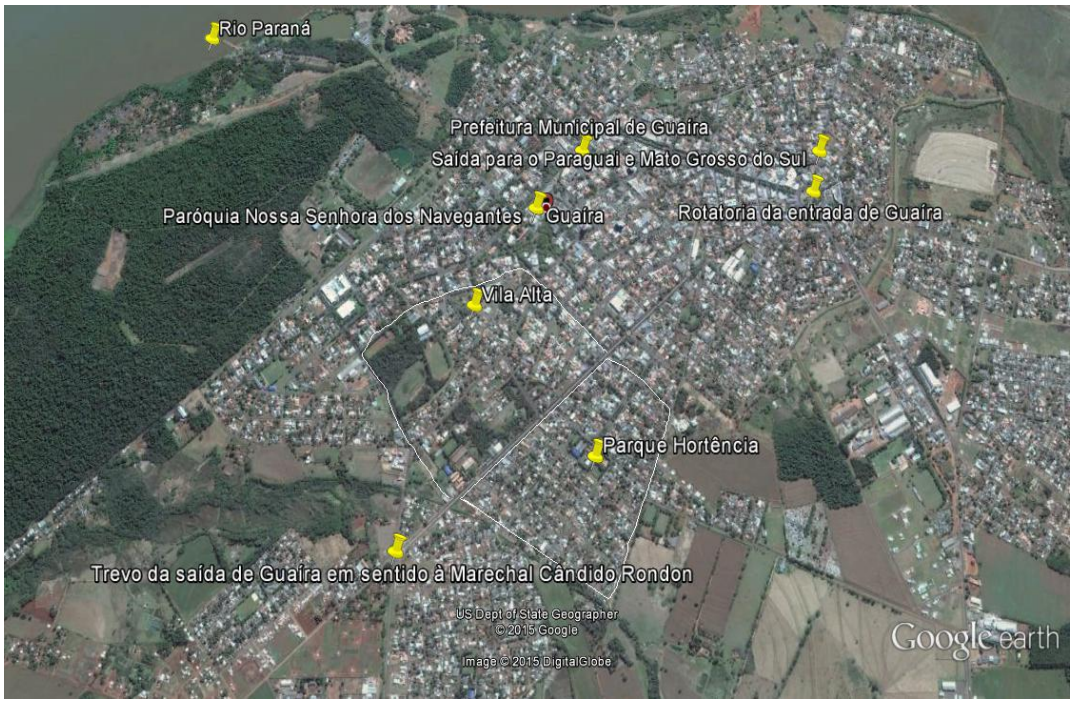
Segundo dados do IBGE[15], a cidade de Guaíra é constituída de aproximadamente 560,485 km^2 levando em consideração toda sua área territorial, tanto rural quanto urbana. Ao chegar na cidade de Guaíra, há duas entradas principais. Uma possibilita que nos direcionemos ao centro da cidade. A outra, que é bem menos movimentada, são as ruas que cruzam os bairros que pesquiso. Depois de alguns quilômetros do trevo da entrada de Guaíra, há propriedades rurais ao redor da BR até que se chega numa rotatória onde é possível chegar à Vila Alta de um lado e ao Parque Hortência de outro.

Se optarmos pela entrada principal do centro até a entrada dos bairros, gastaríamos aproximadamente 12 quilômetros até chegarmos à entrada da Vila Alta e aproximadamente 14 quilômetros até a entrada do Parque Hortência. Embora os bairros não sejam tão afastados do centro, ficam à margem da cidade.

No mapa abaixo, grifei em branco o espaço que se referem aos bairros pesquisados. O ponto que identifica a Vila Alta é a Escola Municipal Áurea Del Cortez

[14] Documento fornecido pelo setor de Habitação e infraestrutura da cidade de Guaíra, Registro de Imóveis, n° de matrícula 9.296, Cartório José Maria de Freitas Collin, 15 de Julho de 1991.
[15] Consulta realizada através do site http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php em Maio de 2015.

Benck (séries iniciais e fundamental), que na época em que foi fundada, em 1991, contava com 170 alunos e em 2015 conta com 217 alunos matriculados. O ponto do Parque Hortência é a escola municipal Amália Flores (séries iniciais e fundamental) que foi fundada em 26/04/1983 e contava com 150 alunos; atualmente estão matriculados 269 alunos.[16]



Mapa organizado por Joselene Ieda através do programa Google Earth em Junho de 2015.

Visto a localização geográfica através do mapa, começarei por identificar a formação de cada bairro.

1.1 Parque Hortência

Não há uma entrada específica com uma placa de acesso escrita "Parque Hortência". É possível, inclusive, nos direcionarmos até o bairro ainda na Avenida Thomaz Luiz Zeballos (que é a avenida mais próxima dos dois bairros que pesquiso), mas, para esta dissertação, entraremos na primeira rua que passa a rotatória que divide a Vila Alta do Parque Hortência. É uma rua que ainda não foi asfaltada, é constituída por pedras e há casas de ambos os lados. Nos finais de semana, quando ia realizar as entrevistas, percebia a diferença, pois os bairros estavam movimentados, ao contrário dos outros dias da semana, quando os bairros pareciam desertos. Segundo dados

[16] Dados adquiridos através do secretário municipal de educação Idivaldo Capatti, que entrou em contato com as secretárias das duas escolas municipais e que, através do Sistema SEBRE (sistema das escolas municipais), passaram os dados.

fornecidos pelo escritório do IBGE da cidade de Guaíra, no último censo ocorrido em 2010 havia 519 casas no bairro e a população era de 1560 moradores. No entanto, o responsável pelo IBGE afirmou que o crescimento da população do bairro aumentou de 15% a 20% até 2015.

De modo geral, visitando-os, participando de suas rodas de conversas e conhecendo as casas, pude perceber que são construídas humildemente através do esforço da própria família que se uniu e trabalhou nos finais de semana para agilizar o lugar de sua moradia. É possível que, ao caminhar no bairro, consigamos enxergar alguns cômodos, televisão ligada, pessoas na cozinha ou no pequeno terreiro fora da casa. Além de tantas casas, há mercearias, igrejas evangélicas e uma capela, lojas de roupa, mas todos esses comércios em ruas diversificadas, não há um ponto central no bairro. Há uma escola municipal denominada Amália Castagna Flores[17], onde os filhos de tantos trabalhadores que ali vivem estudaram.

Em uma das ruas no sentido vertical que cruza com a rua da escola fica a casa de Ana e de Paulo, uma casa de esquina com um muro alto, um lugar onde já estive outras vezes para entrevistar o filho e a nora de Ana, trabalhadores do frigorífico da Cvale de Palotina.

Ana é uma senhora de cinquenta e sete anos. Ao me receber em sua casa, me mostrou o que mudou desde o tempo em que estive lá pela última vez. Construíram uma casa para Estácio e sua esposa, seu filho mais velho que trabalha no frigorífico que entrevistei, e ampliaram a garagem onde Paulo guarda seu caminhão. Ana começa narrando que:

> Essa casa que a gente mora nós compramos de um senhor que disse que tinha sido ele que construiu, era um barraquinho na verdade de madeira, não tinha muitos quartos, mas o terreno era grande né? Aí nós veio morar pra cá era finalzinho de 1979 porque era mais barato, quase que não existia o bairro ainda. Hoje a gente vê esse tanto de casa, mas, naquela época, era mais pasto, ainda estavam vendendo de pouco os lotes né? (...) As primeira família que vieram pra cá que eu lembro foi a nossa e de mais umas pessoas do Paraguai, mas tudo já foi embora. É que na verdade eu também sou do Paraguai né? Mas eu nem sei

[17] Através da Ata da Câmara Lei n°707 a empresa Eletrosul- Centras elétricas do Sul S.A., doou o prédio por ela construído para a Prefeitura Municipal de Guaíra que o destinou para a instalação da Escola Municipal Amália Castagna Flores, documento assinado em 25 de maio de 1983 pelo prefeito Kurt Walther Hasper.

> te dizer quem eram direito porque a gente nem se cumprimentava, dava medo. (ANA, 2015, p.1)

Antes de se casar, ambos viviam em sítios, Ana viera do Paraguai assim como outros moradores que ela narra que encontraram uma oportunidade de se mudarem para Guaíra para um bairro em que as condições financeiras eram melhores para comprar a casa. Ana continua narrando: "Eu vim do Paraguai porque aquilo lá não era vida não. A gente passava fome trabalhando no sítio dos outros, se ficava doente, não tinha pra onde correr, morria ali mesmo. Aí vim embora pra Guaíra pra pode ter uma vida digna". Ainda hoje, é comum moradores do Paraguai se locomoverem para Guaíra para serem atendidos no posto de saúde, para fazer compras nos mercados ou até mesmo se mudam para Guaíra e vão todos os dias trabalhar no Paraguai, pois reclamam da ineficiência da saúde do país vizinho. O medo que Ana menciona tem uma conotação diferente do que aparece nas narrativas de alguns entrevistados que foram morar no bairro já nos finais da década de 1980. Ana e Paulo foram uns dos primeiros moradores, portanto o medo era derivado da falta de habitação no bairro, dos terrenos que estavam vazios e ainda sendo negociados para serem vendidos e pelo mínimo contato que tinham com seu vizinho, diferente do medo que é narrado atualmente, que deriva de crimes que acontecem no bairro.

Lendo as narrativas dos primeiros moradores do bairro, sentia a necessidade de estabelecer alguns pontos fundamentais de sua formação. Quando começaram a ser vendidos os lotes no Parque Hortência? Nas entrevistas, haviam experiências diferentes sobre as aquisições dos lotes, portanto, direcionando-me pelas entrevistas, encontrei uma Ata da Câmara, Lei n°554 de 18 de novembro de 1975 que menciona a autorização de vendas de lotes do Jardim Internacional, que é a parte mais antiga do Parque Hortência. Conforme segue:

> Art.1°. Fica o executivo autorizado alienar, por venda, os terrenos adquiridos do Jardim Internacional, classificados na categoria de bens dominicais. Parágrafo único: As vendas dos lotes poderão ser a vista ou a prazo, observando o preço mínimo de Cr$ 2000,00 por unidade[18].

[18] Documento consultado pelo site http://www.guaira.pr.gov.br/ no item "Câmara Municipal" em Junho de 2015. O documento se refere à Lei n°554 de 18 de novembro de 1975 assinado pelo prefeito Kurt Walter Jasper.

Essa lei se refere às terras do Parque Hortência, pois este bairro reúne várias ruas e o Jardim Internacional que neste período, era pertencente ao bairro. O valor que consta do preço dos terrenos já havia sido narrado em algumas entrevistas realizadas com os moradores como Ana, que menciona a ida para esse bairro pelo valor aquisitivo menor dos terrenos. Mas, o que significava dois mil cruzeiros neste período, sendo o salário mínimo referente ao ano de 1975 de Cr$532,80? Perguntei para um senhor que adquiriu nesta mesma época um terreno mais próximo ao centro da cidade e me disse que os valores comuns eram de CR$10000,00 por unidade. Portanto a vinda dos primeiros moradores estava relacionada à procura de lotes economicamente viáveis para construírem não somente suas casas, mas, suas vidas.

Em uma rua em direção à escola, outra casa que encontramos é a de Angélica, moradora do Parque Hortência desde 1981. Desde que se mudou para o bairro, vive nesta casa com seu esposo Manoel e, até três anos atrás, com suas duas filhas que já se casaram e não vivem mais no Parque Hortência. Angélica nasceu em Guaíra e morou até se casar em um sítio na localidade de São João neste mesmo município, juntamente com seus pais e seus sete irmãos. Quando entrevistei Angélica em 2014, estava com cinquenta anos. Relatou-me sobre sua experiência em ajudar a construir o que hoje chamamos de Parque Hortência, mas, que, na época, era "um monte de barro, sujeira, um monte de casinha fraquinha, hoje é outra história", como narra Angélica.

> Meu marido é caminhoneiro né? Aí foi difícil porque quando nós veio morar pra cá tinha muito mato, as casa era longe, os vizinho era como daqui ali na esquina sabe? Aí ele ia viaja durante dias e eu ficava sozinha, eu tinha medo porque nossa casa agora é grande, mas antes, era um barraquinho. A sorte foi que eu fiz amizade aqui né? (ANGÉLICA, 2014, p.2)

Angélica mudou-se para o bairro dois anos depois de Ana e já menciona que fez amizade com os outros moradores que ali estavam localizados. A vinda de mais moradores implicou que começassem a ter mais contato uns com os outros. Portanto, se no início do bairro não se olhava para o vizinho por medo de quem pudesse ser, um, dois anos depois, era uma forma de sobrevivência saber quem morava na mesma rua. Estes laços que se estendem até hoje, quando fui entrevistar Angélica, ela estava cuidando do neto de uma vizinha e disse "esse menino é da família já!" São estas relações, resultantes de anos vividos no Parque Hortência e pelas semelhantes

necessidades que essas famílias passaram, é que se pode afirmar que um dos caminhos encontrados como solução foi o da solidariedade entre as famílias.

> Ixi, quando nós mudamos pra cá foi nossa primeira casa na cidade né? E como compramos aqui por ... não lembro o preço, mas foi barato. Aí nunca mais saímos. Porque se a gente precisasse de um sal, um óleo, era longe de ir lá na cidade, comprar. Aí depois que foi vindo mais família, até energia veio, mercado... aí a gente foi virando mais amigo dos outros também e aí eu nunca mais quis sair daqui e acho um lugar muito bom de se viver. (ANGÉLICA, 2015, p.1)

A entrevista com Angélica implica na discussão de alguns assuntos importantes para compreender a história inicial do bairro. Primeiro, sua entrevista afirma mais uma vez o valor aquisitivo dos terrenos para famílias que facilitava para aqueles que procuravam um lugar para viver; por segundo o aspecto do companheirismo entre os moradores do Parque Hortência da década de 1980 e como se relacionavam com o restante da sociedade. O bairro nunca esteve fora da cidade geograficamente, mas, para Angélica, "ir lá na cidade comprar" tem uma diferenciação do lugar que ela ocupa, entendendo que o que considera por cidade é o centro, onde há mercados, casas maiores, ruas asfaltadas, movimentação. Na entrevista de Angélica, o povoamento do bairro não acontece apenas pela vinda de moradores, mas pela presença de alguns comerciantes- é o que diz respeito ao "progresso" do Parque Hortência. A entrevistada utiliza uma comparação do que entende por cidade, afirmando que o bairro só se tornou pertencente à cidade quando aderiu a estes aspectos.

Seguindo a rua da casa de Angélica, há uma subida bastante extensa no bairro em direção ao campo de futebol e ao centro comunitário. Ambos ficam na mesma rua que a escola. Nesta subida, encontramos a casa de Chico, que mora no bairro desde 1982. Hoje, Chico tem 62 anos e é aposentado, mas ainda trabalha em sua casa como técnico em eletrônica. O entrevistado veio de longe: nasceu em uma cidadezinha chamada Lagoa Baixa, em Minas Gerais, a 1.373km² de Guaíra. Conversar com Chico é compreender que grande parte de sua vida foi de experiências morando no sítio, algumas vezes de propriedade de sua família e em outras vezes de pessoas para as quais trabalhou.

Os pais de Chico mudaram com seus sete filhos para algumas cidades e Estados diferentes como São Paulo, Minas Gerais e Paraná, em busca de melhores condições de

trabalho, por vezes sonhando em conseguir juntar dinheiro e comprar um sítio novamente. Depois de anos de trabalho, compraram um sítio na cidade de Terra Roxa (cidade vizinha do município de Guaíra), há 44 anos atrás, quando Chico conheceu Joana, sua atual companheira.

> A vida mais bonita nossa era no sítio, né? No sítio, a gente com seis anos já trabalhava. De um jeitinho ou de outro a gente já trabalhava. Eu com seis anos subia na cerca e ficava chamando o gado e aí de tarde vinha e fechava a porteira e meu pai separava os bezerros; aí depois que eu já era mocinha eu não gostava muito de ir na roça, né? Aí eu ficava com a mãe pra cuidar das crianças e espalhar café no terreirão junto com a mãe e aí a gente ia lá espalhava café e depois juntava, tinha que secar né? Teve uma época que era o feijão... e sempre trabalhando. Aí, depois que conheci o sr. Chico (risos), eu tinha 13 anos, né? Josefa (irmã de Joana) estava operada... e no sítio o pessoal tem esse costume de nem conhecer mas ir visitar quando ouve falar que a pessoa está doente. Aí ele disse que quando me viu já pensou "eu quero me casar com essa daí". (risos) (JOANA, 2014, p.7)

Esta fala acima é o início da história de Joana, mesmo sem saber quais os rumos que tomaria a narração, já pude identificar que haviam passado por dificuldades, pois a vida no sítio, que é caracterizada como "a mais bonita", já não era uma "vida fácil", então o que viria pela frente na história narrada por Joana seriam lembranças de momentos difíceis.

A história do casal foi repleta de dificuldades. Joana tinha treze anos e Chico dezenove quando se conheceram e começaram a namorar. Por sua família ser contra o namoro, Joana e Chico decidiram fugir e morar juntos. Foi aí que se intensificaram ainda mais as dificuldades. Sem ter casa e sem trabalho fixo, foram trabalhar no sítio de vizinhos em troca de casa e comida. Deste modo, foram construindo sua família, através de muito esforço e de muito trabalho.

Através da fala de Joana, fica exposta sua primeira intenção em permanecer morando no sítio, mesmo depois de casada. No entanto, sua vida tomaria outros rumos. Um mês depois de terem se casado, Joana engravidou. Chico, que trabalhava no sítio, disse que precisou dobrar seus serviços. Nos meses finais da gestação, Chico recebeu uma proposta de um fazendeiro para ir trabalhar em Iporã. No entanto, como a gravidez de Joana havia sido de alto risco, mesmo após o parto, ocorreram implicações durante

sua dieta, o casal optou por mudar da zona rural para a zona urbana em Iporã, visando maior facilidade de se locomover até o hospital.

Um amigo do casal que acompanhava de perto as dificuldades convidou-os para irem morar em Paranavaí, prometendo-lhes conseguir emprego. Quando já estavam estabilizados na cidade de Paranavaí, seu primeiro filho, com apenas dois anos, faleceu de choque anafilático (reação alérgica de medicamentos), o que tornou ainda mais triste a história do jovem casal trabalhador que havia mudado para a cidade justamente para facilitar a ida ao hospital.

> Aí, parece que a vida acabou tanto para mim quanto para ele. Aí foi quando nós veio porque parece que não tinha jeito de nós ficar morando lá mais. Isso foi no ano de 1976. Foi a parte mais difícil de toda a nossa vida. (...) Aí, eu fiquei muito angustiada com a morte do neném e o nascimento da minha filha porque foi muito difícil. O médico deixou passar da hora daí ela não nasceu normal. Aí eles tiveram que forçar o nascimento dela e meu útero saiu e eu fiquei muito doente e bem fraquinha. Aí, foi a época que nós foi embora para Maringá. (JOANA, 2014, p.9)

O "mudar para a cidade de Maringá", que aconteceu no ano de 1978 teve um significado maior do que apenas ir de uma cidade para outra. A angústia de quando Joana narra a perda de seu filho, mesmo depois de tanto tempo, demonstra a dor de uma mãe ao ver o filho morrendo e não ter condições de fazer nada. Ir para outra cidade significava romper, deixar para trás uma história triste, lembranças que feriam e ir em busca de algo novo. Conforme narrado acima, o nascimento do segundo filho do casal também foi difícil pela experiência triste e traumática que haviam passado em perder o primeiro filho e pelos problemas de saúde que esta filha tinha.

"Nós chegamos em Maringá e se inscrevemos pro sorteio da COHAPAR"[19], essa narrativa de Joana demonstra que o casal não tinha pretensão de ir embora desta cidade, planejavam construir uma nova vida naquele lugar. Trabalhar e comprar a casa própria representava uma perspectiva de permanecer naquela cidade.

Depois de um ano de espera, foram sorteados em 1979, mas, de acordo com as exigências da COHAPAR, o salário de Chico não era o suficiente. Isso condicionou Joana a ir em busca de um trabalho. Foi o primeiro emprego de Joana na cidade que, até

[19] Companhia de Habitação do Paraná.

então, havia trabalhado apenas no sítio de seu pai e agora se tornara arrumadeira na casa do chefe de Chico, que trabalhava de zelador na empresa de ônibus Expresso Maringá.

> Aí, nós dois fomos lá e com nossos dois salários, tiramos nossa casa. Foi uma alegria, meu Deus do céu! Nossa casinha... foi muito bom! Isso foi uma coisa muito boa pra nós. Nós três na nossa casinha, até a Antonia (filha mais velha do casal) que era um toquinho de gente já entendia "ai eu tenho um quartinho só pra mim" ela falava (risos). Nós ficamos lá bastante tempo. Aí, o Chico saiu do Expresso Maringá e o serviço que ele começou a trabalhar era muito longe para ele ir. Ele tinha que todos os dias andar quilômetros de bicicleta para ir chegar no serviço. Aí, João (irmão de Joana) falou para ele que se ele quisesse vim para Guaíra ia ensinar ele a trabalhar como técnico (de eletrônica). E aí o Chico falou que ia pensar. Aí, pensou um pouco e logo nós viemos pra cá. Foi aí que começou a história do nosso bairro. (JOANA, 2014, p.13)

Chico pediu demissão do Expresso Maringá porque tinha encontrado um emprego de faxineiro em que seu salário era maior. No entanto, havia a dificuldade de se locomover, já que precisava acordar três horas antes de começar a trabalhar para conseguir chegar a tempo. Embora tenham conquistado a casa própria em Maringá, quando Joana menciona sobre a dificuldade de Chico se locomover até seu trabalho todos os dias, possibilita pensarmos que também passaram por problemas na cidade de Maringá. Aceitar o emprego que o irmão de Joana havia proposto significava voltar e estar perto da família. Para Joana, esse é o fato principal que circunscreve o início da história do bairro. Embora houvesse famílias antes da chegada de Chico e Joana no Parque Hortência, a entrevistada julga que são importantes para a própria formação do bairro e o papel que exerceram neste processo.

Assim como outros trabalhadores que entrevistei, Joana e Chico procuraram na migração a solução dos problemas, justificando repetidas vezes esta ação com "a gente tinha o sonho de ter uma casinha, né?". No entanto, além do convite do irmão de Joana, houve mais um motivo para a vinda da família à Guaíra. Joana remete à volta direcionada aos sonhos de seu esposo Chico com Nossa Senhora.

> Ai, um dia ele disse que rezando de noite, ele ajoelhou na cama e rezou bastante, pedindo pra Deus uma orientação. Aí, quando ele dormiu, ele sonhou que Nossa Senhora de Fátima vinha e falava pra ele: "volta pra Guaíra, é o melhor lugar que tem pra

> você é lá, volta pra lá". Aí ele acordou e falou pra mim e eu falei: "Ah, Chico isso é sonho." Aí ele falou: "é, mas eu tinha pedido." Assim de uma maneira ele tinha pedido um jeito porque ele estava muito triste lá. Aí, eu que sou catequista a vida inteira, dei essa resposta pra ele "sonho é sonho" (risos) Aí ele dormiu no outro dia e disse que sonhou de novo, ela vinha e falava: "volta pra Guaíra, mora só pra lá do córguinho", e só, falava pra ele. E disse que falou pra ele assim: "não é só um sonho, eu estou respondendo sua oração; volta pra Guaíra mora do lado de lá do córguinho, não vai te faltar nada". (JOANA, 2014, p.8)

Essa afirmação tem diversos significados. Primeiro, considerando que foram para outra cidade para conquistar uma vida melhor baseada em conseguir um emprego que possibilitasse comprar uma casa e sustentar sua família, voltar sem nada representava um fracasso para Chico, que era um trabalhador que passou a maior parte de sua vida fazendo apenas uma coisa: trabalhando. Segundo, atribui à vida no Parque Hortência como um presente divino, portanto, ao comparar com os demais lugares que viveram, tentam enxergar ali como o lugar abençoado e preparado por Deus.

Podemos compreender o papel da religião na vida de Chico e Joana. As demais falas indicam que houve dificuldades também enquanto moraram em Guaíra, principalmente nos primeiros anos. Mas, dessa vez, para além de expectativas do casal, havia o sonho com Nossa Senhora que, para a família, teve um valor simbólico significativo. Se realmente o sonho foi norteador de suas escolhas, não posso afirmar concretamente, mas, o casal nunca mais se mudou do Parque Hortência.

Em sua narrativa, Joana afirma que logo nos primeiros anos que começou a viver no bairro (década de 1980), os moradores do Parque Hortência tinham uma horta comunitária. Cada morador ajudava com aquilo que podia plantar e todos que por lá passavam recolhiam frutas, legumes, saladas e assim aconteceu durante alguns anos enquanto os lotes não eram vendidos. A horta comunitária tem um papel significativo, já que representa um mecanismo para superar as dificuldades que estavam presentes na vida dos primeiros moradores do bairro.

> Ixi! Era mandioca, era milho, era.... tudo! Virou tudo roça! Nós morava tudo no meio da roça (risos). Você nem sabia de quem que era a data, olhava se estava vazia e se estava já plantava. Nós plantou algodão, nós plantou milho e nós plantou mamona. Arroz não dava certo porque a gente criava um monte de galinha e elas comia tudo. (...) Nós plantou uma bananeira aqui que toda

> semana nós comia banana madura. Era um cacho por semana! Os outros roubava, eu dava, eu comia e mesmo assim tinha banana. O Chico foi o plantador de banana do bairro! (JOANA, p.14, 2014)

Chico lembra-se dessas histórias e no meio da entrevista com sua esposa, satiriza dizendo "se pudesse recolher somente o que eu tinha plantado a gente ia sobreviver comendo banana", mas, "aquilo que pouco sobrava pra uns, muito faltava para outros". Deste modo, "ajudando uns aos outros não ia ter necessidade de roubo no bairro", é compreensível que ao mesmo tempo em que estavam ajudando as outras famílias, também estavam recebendo ajuda. Foi um mecanismo criado pelos próprios moradores para que não morressem de fome e para que acabassem os roubos e assaltos no bairro.

Ainda sobre a formação dos bairros, o casal tem muitas histórias para contar. Acompanharam muitas mudanças no Parque Hortência e a frase de Chico "agora aqui está um bom lugar pra se viver" remete não apenas às melhorias que aconteceram em sua vida, mas também ao fator da violência, a qual ele aponta ter diminuído. Em uma das falas de Joana, já citadas acima, ela menciona sobre o convívio entre as pessoas do sítio em ir visitar umas às outras quando estavam doentes, como gesto de solidariedade às famílias. Ao ir morar na cidade, estes aspectos se tornaram quase que inexistentes. Por diversas cidades que passaram, pouca foi a ajuda que receberam. Então, a horta comunitária tem um significado ainda maior na experiência de Joana: é uma demonstração que entre os moradores havia uma decisão coletiva de não permitir que ninguém passasse fome e essa é uma afirmação que se contrapõe à má fama do bairro em que vive há mais de trinta anos. Visto deste modo, isso se torna uma memória feliz e de coletividade.

Outro momento de alegria compartilhado entre os primeiros moradores foi a instalação de energia elétrica:

> Depois que fez a escola no ano de 1983, depois vinha a missa na área da escola, ali cabia todo mundo e sobrava lugar. Aí junto com esse colégio veio a luz, porque ninguém tinha luz, era sem luz.(...) Nós chegou no ano de 1982 e a luz chegou no finalzinho, pro Natal de 1983. Todo mundo instalou as casas, né? Deixou tudo instaladinho as luzes, daí nós saiu de casa e eles falavam "qualquer dia, qualquer hora, essa luz vai ser ligada". (...) Aí quando nós chegamos estava tudo pronto, tudo aceso, ai meu Deus! Nós dávamos pulo de alegria. (JOANA, p.2, 2014).

Em uma das Atas da Câmara Municipal de Guaíra n° 695 de 03 de Junho de 1982, há a aprovação da instalação de energia elétrica para o Parque Hortência. Porém, através da narrativa de Joana, identifiquei que somente um ano depois é que se concretizou a instalação. A expectativa narrada por Joana era imensa, ela narra que havia saído e, quando retornou para sua casa, havia sido instalada a energia elétrica. Um fator, mesmo que esperado, gerou surpresa e algumas rodas de conversa e troca de sorrisos, quando foi efetivado. Para a família de Joana, a falta de energia elétrica causava um grande desconforto, afinal, já tinham morado em outros lugares que possuíam energia elétrica. Segundo o relato da moradora, o bairro, mesmo ocupado, só foi possuir energia elétrica um ano depois devido ao descaso da prefeitura municipal, já que se tratava de trabalhadores. Em outros bairros da cidade de Guaíra já havia energia elétrica, Joana justifica da seguinte forma "lá é bairro mais no centro né? Aqui a gente era visto quase que rural". A energia elétrica só foi instalada após reclamações dos moradores na prefeitura juntamente com o aumento populacional do bairro.

Depois de ler e reler a entrevista de Joana várias vezes, entendi que o marco fundamental para demais conquistas para o bairro foi o colégio. A energia elétrica foi instalada quando foi terminada a construção da escola em 1983, e diversas atividades eram realizadas no pátio da escola, ou seja, a escola tornara-se o ponto de referência do bairro. Conforme podemos observar:

> Joana: primeiro fez um bocado de casa quando fez o colégio isso em 1983, aí deu uma parada. As pessoas criaram mais coragem, várias pessoas que eram do Paraguai veio morar aqui. Pelo menos umas trinta famílias que vieram do Paraguai eu conheci. Vieram por causa do colégio, pras crianças estudarem. Aí também parou, porque aqui, Jô, tinha muito tiroteio. Você estava dormindo de noite assim e você só escutava... parecia pipoca! Mas muito mesmo! No tempo em que essas casas eram tudo longe... tinha quatro família aqui de gente muito perigosa. Os que fazia o movimento feio do bairro eram essas quatro famílias. Aí o Canarinho que é uma pessoa que conhece todo mundo disse que quando essas quatro famílias saíram acabou.
> Joselene: e essa época de tiroteio foi de mais ou menos quando?
> Joana: Vixi! De 1982 até 1995, aliás 2000. Agora raramente você vê. Quando foi de 2000 pra frente acalmou e encheu de casa. (JOANA, 2014, p.15)

Canarinho, que é mencionado na narrativa de Joana, é proprietário do bar mais antigo no bairro. Portanto, o intuito de Joana ao mencioná-lo, é o de atribuir consistência em sua afirmação, pois, Canarinho é observado pelos outros moradores como aquele que sabe de histórias que compuseram a formação do bairro. Através da fala de Joana, pude compreender que a má fama do bairro é baseada em uma violência também avaliada pelos moradores. Joana estava narrando sobre as melhores condições do bairro, mas, houve uma mudança de assunto quando fala sobre o aumento da população do bairro e o relacionando com o aumento da violência.

O aspecto da violência foi mencionado em várias entrevistas. Portanto, dedicarei o terceiro capítulo para discutir mais afinco este assunto. Porém, pude observar nas entrevistas com as famílias que vieram recentemente morar nos bairros que o medo da violência é maior do que as que já convivem com tais realidades há mais tempo. Não se trata apenas de comentários, mas de experiências de violência vivenciadas concretamente. No entanto, por vezes, parece uma justificativa condizente dizer que os bairros da classe trabalhadora sejam os bairros "do perigo", "da malandragem", vistos como "depósitos de acertos de conta", acabam por se tornar negativos perante a sociedade. "É que as vezes o crime acontece, mas acontece de gente que vem de fora acertar as contas aqui né? Por ser mais longe da cidade, eu acho que é por isso", afirma Chico.

Por que a violência se intensifica nos bairros dos trabalhadores? Justamente por ser um bairro que, desde a sua formação, contou com pessoas que vinham de diversos lugares, seja de outros bairros da cidade de Guaíra, seja de outras cidades ou até mesmo do Paraguai, como narrou Joana. Sendo assim, esse aspecto também faz parte da formação do Parque Hortência.

Conhecer histórias como a de Joana e outros moradores que entrevistei e que construíram parte de suas vidas nestes bairros, é compreender que, na prática, a luta pelo espaço urbano toma outras dimensões. É uma luta contínua, começa quando a família consegue uma casa para morar, depois disso, os problemas não acabam; constantemente é preciso melhorar, modificar a casa, aumentar um quarto, colocar portão ou consertar aquela janela que há anos precisava de um vidro novo. Esses são somente os desafios da moradia, mas, como mencionado acima, há dificuldades envolvendo violência, falta de estrutura nos bairros, distância do bairro até o trabalho, entre outros obstáculos corriqueiros.

Chico e Joana vivem há dez anos na casa em que os visitei, a casa é própria. Porém, faz trinta e três anos que moram no Parque Hortência. Através das entrevistas, pude entender que a jornada foi longa até conseguirem se estabilizar, até encontrarem um emprego e, mediante isso, conseguirem uma casa para morar. As dificuldades estiveram presentes e ainda estão na vida destes trabalhadores. Dificuldades tais como, passar fome, perder um filho pequeno por não ter condições de levar a um médico especialista, morar em lugares humildes e a incerteza de que teria comida no outro dia.

Durante a década de 1990, Chico pediu demissão de seu emprego como técnico em eletrônica e decidiu organizar dentro de um cômodo de sua casa uma eletrônica própria. No entanto, foram anos difíceis para o casal, pois não havia muito trabalho para Chico no bairro como técnico em eletrônica, Joana estava trabalhando como costureira e sentira as primeiras dores de uma doença que se agravaria anos depois. “Foi uns dez anos de nossa vida de muita pobreza, quase que miséria mesmo”, relata Chico.

A história de luta não para por aí. Chico narra que alguns vizinhos, vendo as dificuldades que estavam passando, os convidaram para juntarem-se a eles no acampamento sem terra na cidade de Iguatemi. Mesmo sem condições de levar objetos para montar seu próprio barraquinho, Chico aceitou e ficou de 2006 a 2008 no acampamento no Mato Grosso do Sul, dividindo sua barraca com um rapaz que, na época, tinha vinte e cinco anos e que também era morador do Parque Hortência, e seu pai que tinha cinquenta e dois anos. Chico narra que, com o sonho de voltar a viver no sítio e poder tocar uma lavoura para subsistência, cedeu ao convite. No último ano em que esteve no assentamento, desenvolveu uma doença que o obrigou a retornar para Guaíra para se tratar e Joana foi viver no acampamento, mas, conseguiu ficar somente cinco meses. Relatam como essa experiência marcou profundamente suas vidas, pois, quando retornaram sem conseguir o pedaço de terra, a vida precisou recomeçar. A diferença foi que os filhos haviam crescido e trabalhavam para ajudar nas despesas de casa.

Algo interessante para a análise da entrevista é que, quando Joana mencionou o acampamento, Chico aproximou-se e falava sobre as péssimas condições que aguentou no assentamento por “ser homem de verdade e ter uma família pra sustentar” e mediante isso, voltaram a falar sobre o início da vida do bairro, que é o período em que consideram mais difícil de suas vidas: “as crianças eram pequenas e tinha muita violência aqui”. Ou seja, retomar a memória do período em que estiveram no acampamento sem terra, implicou em comparar com os piores momentos vividos pela

família. Chico e Joana utilizaram de uma memória comparativa sobre lembranças da vida no bairro com lembranças da vida no acampamento e isso atribuiu um forte significado ao destacarem que, apesar de todas as dificuldades, a vida no Parque Hortência foi melhor.

Deste modo, a memória dos lugares da classe trabalhadora é repleta de significados. O casal entrevistado sente-se pertencente ao espaço do bairro, ao contrário de como se sentiam no acampamento do MST. Um dos exemplos disso é que Joana me explicou que quando um morador já antigo do bairro falece, se era uma "pessoa honesta", vira nome de rua. A trabalhadora diz que tem o sonho de "fazer história" no bairro e assim, quem sabe um dia, virar nome de rua.

O nome da rua onde localiza-se a casa de Chico e Joana é Vitória Bittencourt, ex-moradora daquela mesma rua que faleceu na década de 1990 e que é vista como exemplo de moradora que lutou por melhorias para o bairro, que ajudou tantas famílias novas quando mudaram para o Parque Hortência. Isto não acontece com todas as ruas do bairro, pois, algumas ainda são definidas por numeração como "Rua n°8", mas, algumas ruas, como a que Joana mora, possuem identificações com o nome dos antigos moradores, conforme narrado.

As mudanças que pude perceber serem narradas nas entrevistas são referentes às próprias modificações de experiências dos trabalhadores. Um exemplo foi Joana que, com seu trabalho de costureira em 2007, pôde ajudar a reformar a casa. Primeiro cobriram a lavanderia que até então não tinha teto e impossibilitava que Joana pudesse lavar roupa no período da noite, o horário em que tinha tempo para realizar as tarefas de casa; depois, aumentaram a cozinha e construíram mais um quarto. A casa é toda de madeira, depois de mais de dez anos morando na casa, conseguiram pintá-la e compraram alguns móveis novos. Joana afirma que "quer colocar um portão só que o Chico está querendo fazer ali na frente de casa um centro comercial pequeno, mas, que possam vender espetinhos durante o período da noite". Enfim, depois de tanto trabalho, conseguiram terminar de ajeitar sua casinha, mas Joana afirma que "ainda temos que melhorar muito aqui em casa", referindo-se à infraestrutura.

No que se refere às mudanças vistas no próprio bairro pelos moradores, um dos lugares em que se baseiam é na capela do bairro, Santa Rita de Cássia.

> Aí falou: vamos fazer um centro comunitário decente que aí tranqueira não vai botar a cara! Aí começou, aí arregaçou a

> manga tudo nós né? Ia pedindo na avenida, daí fazendo festinha, fazendo bingo, fazendo isso e fazendo aquilo. Aí a gente começou e vendeu aquelas madeiras, arrancou tudo ali, aí o neguinho doou um terreno e aí a gente começou fazer de pouquinho já, as homaradas do bairro cada um dava um dia de serviço, aí começou a construir, aí um vai, outro vai, nisso as festas nossa já deu um dinheirinho, fazia as festas dentro do colégio. Aí já deu pra pagar mas ficou faltando a cobertura, porque a cobertura foi feita de ferro né? Ai fez aquilo ali e botou as portas e falou vamos estreiar com uma festa e um baile. Aí falaram "tem que trabalhar Joana", e o medo? Quase morri (risos). (JOANA, 2015, p.8)

Nas entrevistas houve menções ao aspecto de comunidade que o bairro foi adquirindo ao longo dos anos. O terreno da capela e do centro comunitário foi doado por Rafael Kotovicz[20] para a Paróquia Nossa Senhora Aparecida (matriz a qual pertence o Parque Hortência) em 04 de Julho de 1984, conforme consta na Ata da Câmara. O centro comunitário que havia até então era o mesmo onde se realizavam missas, orações, encontros, mas, também, era onde se organizavam as festas do bairro, os bailinhos e onde aconteceram brigas e até mesmo mortes. Joana narra que foi necessário diferenciar o salão de festas da igreja, pois, eram costumeiras as brigas nas festas do centro comunitário e por isso quase não realizavam festas da capela com o medo de que acontecessem brigas. Porém, o salão de festas da igreja é do lado do salão do centro comunitário. As pessoas que vão às duas festas são praticamente as mesmas, com a diferença de que "festa da igreja as pessoas respeita", como menciona Joana, afirmando que nunca houve brigas e nem tiroteios nas festas da capela.

A capela foi construída em 1985, no Parque Hortência e aparece em várias histórias como um lugar importante e que marcou a vida das pessoas. Não só pelo fator religioso, mas por ter sido um dos primeiros lugares coletivo dos trabalhadores para os trabalhadores. No início do bairro, conforme foi narrado por Joana, tudo se concretizava na capela. Portanto, entre os anos de 2007 e 2008, os moradores novamente se uniram e decidiram reformar a capela e o centro comunitário.

> A gente fez várias feiras de roupa usadas, ainda faz de vez em quando ainda. Aí fazia assim churrasco, pastel, binguinho e as pessoas trabalhando. Bento trabalhou ali, nossa! Como esse meu

[20] Documento consultado pelo site http://www.guaira.pr.gov.br/ no item "Câmara Municipal" em Junho de 2015. O documento se refere à Lei n°742 de 04 de julho de 1984 assinado pelo prefeito Kurt Walter Jasper.

> irmão trabalhou! Do começo ao fim. Meu Deus do céu! Ele ficou com um problema no pé de tanto que ele trabalhou por essa capela, trabalhava direto, direto. (JOANA, p.10. 2014)

Joana menciona um senhor que desenvolveu uma doença nos pés de tanto carregar tijolos para a construção da igreja, mas isso é visto como motivo de orgulho, já que todos reconhecem a importância que teve o trabalho deste senhor. Acredito que em um bairro sem muitas construções, a capela representa o espaço daqueles trabalhadores. É o lugar onde marcam de se encontrar e, inclusive, é o local de mais fácil identificação, quando marquei as entrevistas foi o lugar apontado para nos encontrarmos. A capela seria o antagonismo daquilo que são as casas do bairro. Na capela tem ar condicionado, na maioria das casas não tem; na capela a pintura é nova, a maioria das casas não são pintadas há anos; a capela se tornou para aquele bairro um lugar de "luxo", a maioria das casas não são.

> Eu sempre participei das missas, dos encontros na capela aqui do bairro né? Sempre ajudei nas festas, em tudo que precisava. Aí quando a gente se uniu todo mundo e foi atrás pra reformar a capela, eu comecei a perceber que o meu trabalho estava ajudando aqui e comecei a sentir que eu era importante. Foi aí que eu decidi começar a trabalhar fora, depois de anos, só tinha trabalhado na roça né? Aí decidi ser costureira.(ANGÉLICA, 2014, p.3)

A capela é mencionada em outras entrevistas que irei contextualizar neste trabalho. Porém, na narrativa de Angélica, ela é citada com um aspecto novo, o trabalho prestado à comunidade fez com que se sentisse útil e que decidisse sair de casa- em busca de um emprego com a carteira assinada. Na entrevista de Angélica, é interessante notar não somente o sentido de comunidade que a capela representa para os moradores, "a gente se uniu", mas a própria contribuição individual em que despertou em Angélica "sentir que eu era importante".

Não houve investimento público nas reformas. O que aconteceu foi que os moradores, em um final de semana, se reuniram e propuseram-se a reformar a capela. Sendo assim, fizeram pedidos aos comerciantes da cidade e receberam algumas doações, de modo que nos finais de semana, quando chegavam de seus trabalhos, se reuniam nos sábados à tarde e domingos, e construíram a igreja.

Há um contraponto utilizado em relação aos jornais e as falas de demais moradores da cidade de Guaíra. “A capela sempre está cheia”, é a fala de Angélica, que interpreta as experiências do bairro diferentemente de outros moradores, afirmando que “aqui tem muita gente boa”. Se a capela está cheia, logo, considera-se o fato de pessoas de bem morarem naquele lugar, ou seja, a Vila Alta não tem “só bandido”.

Joana narra na entrevista a dificuldade que era não ter um bom espaço para realizar as atividades da capela e compara a “vida melhor” que tem agora no bairro, mencionando as modificações que foram realizadas na própria capela pelo esforço dos moradores. Ao dizer que sentiu medo em ir trabalhar numa festa comunitária, resgata em sua memória as festas de anos passados que “davam muita briga e morte”. Portanto, havia objeções entre os moradores de realizar ou não mais festas. Ao mencionar que não aconteceu mais nada (referindo-se à violência), confirma sua narrativa inicial da entrevista, “agora está muito melhor para morar aqui”.

1.2 Vila Alta

Na entrada do bairro há o único asilo da cidade, “Lar São José”, de um lado e do outro há muitas árvores, plantações e no meio disso tudo, a aldeia indígena “Tekohá Porã”. Essa rua “principal” é asfaltada e parece que o bairro todo será assim, como as primeiras casas que nos deparamos. Segundo dados, do escritório do IBGE de Guaíra, em 2010, que foi o último censo realizado, foram somadas 344 casas na Vila Alta e 1159 habitantes, mas o crescimento até 2015 foi de 15% à 20%.

As primeiras ruas do bairro foram constituídas com pedras cerca de dez anos atrás e até hoje não foram asfaltadas. Há um “ponto central” no bairro, que é onde se localiza a capela e o centro comunitário. É aí que Carolina me recebe, pois, era mais fácil explicar onde era a capela do que sua casa e logo entendi o porquê. Seguimos por ruas estreitas e cheias de casas, uma ao lado da outra e bastante semelhantes, construídas em lotes proporcionais do mesmo tamanho, exteriormente todas do mesmo modelo. Em uma dessas casas de BNH é onde Carolina mora, juntamente com seu esposo Edson e sua filha Luciana. Carolina tem 56 anos e mora na Vila Alta desde que se casou e saiu da casa de seus pais em Guaíra. Conseguiram comprar a casa pela COHAPAR (Companhia de Habitação do Paraná) através de sorteio[21] em 1986.

[21] Ao entrar em contato com a COHAPAR pelo site www.cohapar.pr.gov.br e questionar sobre os procedimentos precisos para participar do sorteio e se há condições que fazem com que algumas pessoas fiquem na frente de outras para o sorteio, uma funcionária da COHAPAR respondeu que “Qualquer pessoa pode se inscrever para obter casa. Quando o programa é para atender baixa renda as famílias são

Carolina é professora aposentada há sete anos. Trabalhou trinta e dois anos e, até conseguir sua aposentadoria, atuava nas séries iniciais. Uma das escolas em que trabalhou foi a Amália Flores, que fica no Parque Hortência. Mais tarde, quando foi construída a escola na Vila Alta em 1991, Carolina conseguiu emprego e finalizou seus anos de professora de 1991 a 1997, ministrando aulas na escola Áurea Benck, no seu próprio bairro.

Carolina explicitou um pouco de sua trajetória de vida e relembrou alguns dos momentos difíceis que enfrentou com seu esposo quando vieram morar na Vila Alta. "No início eu chorava toda vez que tinha que sair de casa", mas, hoje, me diz isso sorrindo, já que "a vida está muito melhor, aqui mudou muito". Ao casar-se em Guaíra, em 1985, tinha o sonho de ter uma casa. Foi quando, juntamente com seu esposo, inscreveram-se na prefeitura para participarem do sorteio das casas de BNH na Vila Alta. Foram sorteados logo na segunda remessa de casas a serem construídas na Vila Alta em 1986. Contou-me da felicidade em poder ter uma casa que já estava fora dos planos por entender que não possuía condições suficientes para comprá-la.

> Não sei se você sabe a divisão da vila. As casas da COHAPAR são mais ou menos do mesmo estilo. As que são diferentes é porque o pessoal aumentou. O pessoal foi tendo condições, foi aumentando, foi modificando a casa. Mas elas eram construídas todas sempre no mesmo estilo. (...) minha casa é do segundo bloco das casas da COHAPAR. Teve a primeira etapa, acho que eram trinta casas. Aí a segunda etapa que é onde eu moro são sessenta casas. Aí teve a terceira etapa que se não me engano são vinte e oito casas, aí teve a quarta etapa que foi também a última que são cento e dez casas que são lá na entrada da vila, sabe? Perto do mercado Real... aqui no meio da escola, nas quadras de baixo e nas quadras de cima, foram as casas construídas na gestão do Mario Barbosa e foi doado pro pessoal né? (CAROLINA, 2015, p.3)

A narrativa de Carolina já evidencia alguns aspectos dos quais discutirei no decorrer deste trabalho, mas que são essenciais de serem mencionados. A Vila Alta não é composta somente pelas casas da Cohapar. Nos finais da década de 1990 e até 2013,

---

classificadas pelo tempo de residência no município, número de filhos, que residem em área de risco, famílias com deficiente. Para aprovação de qualquer família é feito uma pesquisa no CADMUT, cadastro único de mutuários, caso a família já tenha sido atendida por algum programa habitacional a nível nacional ela será desclassificada. Em caso de financiamento com recursos do FGTS é analisado a capacidade de comprometimento de renda da família".

inúmeras foram as construções de casa pelo projeto federal "Minha casa, minha vida"; porém, há uma divisão no bairro que não se remete apenas à questão estrutural, mas que está difundida sobre os moradores recentes e os mais antigos.

No entanto, a narrativa evidencia outros pontos importantes que auxiliaram na busca por informações sobre a aquisição das casas pelos moradores. No ano de 1979, o prefeito Mário Barbosa Rodrigues autorizou doar à COHAPAR um loteamento da prefeitura para que fosse desenvolvido o Projeto Mutirão, conforme consta no documento "Art.1° Fica o Poder Executivo Municipal autorizado a proceder a doação à COHAPAR- COMPANHIA DE HABITAÇÃO DO PARANÁ, uma área de 84.085,00m² (oitenta e quatro mil e oitenta e cinco metros quadrados) identificada por chácara n°17 A-1."[22] Sendo aprovada a lei em 1985, em abril de 1986 foram entregues as primeiras casas da COHAPAR para os moradores que foram sorteados.

Na década de 1980, essa política de habitação de BNH foi o que possibilitou a estes trabalhadores que pesquiso poder terem sua casa própria e, ao mesmo tempo, significou uma nova forma de criação de bairros operários: não era uma indústria específica que organizava a moradia dos trabalhadores, aglomerando-os todos em um mesmo lugar, mas a própria lógica do capital de separação do bairro da classe trabalhadora daqueles do centro da cidade que fez com que as possibilidades direcionassem esses trabalhadores para Parque Hortência e a Vila Alta.

Sobre a construção das casas de BNH na Vila Alta, segundo dados fornecidos pela COHAPAR[23], no ano de 1986 foram construídas trinta unidades com as chaves entregues aos moradores em dezembro deste mesmo ano. Em 1988, trinta e uma casas foram construídas pela COHAPAR e entregues aos moradores em abril; ainda em 1988 mais trinta e sete casas foram construídas e também entregues em abril, mas ambas as etapas são contadas separadamente, pois há divisão dos blocos. Em setembro de 1988 foram entregues vinte e quatro casas. Por fim, em 1994, mais cento e vinte e três casas foram entregues aos moradores no mês de junho.

A casa de Carolina foi construída em 1988, juntamente com mais 31 casas que se localizam no final do bairro[24]. A entrevistada diz "eu fico muito brava quando falam lá é o Mutirão e aqui é a Vila Alta porque "somos todos Vila Alta!" Há uma

[22] Lei n°765 aprovada em 10 de setembro de 1985.
[23] Solicitei os dados via "Fale conosco" no site http://www.cohapar.pr.gov.br/ e através de email foram-me enviado esses dados que são da "POSIÇÃO GERAL DE EMPREENDIMENTOS HABITACIONAIS" e uma relação de controle própria da COHAPAR.
[24] Quando caracterizo o "final" do bairro, refiro-me às primeiras casas que foram construídas e que são mais afastadas da entrada do bairro. Portanto, os moradores as denominam desta forma.

estigmatização entre os próprios moradores mais novos que tentam distinguir-se dos moradores mais antigos, alegando que os crimes, a área perigosa, fica no Mutirão, que é a parte da Vila Alta, composta por BNH. Nobert Elias, em seu livro O*s estabelecidos e outsiders* publicado em 1965, realizou um estudo sobre uma pequena cidade na década de 1950 a qual nomeou ficticiamente de "Winston Parva". O autor observou que os próprios moradores do bairro se diferenciavam pela região em que moravam. Semelhante ao que pude observar na fala de Carolina, que se indigna ao ver que mesmo depois de uma história de luta dos moradores mais antigos, principalmente no que se refere a construir uma Associação e ir atrás de melhorias como posto de saúde, ruas asfaltadas, entre outras reivindicações, são vistos pejorativamente apenas pela localização e o modo de construção de suas casas.

A "Associação de Moradores da Vila Alta" foi criada em 13 de Abril de 1993[25] sob a coordenação de Carolina. Anos depois, em 2003, a Associação foi reconhecida de forma legal pelo prefeito Manoel Kuba. O intuito da Associação desde sua criação é o de trazer melhorias para o bairro. Os moradores se organizam mensalmente e vão até a prefeitura exigir melhorias, informações e demais atividades que escolhem em Assembleia. Em Julho de 2015, por exemplo, houve palestras no centro comunitário sobre saúde, promovida pela secretaria de saúde, mas exigida pelos próprios moradores.

Outra entrevistada que conheci foi Cecília, que tem cinquenta e dois anos e mora na Vila Alta, trabalha como empregada doméstica na casa de sua irmã e gasta cerca de uma hora de bicicleta todos os dias para chegar até seu trabalho. Cecília é casada e tem três filhos que também já são casados. Sua primeira casa foi construída durante a primeira etapa do BNH em 1986. Quando Cecília se casou com Antonio, a primeira casa em que moraram foi a da Vila Alta, mas a trabalhadora afirma que o casal tinha esperanças de conseguir um lugar melhor para viver. Antonio, que trabalhava como pedreiro desde mais jovem, decidiu procurar emprego em outra cidade. Com a perspectiva de "melhorar de vida", a família de Cecília foi embora da cidade de Guaíra para a cidade de Guarapuava. No entanto, se decepcionaram com a "cidade grande": Antonio ganhava o insuficiente para sustentar sua família, não conseguiam pagar aluguel e chegaram a passar fome. Então, na década de 1990, retornaram para Guaíra e novamente procuraram uma casa na Vila Alta. Conseguiram comprar uma casa de BNH ainda do primeiro bloco, o mesmo onde haviam morado anteriormente.

[25] Lei n°1.251 aprovada em 04 de dezembro de 2003.

> Joselene: E porque vocês voltaram pra ali?
> Cecília: Porque ali é mais melhor né? (risos) ali tem mais condição pra nós compra né? Estava mais barata as casa e ali a casa é nossa. Era tranquilo de morar, tinha uns drogadinho na esquina, mas não dava trabalho desde que não mexesse com eles. (CECÍLIA,2014, p.3)

Cecília e seu esposo Antonio, assim como outros moradores que entrevistei, decidiram se mudar para uma cidade maior mesmo sem ter certeza, baseando em informações de conhecidos que tinham ido para Guarapuava e "melhorado de vida", foram em busca de emprego e acreditavam que seria melhor do que a vida que tinham na Vila Alta. "Foi difícil né? O Antonio não ganhava o suficiente pra sustentar a família e as crianças eram pequenas ainda. Foi aí que nós voltou de Guarapuava". Quando retornaram, Cecília começou a trabalhar de empregada doméstica para que nunca mais passassem as dificuldades que lembram ter passado em Guarapuava.

Entrevistei uma das filhas de Cecília, Cristina,, que tem trinta e dois anos. Cristina é diarista, trabalha três vezes por semana para poder cuidar de suas duas filhas, uma com quinze anos e a outra com seis. Cristina lembra que, desde que voltaram para a Vila Alta, "eram mais felizes" mediante as necessidades que lembra que passaram em Guarapuava. Faz dez anos que Cristina se casou e relatou que, durante anos, procurava uma casa na Vila Alta que tivesse condições de comprar com seu esposo. Quando realizei a entrevista, em janeiro de 2015, Cristina e sua família estavam felizes, pois através do esforço da economia que fizeram durante os dez anos em que casaram, finalmente conseguiram comprar uma casa no bairro.

A princípio, quando estava organizando este primeiro capítulo, pensei em trazer apenas os moradores mais antigos do bairro. No entanto, depois de ter entrevistado Luísa, considerei importante trazer aspectos de sua história, mesmo sendo moradora há menos tempo do bairro, mas que me chamou atenção por ter uma experiência significativa por se tratar de uma jovem trabalhadora e diferente das entrevistas que eu já havia feito.

A família de Luísa se assemelha à de Cecília, pois também buscaram em uma cidade maior melhorias tão sonhadas como: um emprego em que o salário fosse possível de sustentar a família; uma casa em que pudesse abrigar a todos, entre outras expectativas de melhorias. Luísa não nasceu na Vila Alta, tem 24 anos, mas até os seus

nove anos morou em outro bairro conhecido como Santa Clara que, assim como a Vila Alta, também é visto pejorativamente por se tratar de um bairro onde a maioria de seus moradores são pescadores e pelo fato de que, em 2008, a chacina ocorrida em Guaíra aconteceu em uma chácara neste bairro.

Filha de um pescador e de uma empregada doméstica, Luísa passou por muitas dificuldades: precisaram morar de favor durante grande parte da vida; seu pai sofria graves problemas de saúde, pois era alcoólatra; o dinheiro que seus pais ganhavam não era o suficiente para sustentar toda a família. "A gente sempre teve uma vida simples, simples assim mesmo", me diz Luísa. Os avós paternos trabalhavam e moravam num sítio do qual tiveram que sair porque o dono decidiu arrendar para outra família. Então, compraram uma casa na Vila Alta. Essa não é apenas a história dos avós de Luísa no bairro, pois seus pais precisavam constantemente da ajuda dos avós para sobreviver. Portanto, mesmo quando Luísa não morava no bairro, tinha uma trajetória de experiências naquele espaço.

Os pais de Luísa, assim como Chico e Joana, como Cecília e Antonio, também foram procurar vida melhor em outra cidade. Foram para Cascavel e, até hoje, Luísa não gosta de falar sobre a cidade, pois tiveram uma vida repleta de dificuldades, de mudanças ruins na troca de uma cidade pequena para uma cidade maior. Em Cascavel, não conseguiam pagar o aluguel, o trabalho de seu pai era longe e por isso necessitava de transporte público, não ganhavam o suficiente para conseguir sobreviver. "Lá foi difícil, se aqui já não estava bom, lá foi pior ainda! (...) eu odiei morar lá". Menciona que "a gente voltou embora sem nada, não tinha dinheiro nem pra pagar transporte pra trazer as coisas". Portanto, Cascavel (Luísa denomina como "cidade grande") trouxe péssimas lembranças e não confirmou nada daquilo que sonhavam, como conseguir um bom trabalho e comprar uma casa.

> A gente não ficou muito tempo lá, não deu nenhum ano. (...) Pra você ter idéia, a minha irmã começou a trabalhar na casa de uma mulher, ah! A gente mudou de casa duas vezes, na segunda casa minha irmã foi trabalhar na casa de uma mulher que morava do lado. A mulher adiantou o salário dela que era trezentos reais na época, adiantou o salário porque a gente estava passando dificuldade, aí o que aconteceu... meu pai resolveu vim embora e tinha que pagar a mulher e aí minha irmã ficou pra trabalhar na casa da mulher e morando na casa do meu tio pra pode pagar o dinheiro que tinha sido emprestado e a gente veio embora. Aí quando minha vó faleceu, a minha vó que estava morando aqui,

> aí minha irmã veio. Aí a gente ficou morando aqui nessa casa. (LUÍSA, p.2, 2015).

Embora cada morador dos bairros possua histórias específicas de vida, há aspectos que são semelhantes, como as trajetórias de luta que vivenciaram até conquistar uma casa no bairro. Algo em destaque nas entrevistas em que os trabalhadores narram é que, mesmo com as expectativas frustradas em voltar da cidade grande, recorreram à cidade de Guaíra, pois possuíam familiares nesta cidade. No caso de Luísa, conforme citado acima em sua entrevista, a ajuda dos avós reafirmou a esperança que a família tinha em que, se voltassem para Guaíra, mesmo apesar das dificuldades, conseguiriam sobreviver melhor do que mediante as humilhações que estavam vivendo em Cascavel.

A casa na qual Luísa e sua família moram até hoje na Vila Alta foi "herança" de seus avós paternos, os quais também tinham uma vida bastante difícil, mas conseguiram comprar uma casa de BNH. A casa que abrigou oito pessoas durante parte da vida de Luísa é uma dessas casas de BNH, que é difícil de identificarmos pela semelhança com as outras do bairro, possuem o mesmo aspecto físico e o mesmo tamanho do lote. Com os três filhos que deixaram de ser crianças e que, com a força de seus trabalhos, conseguiram ajudar os pais financeiramente, foram ampliando a casa. Muito embora a casa possua o mesmo aspecto das demais casas de BNH do bairro, atualmente conta com dois quartos a mais.

Luísa tem muito orgulho em viver e fazer parte da Vila Alta. Prova disso foi que. Inicialmente, relatei sobre minha necessidade de entrevistar moradores que fizeram parte da formação do bairro, pensando que Luísa sugeriria sua mãe para que eu entrevistasse, mas me disse que teria o maior prazer de, junto com sua mãe, me falar sobre os momentos bons e difíceis que haviam vivido no bairro, "me sinto parte daqui desde que eu nasci". Quando Carolina e seu marido, moradores mais antigos da Vila Alta e que conheciam os avós de Luísa por serem vizinhos, souberam da história de Luísa, acolheram-na em sua casa durante anos sem cobrar nada de sua família, estabelecendo assim um laço quase que familiar. Carolina tornou-se madrinha de Luísa, que vive cotidianamente na casa de Carolina, até hoje. Quando realizei a entrevista, Luísa me levou para a casa de Carolina e mencionou: "aqui é minha casa também". Interessante notar como uma família que também mora em uma casinha de BNH acolheu uma menina de outra família que passava necessidade, sem cobrar nada em

troca. Histórias assim fizeram parte da construção destes bairros e não aparecem nos jornais, que se encarregam de caracterizar estes lugares como impossíveis de morar. Para Luísa, aquele lugar é o oposto do que aparece na mídia.

O bairro, em todas as entrevistas, apareceu como o melhor lugar para se viver, mas o que fica nítido nas histórias de vida de seus moradores é que não são apenas "escolhas": o bairro é o lugar que as circunstâncias da vida possibilitaram que esses trabalhadores conseguissem seu espaço.

> Ai, menina, houve muita mudança! A gente sofreu muito quando veio para cá. Naquela época não tinha asfalto, era barro, eu chorei quando mudei pra cá. A gente sofria muito, as ruas eram aquela terra, sabe? Aquele barro, aquele barro que quando você andava ia formando aquele saltão no pé, assim. Pra sair de bicicleta nem pensar! O povo andava com a bicicleta nas costas. É sério. Era fundo mesmo! Ai foi melhorando, né? Aí em questão de segurança assim também, havia naquele tempo assim muita insegurança assim, muita gente digamos, meio violenta, sei lá, tinha muita coisa assim no bairro, gente que às vezes que vinha de outro bairro pra cá, tinha rixa com pessoas daqui. Graças a Deus isso faz muito tempo, agora já era! *Aconteceram outros problemas também*, mas de gente que veio de outros lugares e acabou acontecendo por aqui né? Graças a Deus aqui tem muita gente boa, a maioria é gente trabalhadeira, gente boa, graças a Deus! Mas, como você sabe, todo lugar tem gente de todo jeito. Graças a Deus, aqui é um lugar sossegado, tranquilo pra se morar. (CAROLINA, 2015, p.1).

Na entrevista, Carolina demonstra que os moradores da Vila Alta vivenciam a má fama do bairro. Mesmo dizendo que é algo do passado, ao afirmar que "todo lugar tem gente de todo jeito", evidencia a aceitação de que ali "existe gente que não presta", assim como em outros lugares também. Ou seja, a fala de Carolina consiste em afirmar que a Vila Alta é um bom lugar para morar, que conseguiram passar pelas dificuldades tanto de infraestrutura quanto das afirmações pejorativas sobre o bairro. Por outro lado, o problema é remetido ao "outro" que vem de fora cometer crimes no bairro. No entanto, na própria entrevista, Carolina afirma o envolvimento de seu filho com o tráfico de drogas, portanto a violência não está presente somente no jornal, ela é existente e permeia a vida dessas pessoas.

Quando Carolina narra a história de sua família, chora e pede pra que eu dê pausa no gravador. Quando se recompõe, me diz "você sabe da história do meu filho,

né? Ele foi preso". Mesmo já tendo se passado quase um ano da prisão de seu filho mais velho de vinte e oito anos, Carolina se sente desconfortável para falar sobre esse assunto. Surpreendi-me quando me questionou se eu sabia deste fato, pois não fazia sentido eu saber. No entanto, para Carolina, é como se todos os moradores da cidade de Guaíra soubessem da prisão de seu filho.

Esse assunto provoca uma série de emoções na entrevistada. Primeiro, porque ela não havia percebido que seu filho tinha um "trabalho extra", chegava do seu trabalho e saía nas noites com seus amigos, mas, para Carolina, era comum que rapazes entre vinte e trinta anos saíssem, se divertissem. Em uma noite, Carolina recebeu a terrível notícia: seu filho tinha sido preso por tráfico de drogas. Depois desse acontecimento, a vida de sua família no bairro precisou se reconstituir. Carolina, que é coordenadora da capela Santa Terezinha há mais de dez anos, não conseguia se posicionar frente à igreja pela vergonha de não sentir que sua família era exemplo para as tantas outras famílias no bairro. "Aonde eu ia, parece que todo mundo estava me olhando e comentando". No bairro, a notícia pode ter se espalhado, mas o sofrimento de Carolina fazia com que ela achasse que todos sabiam de sua história. Depois de ouvi-la contar, senti que a entrevista pode ter significado um espaço de se defender, de dizer "fiz tanto por essa comunidade", de mostrar que a vida continuara e que não queria ser relembrada por esse fato em sua vida.

Carolina não disse claramente que não gostaria que a memória do dia em que seu filho foi preso aparecesse na história do bairro, mas quando me pediu pra desligar o gravador para chorar, ficou evidente o desconforto e tristeza em lidar com esse assunto. Logo, compreendi que o papel de Carolina enquanto coordenadora da capela e seu esposo, coordenador do centro comunitário, faz com que se sintam na obrigação de falar sobre uma história bonita da Vila Alta ao invés de remeterem-se a fatos que possam parecer individuais, mas que na verdade, são comuns a tantas famílias do bairro.

Quando fui entrevistar estes trabalhadores cujas histórias trago neste capítulo, em nenhum momento imaginei que ouviria tanto sobre a capela. Para esse primeiro capítulo, me interessava saber sobre a vinda destes trabalhadores para os bairros, sobre suas casas, vizinhos e, constantemente, me surpreendiam falando da história de vida juntamente com a história da capela. Se os moradores da Vila Alta passassem de loja em loja pedindo material para reformar suas casas, tamanho seria o espanto da população. Chamariam de "folgados, vagabundos, gente que não gosta de trabalhar". Mas, pedindo pela igreja, tornava-se um ato sublime. Pelas entrevistas com os

moradores mais antigos, pude entender que as histórias das capelas começam com a vinda dos primeiros trabalhadores, lutar pela construção desses espaços representava constituir um lugar para os próprios trabalhadores no bairro – da classe trabalhadora para a classe trabalhadora.

Se Carolina se sente pertencente àquele espaço pelo tempo que dedicou de sua vida para o bairro, quem poderá dizer o contrário? Ir realizar as entrevistas com os trabalhadores da Vila Alta e do Parque Hortência e esperar que só falem de violência e tristeza por morarem naqueles bairros é decepcionar-se com a pseudoteoria. Mais uma vez, a classe trabalhadora demonstra aquilo que Marx nos chama atenção constantemente em suas obras, os reais significados não são ditos claramente, portanto, é preciso estar preparado para compreender para além daquilo que nos é facilmente visível.

Mas a formação da Vila Alta não é apenas de casas de BNH. Conforme escrito no início deste subtítulo, as últimas casas pela COHAPAR foram construídas em 1994. Embora as primeiras casas tenham sido construídas através desse programa, atualmente há um novo financiamento que possibilita aos trabalhadores adquirirem casas no bairro: o tão famoso "Minha casa, minha vida"[26]. Entrevistei Rita e seu esposo, que foram "contemplados" pelo financiamento deste projeto, mas que também fizeram parte do BNH, pois, quando se mudaram para a Vila Alta, pagavam aluguel em uma casa do terceiro bloco do BNH até que, em 2014, conseguiram financiar e comprar a casa própria.

O casal veio de São Paulo em 1994 para buscar melhorias de vida em Guaíra, moram na Vila Alta desde então. Rita tem quarenta e oito anos e seu esposo, cinquenta e dois. O casal teve quatro filhos e moram todos juntos. A família se mudou para Guaíra porque José, esposo de Rita, tem um irmão que também é pedreiro e preocupava-se com as dificuldades do irmão na cidade de São Paulo, pois a família estava gastando significativamente com transporte e viviam em um lugar minúsculo do qual passavam por diversas necessidades.

> Morar na Vila Alta mesmo... é como a gente diz mesmo, a Vila Alta tem aquela fama, até porque a turma chama de Mutirão.

[26] Projeto federal de financiamento juntamente com a Caixa Econômica Federal, Ministério das Cidades, Ministério da Fazenda e do Planejamento, Orçamento e Gestão**,** Distrito Federal, Estados e Municípios ou respectivos órgãos das administrações direta ou indireta, que aderirem ao programa para atender famílias com renda de até R$1600,00 que desejam construir a casa própria.

> Mas eu, como já trabalhei como agente de saúde na Vila Alta, sei que todos são trabalhadores. Não se tem, você não vê assim pessoas que são desonestas, por exemplo, elas têm suas vidas, elas trabalham, elas estudam. São pessoas educadas, tem bastante idoso entendeu? Lógico que também tem jovens que trabalham e que corre atrás dos estudos, que quer ser alguém, entendeu? Por eu ser agente comunitário de saúde, você tem aquele vínculo maior com a população, então eu, no meu caso, eu cuidava de bem mais do que três mil pessoas né? Fazia mais ou menos cerca de 150 a 200 casas. (RITA, 2015, p.1)

Quando comecei a entrevista com Rita, perguntei sobre sua vida, onde já havia morado e quais eram as experiências que havia passado até ir morar na Vila Alta. Algo que me chamou atenção foi que, em menos de um minuto, ela me disse esse trecho transcrito acima. Começou sua entrevista como alguém que sentia necessidade de defender aquele espaço. Sabendo da má fama que o bairro possui na cidade e como alguém que ali vive, percebeu que, na entrevista, podia contradizer afirmações a respeito daquele lugar. Rita constantemente afirma que "só tem a agradecer àquele lugar e àquelas pessoas", pois quando chegou à cidade de Guaíra sem dinheiro algum, foi encontrar uma casa para viver de aluguel ali naquele lugar. Morou durante dez anos em uma casinha no final da Vila Alta, seu esposo que é pedreiro teve bastante trabalho, pois a casa que pagavam aluguel não possuía nenhuma repartição. A família, que é composta pelo casal e por mais três meninos e uma menina, viveu durante alguns anos utilizando os móveis para separar os cômodos da casa.

Rita afirma que as pessoas da Vila Alta "evoluíram" e atribui essa afirmação ao dizer que "quando vim morar aqui, o aluguel da casa era sessenta reais. Hoje não se vê mais, Vila Alta foi hoje bem mais valorizada." Ou seja, Rita remete às mudanças que são perceptíveis no bairro como a construção de novas casas, como algo considerável para perceber que as pessoas que estão ali "não são as mesmas de antigamente". Podemos compreender que, para Rita, se o bairro fosse "tão ruim assim", não teria havido uma crescente especulação imobiliária refletida no aumento dos valores dos aluguéis.

As pessoas que vivem na Vila Alta se preocupam constantemente em mostrar uma nova imagem daquele espaço, já que ao longo dos anos cresceu significativamente o número de moradores. Para Rita e José, ir morar em Guaíra apresentou melhorias em suas vidas. Ambos relatam o sonho de viver em uma cidade grande, mas, ao mesmo tempo, a impossibilidade de conseguir sobreviver. O aluguel caro mesmo sendo de uma

casa pequena, a dificuldade em trabalhar e ter que deixar quatro filhos pequenos em casa, os gastos com transporte público, já que em cidades maiores tudo se torna longe. Mudar para Guaíra significou buscar uma chance nova para suas vidas. José nasceu em Guaíra e tem um irmão que também é pedreiro e que o convenceu à voltar para Guaíra e trabalhar por ali.

> Quem mora numa cidade grande perde por dia uma ou duas horas dentro de um coletivo, dentro de um ônibus, dentro de um trem. Tem pai que nem vê o filho durante a semana. Eu conheci pessoas assim, que saíam de casa cinco horas de casa e chegavam meia noite ou uma hora da manhã. Com muitos acontecem isso. (JOSÉ, 2015, p.2)

Na entrevista José afirma que, mesmo ganhando menos do que ganhava em São Paulo, compensou morar em Guaíra, já que pagavam barato no aluguel na casa da Vila Alta; havia possibilidade de Rita poder terminar uma faculdade, já que em São Paulo começou por quatro vezes e teve que desistir, pois, com seus filhos ainda crianças e seu esposo trabalhando dia e noite, contratar uma babá estava fora do orçamento.

Portanto, não é possível entrevistarmos Rita e José e esperar que estes confirmem as afirmações sobre a Vila Alta ser um "bairro de má fama". Apesar do que aparece nos noticiários, as pessoas que ali vivem têm suas histórias e outras memórias sobre aquele lugar.

Por exemplo, a família de Luísa foi acolhida no bairro no período de maior dificuldade financeira. Seu pai, já de idade e alcóolatra, não conseguia encontrar trabalho e, portanto, os vizinhos se compadeceram e acolhiam oferecendo comida, dando lugar em suas próprias casas para que Luísa e sua irmã dormissem, já que a pequena casa de BNH de seus avós já estava abrigando mais de oito pessoas.

A solidariedade entre a classe trabalhadora surge dessa forma. Ontem era a família de Carolina que precisou do apoio dos vizinhos, hoje era a de Luísa. E a família de Luísa agiu da mesma forma que a de Carolina. Acolheram uma moça de vinte e um anos para morar junto deles. Bárbara, que passou quase um ano sem conseguir emprego, agora trabalha fazendo móveis em casa junto com outro morador da Vila Alta. Foi sustentada e acolhida e hoje ajuda nas despesas de casa. Não tenho intuito de dizer que na Vila Alta e no Parque Hortência a vida é mais fácil e tudo dá certo. Não podemos esquecer a estigmatização que se insere nas relações sociais em que vivem seus moradores. Mas, mediante as circunstâncias vivenciadas na prática cotidianamente, os

trabalhadores que moram nos “bairros de má fama” que pesquiso nos dão uma lição de como são construtores de suas histórias.

Neste primeiro capítulo procurei contextualizar algumas das histórias que representam a formação do Parque Hortência e da Vila Alta, apresentando aspectos que demonstram que, embora exista a má fama destes bairros, suas formações foram repletas de histórias de luta. No capítulo seguinte, discutirei as experiências de trabalho ao longo das trajetórias de vida dos trabalhadores que moram nestes dois bairros.

Capítulo 2

Relações de trabalho nos bairros de má fama

Neste capítulo discuto as trajetórias de trabalho dos moradores do Parque Hortência e da Vila Alta, buscando analisar nas entrevistas suas expectativas, seus sentimentos, valores e as experiências que adquiriram para compreender o papel que o trabalho ocupa em suas vidas.

Dedico este segundo capítulo à temática de trabalho, pois, desde as primeiras entrevistas, os moradores de ambos os bairros narravam suas experiências de vida retratando as formas de trabalho que exerceram ao longo de suas vidas. Qual é o sentido que o trabalho assume na vida destes trabalhadores?

2.1 EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO NA DÉCADA DE 1980

Começarei por destacar a entrevista de Alfredo, que é um senhor de cinquenta e oito anos e que tem uma vasta experiência de trabalho e de morador do bairro.

> Quando eu me mudei pro Parque Hortência eu nunca tinha morado na cidade, era rapaz de sítio, sabe, né? Agora tinha uma família pra sustenta. Procurei trabalho em tudo quanto é canto, levei currículo em posto de gasolina, mercado, hotel, no comércio todo. Só que o bairro era longe de tudo esses lugar. A solução foi ser pedreiro nos primeiros anos (década de 1980) e depois consegui ser caminhoneiro. Sou isso até hoje. ***Fiz de tudo pra não me envolve*** e nem meus filhos com as “coisas errada que a gente via aqui no bairro”. (ALFREDO, 2015, p.2)

Alfredo mudou-se para o Parque Hortência com sua esposa Aparecida na década de 1980. Retomando a discussão da construção do bairro, identifiquei no primeiro capítulo, através das entrevistas, que era um local sem asfalto, longe do centro da cidade e com pouca vizinhança. Entre os demais bairros da cidade de Guaíra surgidos neste período, representava um local de difícil acesso. Alfredo narra sua experiência de trabalho como alguém que viveu com dificuldades neste período, mas que conseguiu ultrapassá-las e, o mais importante, não se envolveu com atividades ilícitas. Destaco o trecho com negrito, pois é interessante notar que o entrevistado menciona este aspecto como se estivesse se defendendo de algo que se tornou comum no bairro, mas que não é aceitável por todos.

Começar com este trecho tem um objetivo: além de Alfredo ser um dos primeiros moradores do Parque Hortência, sua fala apresenta aspectos que aparecerão em outras entrevistas. A memória de uma vida difícil no passado e a perspectiva de melhora no presente; a dificuldade em conseguir um trabalho na cidade de Guaíra por ser morador do Parque Hortência e, por fim, o medo de não haver mais opções de trabalho e ter que trabalhar informalmente em atividades ilícitas.

Alfredo mudou-se para o Parque Hortência quando tinha vinte e dois anos. Aparecida, sua esposa, estava com vinte anos. Ambos haviam trabalhado desde crianças na lavoura, ajudando suas famílias que sobreviviam com o sustento das plantações que possuíam. Quando resolveram se casar, sabiam que, dali em diante, deveriam sustentar sua família com o suor de seu próprio trabalho. A responsabilidade recaiu principalmente sobre Alfredo, conforme ele avalia: “eu tinha tirado ela da casa dos pais, né? o mínimo que eu tinha era que dá uma vida melhor ou igual a que ela tinha quando morava lá.” “E eu precisava ser honesto, ter um trabalho decente”, diversas vezes a conotação de “trabalho digno, trabalho decente” apareceu nas narrativas de meus entrevistados. Ao analisá-las, compreendi que as justificativas baseavam-se na imagem que eles gostariam de transmitir à mim. Portanto, se no dia-a-dia o que é ilícito não tem tanta interferência em suas vidas, nas entrevistas merecem destaque porque encontraram no espaço da entrevista uma atenção para suas histórias que muitos não tinham tido até então.

Alfredo, que nunca havia trabalhado de pedreiro, viu nesta profissão a oportunidade de sustento para sua família: uma escolha direcionada mediante àquilo que estava possível para um jovem trabalhador que havia se casado e precisava sustentar sua

família. “Comecei a trabalhar só aqui no bairro, né? Porque aí eu ficava perto de casa, não queria deixar ela sozinha”, narra Alfredo, que justifica o medo de sua esposa pela falta de moradores no bairro. Mediante as possibilidades que possuía, foi o trabalho que Alfredo pôde conquistar.

Aparecida não demorou a perceber que era necessário ajudar seu esposo com as despesas de casa,

> Em 1983, eu engravidei e aí a gente já sabia que ia apertar pro nosso lado. Meus pais moravam em Terra Roxa e não tinha ninguém pra me ajudar com o filho que ia ter. Alfredo ainda era um pedreiro bem fraquinho, ele mal sabia rebocar (risos). Foi aí que, mesmo grávida, eu comecei a faxinar casas no centro da cidade nos finais de semana. Parece que não, mas, até hoje, quem ganha mais aqui em casa, sou eu. Depois que comecei a faxinar as casas por dia, as donas foram gostando de mim e duas quiseram me contratar fixo. Hoje, trabalho de manhã numa casa e de tarde em outra, foi com dinheiro deste trabalho que sustentamos nossos quatro filhos. (APARECIDA, 2015, p.1)

Aparecida narrou que, ainda na década de 1980, logo quando se mudaram para o Parque Hortência, realizava consertos em roupas para os poucos moradores do bairro. Alguns traziam roupas de conhecidos de fora do bairro porque sabiam do esforço e da necessidade que o casal estava passando. Aparecida fez o inverso do que normalmente ouvimos: quando as mulheres engravidam, trabalham menos. Neste caso, foi quando intensificou seu trabalho. Entretanto, qual o sentido que o trabalho assumiu na vida de Aparecida na década de 1980?

Mediante as análises das entrevistas, não é difícil de entender que o “sentido” era o de que ela tinha que trabalhar. Não era escolha, era necessidade. Desde jovem, havia exercido trabalhos domésticos. Em sua própria casa, narrou que tinha vontade de mudar de profissão, mas, naquele momento em sua vida, era o que ela podia e sabia fazer. Anos depois, continuou a exercer essa profissão e relata que “foi o que eu aprendi a ser de melhor, não vejo motivo pra querer ser outra coisa”.

Joana e Chico são vizinhos de Alfredo e Aparecida desde a década de 1980, mas não compartilham somente as casas uma do lado da outra: também compartilham as dificuldades de quando se mudaram para o Parque Hortência. Ambos os casais haviam saído da zona rural para construir a vida na cidade, havia sonhos e perspectivas de que

iriam conseguir melhorar sua condição financeira. Quando se mudaram para o Parque Hortência, vários problemas surgiram, como compreender que não bastava morar na cidade para conseguir uma casa ou um emprego melhor quando se mora em um bairro que fica longe do centro da cidade e com péssimas condições (neste período, sem energia elétrica, sem asfalto, difícil acesso).

Para compreender a experiência de trabalho de Chico, me basearei no que ele faz atualmente até discutir os trabalhos que Chico já exerceu ao longo de sua vida. Quem chegar ao Parque Hortência e procurar por Chico, pode não conseguir encontrá-lo. Mas, se perguntar sobre "o técnico em eletrônica daqui", logo referem-se a sua casa que, na frente, tem vários televisores antigos, aparelhos de rádio, entre tantos outros equipamentos que Chico utiliza para consertar. Chico possui diversas outras experiências que foram significativas e que direcionaram sua vida no bairro como uma conquista. Não foi apenas mudar para aquele lugar, mas, uma vida de luta que, resultante, trouxe sua casinha no Parque Hortência. Ele começa narrando sua história com aspectos de quando morava no sítio em Minas Gerais, conforme abaixo:

> Aí, menina, naquele tempo chovia demais e o véio, sítio tudo pequeno, não tinha como colhe a roça no tempo certo, aí as vez plantava né? E dava café aquilo de encolhe o galho, aí as vez vinha meus parente pra ajuda nós, né? Num podia porque chovia demais e acabava perdendo, justo naquele ano que não podia perde, perdemos metade da roça com chuva, dava mais de mil saco de café e perdemos tudo. (...) Aí ficou, passou, o ano que vem tem mais, aí fizemos uma economia boa e pagamos as contas. E aí, no próximo ano, deu a geada. A geada de 1970 e uns quebrado. E aí matou o cafezal tudo. E aí passamos uns três anos sem colhe, sem ganha dinheiro. (CHICO, 2014, p.5)

A família de Chico é natural de Minas Gerais, mas vieram para o Paraná em busca de encontrar trabalhos melhores na roça, já que foi o trabalho que seus pais e seus irmãos exerceram a vida inteira. Devido à geada que Chico menciona acima, perderam as condições de manter as plantações que possuíam em Minas Gerais. Então, venderam o pedaço de terra e vieram para o Paraná, se mudaram para Terra Roxa, cidadezinha que fica a cerca de quarenta quilômetros de Guaíra.

Chico conheceu Joana, que também morava em um sítio em Terra Roxa, os dois se apaixonaram. Porém, Joana tinha somente treze anos e seu pai proibiu o namoro. Então, Joana e Chico fugiram e foram morar na casa dos pais dele no sítio. Porém, depois de um desentendimento com seu pai, Chico saiu de casa, passou sérias dificuldades para sustentar sua família. Como não conseguia arrumar emprego, propôs trabalhar para seu próprio pai em troca de algumas mercadorias básicas: "Eu trabalhei pra ele uma semana sem cobrar nada, porque eu não tinha serviço e estava sem nada em casa (...) o sabão e o feijão foi em troca do serviço da semana inteira", relata Chico que, antes de ser o técnico em eletrônica do bairro, trabalhou desde criança na roça.

> Isso foi em 1974. Eu tocava dez mil pé de café sozinho. Eu cuidava de sessenta e poucas cabeça de gado sozinho e desses dez mil pé, tinha dois mil que era só quiçaça, né? Tipo palhada, e era tudo igual essa mesa de limpa né? E só porque minha roça era limpa, o outro cara chegava e ficava sentado assim em cima do pau caçando defeito. (CHICO, 2014, p.7)

Chico tem orgulho de dizer que, durante várias vezes em sua vida, acordou de madrugada para trabalhar na roça e que sempre fez o melhor que podia. O que mais o incomodava eram as injustiças que sofria por trabalhar nas terras de outras pessoas e ser "sacaneado" para que lhe pagassem menos. "Eu sou caprichoso, né? A vida toda eu procurei trabalha pra sair acima do máximo, pro serviço fica perfeito". E sendo assim, Chico relata diversas discussões em que se envolveu nos três sítios em que trabalhou. A maioria das discussões ocasionadas por acreditar que deveria ganhar mais do que estava recebendo, já que, como afirmou em sua fala, seu trabalho era caprichado. Algo peculiar na fala de Chico é que, independentemente de sua família estar passando fome, ele não aceitava levar desaforos pra casa. Discutia, perdia o emprego, mas não perdia o seu próprio orgulho e se sente feliz por isso, já que observa ser um exemplo para seus filhos: "nunca aceitei desaforo pra pode ensina pra eles, desde criança, que o que é certo é certo". A palavra "desaforo" remete-se às várias vezes em que Chico trabalhava nos sítios e fazendas e, na hora de receber o equivalente por seu trabalho, pagavam menos sob a afirmação de que ele não havia feito o trabalho direito. Quando isso acontecia, e Chico narra que várias vezes isso aconteceu, Chico enfrentava o proprietário até que este o pagava devidamente. Portanto, Chico mudou diversas vezes de trabalho.

Chico deixou o trabalho na lavoura quando perdeu seu primeiro filho com dois anos de idade. Sentiu-se culpado pelo fato de não morar em um local mais próximo para chegar a tempo com a criança no hospital. Foi quando decidiu, juntamente com Joana, mudar para uma cidade maior na qual acreditava ter melhores possibilidades de manter sua família. "Minha sorte foi que eu fiquei três anos no Expresso Maringá", conta Chico, ao relatar sobre seu trabalho de faxineiro nesta empresa de ônibus, o que possibilitou a Joana recorrer a tratamentos melhores para sua saúde advindos da perda irreparável de seu primeiro filho. Porém, Chico também não estava bem de saúde pelo trabalho exaustivo realizado no campo, pela alimentação inadequada e os sufocos que estava passando. Conforme relata:

> Depois de uns seis meses, eu melhorei. É que tinha que fazer um exame pra poder trabalhar, né? O médico acarco e eu aguentei a dor na mão pra pode passar. Porque eu tinha que trabalhá, né? Aí, eu fiquei trabalhando, me arrastando um ano mais ou menos, sem podê comprar remédio. Que eu tinha que tratar da Antonia e da Joaninha. O dinheiro que eu ganhava, eu comprava arroz, óleo e sal e açúcar e leite pro neném e só. E chegava no fim do mês e estava devendo. Aí, ia lá, trabalhava e pagava. Isso se foi por dois anos. Aí, graças a Deus, sararam as duas, né? Aí, mudou. Meu chinelo era uma havaiana costurado daqui aqui. Aí, acabou tudo porque você vai pra cidade trabalha sem experiência, sem noção de nada, **chega lá, enfrenta a boca da cidade, não é fácil, né**? Você tem que tê um controle muito rígido pra você consegui. (CHICO, 2014, p.13)

A narrativa é sobre a família de Chico, mas poderia ser sobre várias outras famílias que tentam sobreviver na cidade grande trabalhando, pagando contas, comprando comida, sem ter condições de cuidar da própria saúde.

Chico narra este episódio de sua vida em um exame adicional que enfrentou para conseguir o trabalho de faxineiro no Expresso Maringá, no qual perdurou durante alguns meses. Ele precisou disfarçar, em seu trabalho e em sua casa, a dor que sentia, pois estava trabalhando mesmo doente para sustentar sua esposa e sua filha e comprar remédios. Como base da família, se algo acontecesse com ele, sua esposa e sua filha passariam fome.

No trecho em negrito, Chico relata a experiência frustrante do viver na cidade. Para um trabalhador que havia vivido desde que nasceu na zona rural, o fato de encarar as dificuldades da busca incessante por emprego fez com que aguentasse firme seu problema de saúde e conseguisse lidar com as "oportunidades", com medo de não sobreviver na cidade.

Quando ainda morava em Maringá, ouviu no rádio que, em São Paulo, estavam precisando de consertadores de relógio. Ficou interessado, se informou e estava decidido a ir pra São Paulo para tentar melhorar de vida. Foi quando o irmão mais velho de Joana, preocupado com sua irmã que sempre estava doente e que com a mudança pra São Paulo iria ficar longe da família, propôs que Chico fosse morar em Guaíra e trabalhasse junto com ele como técnico em eletrônica. Chico aceitou a proposta e, mesmo sem ter muito estudo, aprendeu na prática a consertar os aparelhos. Foi quando, ao mudar-se para o Parque Hortência, decidiu abrir uma eletrônica em sua própria casa no bairro. "Com cinco anos de idade eu já estava na roça carpindo! Eletrônica eu comecei em 1982, agora eu aposentei, né? E aí faço alguma coisinha" relata Chico, que aposentou-se por invalidez quando descobriu um câncer de próstata.

Joana e Chico possuem seus espaços de trabalho em casa. A sala de costura e a sala de conserto estão cheias de equipamentos de trabalho. Ele é conhecido por ser o técnico em eletrônica do bairro: se um ferro de passar roupa dá problema, levam para ele ver se consegue arrumar; se um aparelho de som pifa, também é para ele que levam. Ele afirmou ser o único morador do bairro que trabalha com isso e que, por fazer sempre um "serviço honesto e direito", todos confiam em seu trabalho. Chico acredita que há sempre demanda de seu trabalho, pois é o único que presta este serviço no Parque Hortência. No entanto, seu trabalho parece ser valorizado pelos demais moradores por Chico também ser morador do bairro. Surge, neste contexto, uma confiança dupla: Chico permite que o pagamento seja de pouco em pouco ao longo dos meses e os moradores acreditam que ele realiza um bom trabalho.

Joana tem sua salinha de costura em sua casa e faz consertos para o pessoal do bairro, mas também costura para lojas de vestuário da cidade de Guaíra.

Além de Joana, entrevistei mais duas costureiras, Clara e Angélica, que também trabalharam em fábricas de costura de roupas de bebê que não se localizavam no bairro, mas em galpões no centro da cidade de Guaíra. Na realidade, estas fábricas eram

extensões das fábricas da cidade de Terra Roxa, conhecida como “capital da moda bebê”. Então, sem grandes construções, estas fábricas se apropriam de espaços e contratam costureiras e supervisoras para trabalharem, principalmente, no bordado das roupas de crianças.

Algo interessante de destacar nas entrevistas é que o trabalho de costureira não foi o primeiro trabalho de nenhuma das entrevistadas. Angélica e Joana são vizinhas no Parque Hortência. Clara mora na Vila Alta. As três já trabalharam juntas, sendo necessário destacar o que cada uma relatou sobre este trabalho.

Clara é uma senhora de 52 anos que mora na Vila Alta desde o primeiro sorteio de casas da Cohapar, em 1986, e narra:

> Eu trabalhei muitos anos no sítio né? A minha vida toda, praticamente. Aí decidi que era hora de começar a ajudar em casa, fui procurar emprego, só que eu já tinha quarenta e poucos anos. Mesmo assim, consegui e fiquei feliz porque me senti, digamos que, “prestando de novo”. Estou trabalhando lá desde 2010. (risos) (CLARA, 2014, p.2)

Realizar entrevista com Clara e esperar que fale sobre aspectos negativos de seu trabalho é iludir-se. Depois de trabalhar anos na lavoura, vivendo em uma família com mais oito irmãos, quando se casou, Clara entendeu que era uma oportunidade de ir morar na cidade. Porém, logo mudaram-se para a Vila Alta e enfrentaram dificuldades, conforme Clara narra: “era muito difícil, sem chance pra eu ir trabalhar fora né? O bairro já tinha fama de ser perigoso, as pessoas não queriam dar trabalho pra gente, né? Falava que a gente tinha vindo do Paraguai”. Pela narrativa de Clara, é perceptível que não houve, por parte de Clara, falta de vontade de trabalhar fora. O que a impossibilitou, inicialmente, foram as avaliações que parte da sociedade faz do bairro, como “fama de ser perigoso.”

Angélica tem quatro filhos, trabalhava como dona de casa e não sentia que isso realmente fosse um “trabalho digno”, conforme narra. Portanto, em 2008, ouviu suas vizinhas do bairro anunciarem as vagas para costureira em uma fábrica no centro da cidade e decidiu, sem muita expectativa, fazer a entrevista: “eu fui, mas já sabia que não iam me querer, imagina, aqui não tem fábrica e eu pensei: quando as pessoas ouvir isso

vão correndo". Para surpresa de Angélica, ela conseguiu o trabalho. Portanto, o trabalho na fábrica representou uma conquista em sua vida. Por vezes, a má fama do bairro implicou na impossibilidade de conseguir trabalho para os moradores. O trecho acima demonstra indiretamente que Angélica se julgava inferior aos demais moradores da cidade de Guaíra, por se tratar de uma moradora da Vila Alta.

A história de Clara se assemelha à de Angélica, que tem 46 anos e mora, desde a década de 1980, no Parque Hortência:

> Eu comecei a trabalhar na fábrica com 40 anos, foi a maior alegria lá em casa! Imagina só, a mãe de cinco filhos que passou uma vida só dentro de casa desde pequena limpando e fazendo comida pros outros agora é **trabalhadora oficial**. É difícil de acreditar que alguém queira a gente com essa idade né? Mas já que me quiseram, eu sou caprichosa, faço de um jeito que ninguém bota defeito! (ANGÉLICA, 2015, p.2).

Angélica foi a última das três entrevistadas a começar a trabalhar na fábrica de costura, diz que se sentiu motivada quando sua vizinha Joana, que era mais velha, começou a trabalhar e, então, acreditou que também haveria espaço para ela. O termo "trabalhadora oficial" remete não somente à carteira assinada, mas às mudanças rotineiras que o trabalho implicou na vida de Angélica, a qual passou a ter horários para cumprir, salário no final do mês, o espaço de seu trabalho deixou de ser o mesmo de sua casa, entre outras mudanças. Angélica relata: "eu tentei trabalhar né? Eu fazia entrevista pra ser empregada doméstica e ninguém me contratava. Acho que as pessoas ficava com medo por eu morar aqui. Até pensei em mentir que era de outro lugar". Infelizmente essa não é uma interpretação errada de Angélica, afinal, a trabalhadora não conseguia trabalho algum na cidade de Guaíra. Porém, não era porque faltava trabalho, mas porque Angélica mora em um local no qual todas as situações podem ser encontradas lado a lado: informalidade, formalidade, ilícito, lícito. Por ter uma casa no Parque Hortência, o morador carrega o peso que isso implica. Ao ler essa interpretação que a trabalhadora fez sobre não ter conseguido trabalho devido ao lugar em que mora, compreendi a importância de discutir a seguinte questão – será que as pessoas realmente negaram o trabalho para Angélica pelo bairro em que mora? Pode ser que Angélica tenha interpretado este acontecimento de sua vida de modo estigmatizador sobre o Parque

Hortência; outros fatores podem ter sido norteadores da negação do trabalho: conforme citado acima, talvez a sua própria idade.

Há algo de semelhante nas três histórias, pois nos primeiros anos de trabalho na fábrica, as três trabalhadoras procuraram outros empregos. Joana foi trabalhar num hotel, mas, sem muitas opções, retornou à costura. Angélica trabalhou de empregada doméstica, mas sem conseguir adaptar-se a esta forma de trabalho, voltou às fábricas para costurar roupa de criança. Clara ficou um tempo sem trabalhar devido às dores, mas, por ter sido seu primeiro emprego fora de casa, resolveu voltar à fábrica de costura e permanece lá até os dias atuais de 2015.

Discutirei a história de Joana por último, pois, das três entrevistadas, é a única que saiu da fábrica por ter desenvolvido um sério problema de saúde, mas continua costurando em casa. Como ela relata,

> Antes eu trabalhava com costura em casa, né? Que eu trabalhava pra dona Luiza, fazia muita costura, fazia costura que, eu trabalhava com capa de colchão e fica as pilha até bater no telhado ali da sala. Era 1200, 1300 por mês e depois, quando dona Luiza parou foi parar a costura o Alan falou com a Denise e eu fui trabalhar de costura lá na Monchery. Ai depois que o Chico chegou, eu trabalhei no hotel e na época em que eu fui trabalhar no hotel, eu só achava emprego com costura de criança e eu já tinha trabalhado em duas fábrica aqui e não gostei muito de trabalhar com roupa infantil, aí fui trabalhar no hotel. No hotel eu era faxineira e camareira, na verdade era registrada como camareira, mas nós fazia faxina também. Fui registrada, trabalhei dois anos e meio como camareira, a única coisa ruim pra mim foi que eu comecei a sentir uma canseira no peito, porque a gente subia com uma pilha de lençol. A gente buscava na lavanderia e tinha que subi lá no último andar, então não subia com pouco lençol, levava um monte. Aí começou a dar umas dor estranha e um dia subindo eu quase que cai escada pra baixo. Aí eu fui convidada pra trabalha na Maria Lozano, aí saí de lá e fui ver o porque da canseira e descobri que meu coração tinha inchado, tinha um remédio que eu tomei que inchou. Aí o Dr. João deu um remédio pra mim e depois de um mês já sumiu e eu fui trabalhar na Maria Lozano até o dia em que eu me aposentei. O negócio foi que inchou o coração de novo, por causa de remédio de novo. (...)Ai eu aposentei e falei pro Chico: não vou trabalha com costura, vou trabalha com conserto porque as costureira normalmente não gosta de pega conserto porque atrasa a costura né? Aí comecei com conserto, conserto e hoje

> quase não dou conta mais com conserto de tão conserto que eu tenho, aí agora eu quero começar a fazer peça pra vender.(...) Não é bem uma aposentadoria não, na verdade o advogado disse que pode considerar que sim porque é pro resto da vida, mas no meu código é auxílio doença, foi por problema dos ossos, desgaste da bacia inteira. Se eu ficar sentada muito tempo, quando eu levanto, eu não consigo mudar os passos. (JOANA, 2014, p.27)

Resumidamente, essa é a história de trabalho de Joana contada por ela mesma. Joana trabalha com costura desde 1995, já costurou em diversas lojas diferentes, mas atualmente está "encostada" em casa realizando menos costuras. Como podemos observar, as dores adquiridas com o trabalho de costureira implicaram numa série de outros acontecimentos, até mesmo em outros trabalhos que conseguiu. A narrativa parece um pouco confusa quando menciona que as dores surgiram quando era camareira, porém Joana havia deixado de ser costureira porque estava sentindo dores por ficar muito tempo sentada. O remédio que inchou o coração, mencionado por ela no relato, foi o remédio que precisou tomar para controlar as dores na bacia e nas pernas. Portanto, as doenças adquiridas pela profissão de costureira permanecem com Joana até hoje.

Na casa de Joana, há um cômodo se chama "quartinho da costura". Quando a entrevistei, estava cheio de roupas para arrumar. "A gente fica louca se não trabalhar né?". Joana diz isso mesmo tendo outras atividades para além da costura, como cuidar de seu neto.

A dor, o cansaço e o sacrifício do tempo que dedica ao trabalho parecem ser motivadores de sua vida. Quando Joana se deparou com um singelo domínio de seu tempo ocasionado por sua invalidez, não conseguiu adequá-lo às atividades que não fossem do trabalho relacionado à costura. Notoriamente, Joana não permanecia muitos anos nos trabalhos que conseguia, esteve constantemente em busca de novas condições mediante suas dificuldades de saúde. Quando considerava um trabalho difícil e que ocasionando dores, mudava-se. Porém, por vezes deparou-se em situações ainda piores do que as anteriores, o que fez com que retornasse ao antigo trabalho de costureira. Lidar com a história de trabalhadores do século XXI é entender que as condições mudaram drasticamente. Se havia uma perspectiva em realizar, durante a vida inteira, um mesmo ofício, no presente, as pessoas trocam constantemente de trabalho em busca

de encontrar um sentido para a função que exercem ou pelo menos algo que possibilite não sentir dor.

Fica evidente que o valor de trabalho de Joana tornou-se algo que parece ser distinto de sua força produtiva. Ela reconhece o seu trabalho, mas não o seu valor, característica comum no capitalismo contemporâneo.

Embora estes primeiros moradores mencionados relatem experiências contemporâneas de trabalho, acho necessário sintetizar quais eram as primeiras experiências de trabalho na década de 1980 nos bairros pesquisados, pois os próprios moradores destacam diferenciações entre estas.

Conforme é possível perceber através das entrevistas trabalhadas, a década de 1980 representou na vida destes trabalhadores a construção de uma vida compartilhada. A grande maioria dessas pessoas mudou para a cidade com uma experiência de trabalho pesado na lavoura. Portanto, sujeitavam-se a trabalhos precários e difíceis com o intuito de ajudar a manter o sustento da família. Todavia, não foi somente mudar do campo para a cidade, mas sobreviver com todas as implicações que isto ocasiona. Enfrentaram não somente dificuldades para encontrar trabalho pela circunstância de Guaíra ser pequena e não haver trabalho, mas precisaram, também, suportar as dificuldades de ir morar em um lugar novo, visto como perigoso, distante dos outros bairros, sem energia elétrica, sem escola, sem comércio, entre tantas outras coisas. Tornaram-se moradores que ajudaram a construir o bairro. Não houve narrativas que destacaram ir morar em Guaíra em busca de trabalho: as justificativas relacionaram-se às condições que permitiram que isto acontecesse. Entre a mais comum, está o fato de já possuir-se familiares que ali residiam.

2.2 EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO NA DÉCADA DE 1990

Durante a década de 1990, ambos os bairros já possuíam energia elétrica, escolas, asfaltamento em algumas ruas e maior número de habitantes. Com todos esses acontecimentos, as condições de trabalho também se modificaram.

Carolina, que já foi citada no capítulo anterior, é professora das séries iniciais embora esteja aposentada. Depois de três anos morando na Vila Alta (desde 1986), a escola foi construída e, então, Carolina ajudou desde o início.

> A gente tinha dificuldade com a questão de material e tudo mais né? Só que isso não foi suficiente pra gente desistir, nós continuamos e eu ajudei a educar grande parte desse povo que agora já é jovem (risos). (...) Antes disso eu ajudava em casa, né? Éramos em oito irmãos e aí eu ficava pra ajudar minha mãe a fazer comida e organizar a casa pra todo mundo. Quando mudei pra cá eu tinha um pouco de medo, por causa da fama da Vila Alta no início, né? Falava da bandidagem, dos roubos de carro, moto, mesmo que a gente não tinha, eu tinha medo de estar na rua e ver alguma coisa e isso já ser o suficiente... preferi ficar aqui, trabalhar perto da minha casa. Depois a gente vai percebendo que o povo inventa muito, né? Mas, lá nos anos de 1990, aqui era um pouco perigoso mesmo. (...) principalmente a questão do tráfico. (CAROLINA, 2015, p.8)

Carolina narra que, mesmo com a vinda da escola, houve falta de estrutura e a população precisou se organizar para que, apesar das dificuldades fosse possível ter aulas naquele espaço e demais reuniões da comunidade. A primeira experiência de Carolina como trabalhadora foi em outra escola da rede municipal de Guaíra na década de 1970, também em um bairro de trabalhadores que estava no início de sua formação. Carolina relata que enfrentou dificuldades: “as crianças faltavam muito né? Então aqui na Vila Alta, desde o início, se o aluno faltava uma vez, a gente já ia na casa ver o porquê”. A trabalhadora conseguiu utilizar de sua experiência anterior para entender que somente a luta pela construção da estrutura física da escola não é suficiente: é preciso convencer os pais de que o estudo é importante na vida dos filhos.

Carolina mudou-se para a Vila Alta na segunda remessa de casas da Cohapar, em 1986, e já ouvia comentários negativos sobre a localização da Vila Alta, o que a fazia ter receio em viver no bairro. No entanto, a falta de recursos motivou Carolina a encarar a luta pela manutenção da escola ao entender-se como pertencente daquele espaço, além de que, para os moradores, a escola representa o surgimento de novos valores para o bairro, principalmente no que se refere à organização para que a escola fosse importante na vida daquelas famílias. Conforme discutido no primeiro capítulo, a escola foi palco das reuniões do bairro, serviu como justificativa para o asfaltamento das ruas, entre tantos outros acontecimentos.

Quando narrativas envolvem o tráfico, vários entrevistados afirmaram que, tanto na Vila Alta quanto no Parque Hortência, a década de 1990 foi intensa de negociações e

mortes: “Foi mais ou menos na década de 1990, era tiroteio todo dia, depois lá pelos anos 2000 deu uma acalmada”, narrou Chico sobre o contrabando, tráfico de cigarro, entre outras atividades ilícitas que existem no bairro.

Quando realizei as entrevistas com os trabalhadores mais antigos do bairro, pude perceber que suas experiências de trabalho raramente se envolveram com a atividade ilícita. Estes trabalhadores consideram tais atividades como errôneas e lutaram constantemente para que seus filhos não se envolvessem também. A presença ilícita no bairro é marcada por dois fatores principais: tráfico de drogas e roubo de carro.

Este fator interferiu drasticamente na vida da juventude que morava no Parque Hortência e na Vila Alta nas décadas de 1990. O filho de Carolina havia trabalhado de pacoteiro em um mercado na cidade de Guaíra; trabalhava até nos sábados às dezoito horas e chegava em casa cansado do árduo esforço que fazia todos os dias. Largou a escola, não conseguia se reunir mais com seus amigos e mal via seus familiares. No entanto, Carolina relata: “um dia cheguei em casa e era meio de semana, vim mais cedo da escola não estava passando bem e ele em casa. Perguntei porque ele já tinha chegado e me disse que tinha arrumado emprego de segurança que nem o pai dele”. No entanto, o emprego de segurança do qual o filho de Carolina se referia era o de transportador de drogas. Na década de 1990, o rapaz tinha dezessete anos e foi capturado pela polícia em 2005.

Quando situações semelhantes à de Carolina acontecem, a consciência dos moradores entra em contradição, pois, se há uma concepção de que quem trabalha ilicitamente não presta, quando se remete a alguém que vimos crescer e que amamos, nossos preceitos se tornam questionáveis. No caso de Carolina é ainda mais difícil, pois tratava-se de seu filho.

> É menina, como se diz: “os dedos da mão não são iguais”, cuidei dele e da minha outra filha da mesma forma e ele fez uma coisa dessas. Foi o maior susto! Um dia de madrugada a polícia bate na minha porta e pega ele na cama, dormindo ainda! Foi muita humilhação, os vizinho tudo querendo ver o que estava acontecendo, eu chorava sem parar. E meu filho falava desesperado: mãe me perdoa, mãe me perdoa! Lembro e sofro todos os dias. (CAROLINA, 2015, p.6)

Mesmo sentindo-se envergonhada por seu filho ter sido preso, Carolina afirma que foi melhor do que se houvesse sido morto. Infelizmente, há um ditado na cidade de Guaíra que refere-se àqueles que trabalham ilicitamente: “prisão ou caixão”. Mesmo triste com a prisão de seu filho, Carolina diz: “me consolo em pensar que, se tivesse solto, poderia ser pior”. Carolina faz esta afirmação baseada em informações cotidianas de mães que perdem seus filhos para o tráfico de drogas.

Assim como o filho de Carolina, ouvi de outros jovens entrevistados, adolescentes na década de 1990 eram adolescentes, sobre como o trabalho ilícito chegava facilmente até seus ouvidos. Gabriel, um rapaz de vinte e oito anos que mora no Parque Hortência desde que nasceu, relata:

> Às vezes não era algo que a gente achava que era crime entende? Às vezes era só ficar no início da vila avisando sobre movimentação estranha. Porque aqui você sabe quem entra, quem sai né? Então se a gente via um carro diferente, uma pessoa diferente, avisava os caras que pagavam a gente ou em dinheiro ou dava uma bola, um tênis, um pouco de comida, bolacha, salgadinho, essas coisas. (GABRIEL ,2015, p.2)

Conforme podemos perceber, para um adolescente que passava a tarde jogando bola com os amigos, ceder informações e participar mesmo que indiretamente da atividade ilícita era comum.

No entanto, o entrevistado não persistiu na atividade ilícita. Gabriel trabalhou em uma eletrônica na cidade de Guaíra durante cinco anos quando, em 2010, decidiu tornar-se pedreiro. Seu salário não era a única renda de sua família, porém ajudava seus pais e seus quatro irmãos com as despesas de casa.

No início de 2015, em uma sexta-feira à noite em um bar dentro do próprio bairro, deparou-se com uma situação de desespero. Estava jogando sinuca com seus amigos e o bar foi abordado por três homens armados e encapuzados. Gabriel, que conhece a maioria das pessoas de seu bairro, pois, vive ali desde que nasceu, reconheceu a fisionomia de um dos rapazes. Desesperado, implorou por sua vida, o que tornou a situação pior.

> Ele disse que eu ia me arrepender de saber quem ele era. E aí estou nessa vida de ficar em Terra Roxa e aqui. Minha mãe ficou doente, entrou em depressão pelo desespero que acontecesse algo comigo. Eu parei de sair, parei de andar sozinho e estou vivendo uma vida de medo. Isso foi em janeiro desse ano e, mesmo assim, eu não consigo me convencer de que está tudo bem. (...) A gente sabe que não pode se meter nessas coisas, mas é difícil né? O pessoal que trabalha com isso são os meus amigos que brincava de bola a tarde toda. Aí você acha que eu não ia conhece? Perdi um monte de amigo assim... poucos são os que tão preso, a maioria tá é morto! (GABRIEL, 2015, p.4)

As memórias de Gabriel relatam experiências de muitos que "ouvem falar", mas que foram realmente vividas por ele. Para viver em lugares como Vila Alta e Parque Hortência, é necessário saber as regras do jogo. Em várias situações, é necessário fingir-se de cego, surdo e mudo, pois saber demais pode tornar-se um problema. Portanto, quando as pessoas são questionadas sobre a violência, crimes, bandidagem, respondem que já ouviram falar, mas, que na prática, não sabem ao certo o quê e como se efetiva. Muitos não imaginam que isto acontece dentro de suas casas. No entanto, pude perceber que há uma diferenciação significativa entre a interpretação da atividade ilic dos moradores mais jovens de dezoito a trinta anos e a dos moradores mais antigos que moram ali desde o início dos bairros sobre a atividade ilícita de uma maneira geral.

Para os moradores jovens destes bairros, realizar atividades ilícitas não significa ser uma pessoa ruim, de má índole, mas alguém que construiu essa forma para sobreviver. Gabriel afirma: "eu respeito né? Cada um dá um jeito de ganhar dinheiro. Aí se eles não mexe com isso vai vive de quê? Vai morrer de fome? Não dá né! A culpa é desse nosso país que é assim". A leitura que Gabriel faz da atividade ilícita corresponde a um fator que não é individual; ele não os acusa de trabalharem para comprar um carro novo ou para manter a família, mas simplesmente encara essa atitude como parte de um contexto maior que, como relatado pelo entrevistado, seria a situação de nosso país.

Se, para os trabalhadores mais antigos do bairro, o ilícito é errado e motivo de vergonha, para os trabalhadores mais jovens, há diversas justificativas para atuar em tais atividades. Uma das características que pude compreender é que a atividade ilícita, aparece nas entrevistas para os mais jovens como uma forma de trabalho. No entanto, este mesmos jovens entram em contradição ao usar expressões como "mexi com isso",

“fiz por não ter outra opção”, entre outras frases que evidenciam justificativas para a atividade que executam, diferentemente de quando afirmam sobre as formas de trabalho lícitas.

Assim como Telles, compreendo que “o valor do trabalho deslocou-se para a renda que através dele se obtém” (TELLES, 2010, p.8) no que refere-se às atividades ilícitas. Este novo modelo de flexibilização do trabalho, que exige menos capacitação e especialização para dirigir funções, responde imediatamente à falta de perspectiva dos trabalhadores em permanecer em seus trabalhos. Portanto, a atividade ilícita surge como uma opção viável para os trabalhadores jovens. No entanto, há uma dificuldade exacerbada do jovem que entra neste mundo do ilícito, pois, para sair, na maioria das vezes, ele precisa pagar com sua própria vida.

Quando entrevistei os trabalhadores do Parque Hortência e da Vila Alta, perante o gravador, ninguém assumiu “trabalho ou já trabalhei ilicitamente”. Porém, atestaram conhecer vizinhos e até mesmo familiares que trabalharam desta forma. Portanto, é uma realidade presente na vida dos trabalhadores dos bairros de má fama.

> Joselene: Você, um rapaz de vinte e dois anos, se não conseguisse um emprego aqui em Guaíra, trabalharia ilicitamente?
>
> Sebastião: Com toda certeza né, não sou de ferro (risos). Inclusive já trabalhei já. Mas aí parei com isso, meus pais descobriram e tive que ouvir um monte, aí resolvi endireitar. Mas os meus amigo ainda hoje “mexem com isso” porque como se diz, é o que dá dinheiro né? (SEBASTIÃO ,2014, p.5)

Como é possível perceber na entrevista de Sebastião, o trabalho tem sido objetivado como forma de ganhar dinheiro e não como forma de apresentar aspecto satisfatório. A conotação “endireitar” significa que o entrevistado acredita ter se tornado um homem honesto a partir do momento em que parou de trabalhar trazendo artigos do Paraguai, ou seja, grande parte dos trabalhadores tem valores distintos e não aceitam a contravenção, o ilegal.

Porém, quando conhecemos as histórias de vida desses jovens trabalhadores, por vezes, compreendemos suas escolhas na vida. Começarei por apresentar Sebastião, que

é um rapaz de dezenove anos e que trabalhou em uma fábrica de roupas de bebê quando tinha quinze anos.

> Sebastião: Meu primeiro trabalho foi aqui na Vila Alta mesmo, ali perto das primeiras casas do bairro sabe? O famoso "mutirão". Então, tinha uma fábrica (de costura de roupa de bebês) que eu trabalhei quando eu tinha quinze anos. Era na casa dos donos mesmo, a gente era em umas dez pessoas que trabalhava (costurando), como eu estudava de manhã eu trabalhava de tarde. Chegava da escola meio dia e meia e aí uma e quinze começava a trabalhar já. Só que eu quis sair porque era informal, né? Eu queria ter a carteira assinada, foi aí que eu arrumei emprego numa lanchonete lá no centro da cidade, perto da avenida principal.
>
> Joselene: Mas era mais longe né? Como você fazia para ir e voltar?
>
> Sebastião: Como foi uma boa oportunidade de emprego, eu deixei o serviço, né? Porque imagina né, eu tinha dezesseis anos, quase dezessete, e aí já tinha conseguido um emprego com carteira assinada e no centro, aí não pensei duas vez... (SEBASTIÃO, 2014, p.3)

Por meio da entrevista de Sebastião, é possível compreender que, em bairros como o Parque Hortência e a Vila Alta, há uma junção de trabalho formal com trabalho informal. Sebastião justifica a saída da fábrica por ter conseguido um trabalho com carteira assinada. Porém, é notório que, com quinze anos, sabia que não poderiam assinar sua carteira. Para Sebastião, o trabalho nesta pequena indústria significava algo provisório, do qual saiu quando teve a oportunidade. Conseguir um trabalho que estava no centro da cidade significou uma melhoria na vida de Sebastião não apenas pela carteira assinada, mas pela localização da lanchonete.

O termo "informal" merece destaque por aparecer na fala de Sebastião. Por morar em um bairro do qual a prática do trabalho informal é comum, este conceito tornou-se cotidiano em suas vidas. Mesmo tendo que abandonar os estudos, mesmo gastando horas para ir e voltar do trabalho, Sebastião escolheu o emprego na lanchonete porque, para ele, significou não ser apenas mais um trabalhador informal, ou até mesmo, uma das poucas exceções de trabalhadores que conseguem emprego ainda jovem fora do bairro.

Além de Sebastião, entrevistei outro rapaz de vinte e seis anos, Júlio, que mora na Vila Alta desde que tinha três anos de idade. Em sua narrativa e sem demonstrar explicitamente, Júlio apresenta distanciamento pelo bairro em que mora. Quando fala sobre sua história no bairro, menciona somente ter sua casa naquele lugar, de modo que até mesmo a escola em que estudou não é a que está mais próxima do bairro onde mora; o trabalho que conseguiu em um lava-jato também é distante da Vila Alta.

> Pelo fato de eu ter trabalhado e estudado em outros lugares da cidade eu nem conhecia o povo da Vila Alta. Eu tinha contato com mais gente assim, de fora sabe? Quando comecei a trabalhar na madeireira, aí sim eu conheci gente do Mato Grosso do Sul, do Paraguai e de outras cidades. Eu tinha mais convívio com o pessoal do colégio Roosevelt que normalmente é no centro que o pessoal que estuda lá, mora. (JULIO, 2014, p.6)

Na entrevista, Júlio menciona o aspecto informal de um emprego em que permaneceu apenas dois meses. Não relata quais foram os motivos de ter saído e não diz claramente sobre qual atividade exercia, utiliza apenas o conceito de "informal". Todavia, os aspectos que Júlio relata de negação do trabalho que executava, me fez compreender que se tratava de uma atividade ilícita, pois "passava noites em claro, celular na mão e sempre com muito medo de ser barrado". Também afirma que não queria isso para sua vida e que, portanto, buscava constantemente empregos pela cidade de Guaíra. A madeireira na qual trabalha há três anos é do outro lado da cidade de Guaíra, em direção à saída para o Paraguai, cerca de vinte e cinco quilômetros do local aonde mora Júlio. No início, ia trabalhar todos os dias de bicicleta, quando comprou uma moto e atualmente tem um carro. Ele narra entusiasmado os bens que adquiriu devido ao seu trabalho, pois é o sonho dos jovens trabalhadores possuírem condições de comprar um carro.

O que é interessante notar é que Júlio buscou ter uma vida para além da Vila Alta. O que isso representa na vida de um jovem trabalhador? A meu ver, Júlio nega a identidade de morar em um bairro de má fama. Embora efetivamente sua casa esteja localizada no bairro, se julga diferente dos outros moradores daquele lugar.

Sua entrevista se difere dos moradores que entrevistei e que moram na Vila Alta há mais tempo. Em nenhum momento na entrevista, Júlio demonstrou o aspecto familiar

que, nas entrevistas com outros moradores, apareceu sobre o bairro. Para Júlio, ter encontrado trabalho em outra localização da cidade corresponde em uma busca de que a rotina de vida no bairro se torne quase inexistente, restando apenas as horas de sono.

Vilma Fiorotti (2009), em uma pesquisa para o PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola) na qual centralizou seus estudos para jovens guairenses estudantes de escolas públicas, realizando entrevistas e questionários, identifica que 77% destes trabalhadores jovens de Guaíra exerciam o chamado "trabalho informal". Portanto, submeter-se a trabalhos formais precários conforme os que foram narrados significa uma nova oportunidade na vida desses jovens, que os tira do grupo dos "trabalhadores informais" e os coloca no grupo dos "trabalhadores com carteira assinada". No entanto, ambos os trabalhos são precários e de péssimas condições.

> A maioria entra nisso pra se mostrar (contrabando), tem uns que nem filho tem, é mais pra ficar comprando as coisas, carro, moto, fica pagando aluguel, num junta dinheiro nem pra compra uma casa! (CECÍLIA, 2015, p.9)

Cecília, moradora da Vila Alta desde a década de 1980, menciona a atividade ilícita do bairro e demonstra repúdio. Cecília considera que, além de ilícito, o contrabando favorece o consumo abusivo de artigos desnecessários, interessante principalmente para os mais jovens que pensam a curto prazo, e portanto, acabam realizando tais atividades.

Conheci a família de Cecília há aproximadamente dez anos, quando ela trabalhava de empregada doméstica na casa ao lado da minha em Guaíra. Faz 20 anos que sua família mora na Vila Alta e há cerca de 20 anos que Cecília é empregada doméstica e seu esposo, pedreiro. Cecília teve três filhos, suas duas meninas são empregadas domésticas também e seu filho trabalha instalando televisão por assinatura juntamente com o dono da casa que Cecília limpa todos os dias. Aos 47 anos de idade, Cecília me diz: "só sei fazer isso, só sei ser empregada doméstica". Ao contrário do que parece, na entrevista, ela narrou este trecho de forma satisfatória, dizendo que o fato de trabalhar há tantos anos com a mesma família demonstra: "sou uma pessoa de confiança" – e completa com a afirmação de que "hoje em dia isso é muito difícil, né?".

O primeiro trabalho de Cecília foi de empregada doméstica. Anteriormente, havia morado na casa de seus pais e ajudava a cuidar de seus seis irmãos. Por ser a irmã mais velha, precisou substituir a atuação da mãe e do pai diversas vezes na educação de seus irmãos. Quando casou-se, sentiu a necessidade de ajudar com as despesas de casa, conforme relata:

> Eu casei e ai o Rubens sempre foi pedreiro, só que não tinha condição de se manter só com o salário dele, porque você sabe, né? Pedreiro um dia tem trabalho, no outro não. Aí eu consegui esse trabalho de empregada doméstica e louvei a Deus porque sempre vi tanta gente reclamando de emprego, né? Já eu, não! Minha patroa é muito bacana, até pros aniversários dos filhos dela, ela me chama. Dona Sebastiana já me ajudou muito! (CECÍLIA, 2015)

Cecília mantém uma relação de respeito com sua patroa por ter concedido um trabalho quando Cecília passava por dificuldades, este foi o motivo pelo qual nunca reclamou de seu salário, de seus afazeres e até mesmo dos finais de semana em que precisou trabalhar. Ao longo dos anos, a relação de Cecília com seus patrões foi a de paternalismo[27]. A patroa de Cecília confia em deixar os filhos para que ela ajude nas tarefas da escola, para que organize os horários das crianças, resumidamente, para que os eduque; Cecília pode levar o que sobra do almoço para alimentar seus filhos; nos aniversários, é convidada e isso faz com que ela acredite que é alguém da família.

Cecília, que é moradora da Vila Alta, também narra que ensinou seus filhos a tratar todos com muito respeito. "Independente do que faz, falava pros meus filho tratar bem pra não arruma confusão, até levava os filho dessa gente pra igreja com nós". Porém, ensinou-os a diferenciar os que "prestam" dos que "não prestam", ou seja, os que trabalham formalmente daqueles que exercem atividades ilícitas. Mas, ao longo da entrevista, acaba por afirmar que "na verdade as pessoas começam a trabalhar nisso por necessidade, né? Tinha gente lá no bairro que eu via que se não fosse por isso ia morrer de fome". Portanto, para Cecília, que é evangélica da Assembleia de Deus, é difícil compreender as atividades ilícitas. Porém, acredita que "todos somos filhos de Deus" e, sendo assim, justifica os bons tratos ao lidar com seus vizinhos, mesmo sabendo da vida

[27] Interessante destacar que compreendo este termo no modo proposto por Thompson, que o define não apenas como uma visão vista "de cima", mas numa perspectiva de troca entre o trabalhador e seu patrão.

que levam. É uma mistura do "sagrado e do profano" que faz com que as pessoas, ao julgarem estes trabalhos, acabem em contradição.

Algo notório nos bairros é que, para quem é de dentro do bairro, não há discrição sobre quem trabalha informalmente, até mesmo aqueles que lidam com o contrabando de cigarros, mais comum entre os jovens e dificilmente aceito pela sociedade.

Coggiola escreveu em seu texto, "O tráfico internacional de drogas e a influência do capitalismo"[28], que o "tráfico internacional de drogas, em alta escala, começou a desenvolver-se a partir de meados da década de 1970, tendo tido o seu *boom* na década de 1980", este período corresponde a formação de ambos os bairros pesquisados e que, por se tratarem de bairros marginalizados na cidade, foram alvos do tráfico de drogas .

> A gente sai pra trabalhar e deixa os filhos em casa, né? Aí sempre deu medo de que eles saísse pra rua e acabasse se envolvendo com o que não presta. A gente já veio de São Paulo pra dar uma melhorada de vida, dar uma educação melhor, aí sempre conversamos muito com eles pra saber que o que é certo, é certo. Quando a gente mudou pra cá lá por 1990 e alguma coisa, não sabia direito como era aqui, aí foi entendendo que às vezes aquela criança indefesa que vinha visitar seu filho e brincar era filha do maior traficante do bairro. Esperamos só os meninos completa doze anos e todos iam ajuda o pai de servente. Melhor do que ficar em casa, né? Vai saber... (RITA, 2015)

Rita havia morado em São Paulo com seu esposo e seus quatro filhos e, na década de 1990, mudaram para a Vila Alta. Rita é técnica em enfermagem, mas já trabalhou como manicure, diarista, vendedora de roupa e atendente de farmácia. Seu esposo, desde adolescente, trabalha como pedreiro. O sonho de Rita sempre foi estudar, porém, na cidade grande isso era impossível, pois trabalhava o dia inteiro e, à noite, precisava cuidar de seus filhos. Quando a família de Rita mudou-se para Guaíra, os primeiros moradores ainda estavam estruturando o bairro, por isso esse medo presente na fala de Rita. Não sabia ao certo quem estava saindo ou chegando no bairro, quem tinha "boa ou má" índole. A narrativa de Rita demonstra como a atividade ilícita modifica diversas relações; mesmo afirmando que a criança era indefesa, se fosse filho

[28] COGGIOLA, Osvaldo. O tráfico internacional de drogas e a influência do capitalismo. Revista Adusp: São Paulo, 1996. Disponível em http://www.adusp.org.br/files/revistas/07/r07a07.pdf

de traficante não poderia brincar com seus filhos, a atitude de Rita apresenta-se como se o crime estivesse pairando sobre sua casa, como se fosse proibido até mesmo falar com o filho do traficante.

Outro aspecto importante na fala de Rita é que, com doze anos, seus filhos já trabalhavam como pedreiros, iguais ao pai. Ao mesmo tempo em que os filhos de Rita estavam trabalhando, outras crianças com doze anos estavam em casa brincando, jogando vídeo-game, cursando inglês, informática e balé. Os filhos de Rita representam a luta de classes, suas oportunidades desde pequenos foram diferentes das oportunidades dos filhos de tantas outras famílias.

Cada um destes trabalhadores entrevistados começa narrando sua história de trabalho desde quando eram crianças. Essa é uma realidade clara dos moradores do Parque Hortência e da Vila Alta: desde crianças já sabiam que era preciso trabalhar para sobreviver. Mesmo aqueles que narram ter nascido e trabalhado no sítio quando mal sabiam andar já estavam ajudando no trabalho que toda a família exercia junta. Essa também é uma diferença dos trabalhadores contemporâneos: conforme Rita narrou, saía para trabalhar e não tinha como cuidar dos filhos. A partir do momento que completavam doze anos e que iam com o pai trabalhar, assemelham-se aos trabalhadores que narraram que, desde crianças, trabalhavam com os pais. O que isso implica? Mesmo mediante as dificuldades que isso provoca, implica na presença dos pais na vida dos filhos. Algo que não é costumeiro em bairros como a Vila Alta e o Parque Hortência, devido à intensa rotina de trabalho dos pais.

2.3 EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO NA DÉCADA DE 2000

Nos anos de 2000 houve modificações drásticas nas relações de trabalho nos bairros pesquisados. Os próprios moradores reconhecem que nas décadas anteriores, houve constantes roubos, presença forte do tráfico nos bairros e um acontecimento marcante na cidade de Guaíra: a chacina de 2008. “Ah, teve um controle maior de polícia no bairro, né?”, afirma Chico. Embora a chacina tenha acontecido em uma chácara distante da Vila Alta e do Parque Hortência, o organizador deste crime era morador da Vila Alta. Os jornais, internet, entre outros meios de comunicação, noticiavam a cada instante sobre este fato, o que causou, segundo os moradores dos

bairros, uma presença policial marcante até amenizar a situação do tráfico na cidade de Guaíra, que foi o real motivo da chacina.

No entanto, não foram somente as relações das atividades ilícitas que se modificaram. Desde a década de 1990, já havia o surgimento das indústrias no Oeste do Paraná. Porém, somente a partir de 2007 Guaíra foi atingida por essa nova forma de trabalho. Os frigoríficos da Copagril e da Cvale começaram a recrutar trabalhadores de Guaíra para trabalhar na linha de produção. Este fator pareceu ser a "solução" para a juventude que não tinha perspectivas referentes a trabalho na cidade de Guaíra.

Estácio, um rapaz de 32 anos que entrevistei em 2012 e 2015, morador no Parque Hortência desde que nasceu, narrou desde a primeira entrevista a angústia em trabalhar no frigorífico da Cvale durante três anos. Na primeira vez que o entrevistei, trabalhava no frigorífico. Na segunda, havia conseguido um trabalho como segurança.

Estácio recorreu ao frigorífico como última opção de emprego, pois foi até o SINE da cidade de Guaíra e não havia vagas além dos frigoríficos da Copagril e da Cvale. Durante três anos, Estácio foi diariamente para Palotina, enfrentando a seguinte rotina: "acordava três da manhã, me arrumava, tomava um banho pra desperta bem e esconder o cansaço, né? e ia pro ponto esperar o ônibus. (...) entrava e não conversava com ninguém, só queria sair dali". Sua experiência de trabalho anterior havia sido como pedreiro. Desde os treze anos, ajudava nas despesas de casa e, portanto, nunca pôde ficar sem trabalhar. "O melhor emprego que eu tive depois que eu fui pedreiro era o do laticínio". Estácio já havia trabalhado em temperaturas frias durante três anos no laticínio na cidade de Guaíra, portanto, avaliava o trabalho no frigorífico como algo suportável, já que havia passado por trabalhos com a mesma intensidade.

A memória de Estácio referindo-se ao frigorífico o perturba, já que menciona que não gostava de se reunir com os colegas do Parque Hortência que trabalhavam no frigorífico da Cvale, pois faziam com que se lembrasse das dificuldades que passou no trabalho, embora tenha se casado com uma colega da linha de produção quando observou que viviam problemas semelhantes, conforme narra:

> A Eugênia eu conheci na linha de produção, foi bem quando eu estava sentindo muita dor nos braços, ela também, um cobria o outro e assim a gente foi se

> ajudando. Quando eu disse pra ela que tinha vergonha de dizer que estava doendo, ela riu e disse que já sentia esse tipo de dor fazia dois anos. Aí a gente começou a conversar... hoje estamos aqui, casados. [risos] (ESTÁCIO, 2015, p.8)

Interessante notar que a experiência semelhante de dor entre os dois jovens trabalhadores fez com que ambos conversassem, já que anteriormente os dois narram que não sabiam quem era seus colegas de ônibus e na linha de produção. Não é somente uma história romântica, mas, vivenciada na prática, tornou-se mobilizadora da consciência de classe que fez com que estes trabalhadores percebessem que não eram exceção em sentir dores na linha de produção.

A história do Parque Hortência relacionada com os frigoríficos surgiu em 2012, quando questionei Estácio sobre como havia encontrado esse trabalho no frigorífico, ao que ele me respondeu:

> Olha, eu sempre ouvia o pessoal dizer. Aqui no bairro mesmo, pelo menos uns dez, quinze amigo meu trabalhava lá. Até que um dia, era no final de semana, passou um carro desses com som, sabe? Dizendo "oportunidade única – trabalho com carteira assinada", eu já estava procurando trabalho tinha uns três meses, tinha saído do meu antigo trabalho de pedreiro e aí queria algo melhor, mais certo, né? Ouvi o som e logo me entusiasmei e, quando cheguei no SINE, o cartaz da Cvale era maior, cheio de oportunidade, foi aí que me iludi. (ESTÁCIO, 2012, p.3)

A narrativa de Estácio permite questionar alguns aspectos. O primeiro é a relação que o Parque Hortência possui com estes frigoríficos. Minha família mora em um bairro na cidade de Guaíra que não é distante do Parque Hortência e da Vila Alta, mas nunca ouvimos um carro de som anunciar trabalho nos frigoríficos da região. Então, por que direcionam propagandas nestes bairros? Se há essa visão estigmatizadora de que lá mora gente que não presta, por que ir até lá divulgar uma forma de "trabalho digno"?

Histórias como essas que acabei de narrar sobre trabalhadores de frigoríficos não são exceções. Como afirmam Bosi e Varussa, "o aumento de trabalhadores nas

indústrias de alimentos foi superior a 240%, através das entrevistas podemos perceber que a grande maioria destes trabalhadores executam tarefas extenuantes e precárias" (Bosi e Varussa, 2009).

Enquanto realizava as entrevistas com estes trabalhadores que narravam o trabalho nos frigoríficos, pensava constantemente o porquê de ir até outras cidades em busca de emprego e eis que, ao serem questionados, respondiam:

> Joselene: Por que você acha que essas pessoas mais novas saem de Guaíra pra procurar serviço em Palotina?
> Eugênia: Talvez não acha opções melhor pra trabalhar né? E aí procura fora. (EUGÊNIA, 2012, p.2)

Esse é um dos argumentos usados pelos trabalhadores que buscam oportunidades de trabalho em outras cidades da região. É interessante notar que não são somente trabalhadores da Vila Alta e do Parque Hortência que trabalham nos frigoríficos fora da cidade de Guaíra. Em uma cidade em que, com apenas trinta minutos, é possível atravessar a ponte e estar no Paraguai, o trabalho informal tornou-se realidade de muitas pessoas. Porém, a noção de que "eu queria um trabalho de verdade, que tivesse pelo menos carteira assinada", conforme diz Eugênia, que anteriormente havia sido empregada doméstica, tornou-se discurso proferido por grande parte dos trabalhadores que lidam com empregos precários como os das indústrias que, mediante semanas, meses e anos, observam que o fato de ter a carteira assinada, muitas vezes, não compensa as consequências que estas formas de trabalho provocam e que são facilitadas nos bairros de má fama.

O que significa ter este trabalho com carteira assinada? Durante as entrevistas com os trabalhadores do Parque Hortência e da Vila Alta, pude avaliar que o que faz com que muitas dessas pessoas permaneçam nestes empregos é a vontade de possuir uma carteira assinada e poder dizer "eu trabalho em um emprego digno", visto que é costumeiro o trabalho ilícito na cidade de Guaíra. É uma "dignidade" difícil de ser discutida quando expressa-se realidades vividas dentro de um trabalho que proporciona a carteira assinada, mas que corrói o trabalhador dia após dia.

> Joselene: E as pessoas que vão trabalhar com você pra lá, eram sempre as mesmas ou mudam bastante?
> Heloísa: Ah, muda quase todo dia!
> Joselene: E por que você acha que muda?
> Heloísa: Ah, eu nem sei te dizer, só que parece que o povo não gosta muito de trabalhar, né? Tinha pessoas que ia no primeiro dia, ficava só até o intervalo e já saía, vinha reclamando das dor. Às vezes, a pessoa não gosta do frio, não tá acostumada... às vezes, pensa que é uma coisa e é outra...sei lá, acho que as pessoas não gostam muito de trabalhar. (HELOÍSA, 2015, p.2)

Heloísa é uma senhora de quarenta anos que trabalha na Copagril há seis anos e que mora na Vila Alta desde 2000. Podemos observar no trecho acima aspectos contraditórios e uma visão diferente das narrativas de Estácio e sua esposa Eugênia. A rotatividade dos trabalhadores nestes frigoríficos é constante e isso torna dificultosa a relação entre estes trabalhadores que, ao entrarem no ônibus para irem rumo aos frigoríficos, só pensam em vencer mais um dia de trabalho e retornar para suas casas. Em um segundo momento da entrevista, Heloísa menciona as dificuldades encontradas por alguns trabalhadores, diagnosticando-os como pessoas que não gostam de trabalhar. Não é porque Heloísa se julga superior por ter aguentado o árduo trabalho, mas compreendendo um pouco de sua trajetória de vida,, é possível de entender sua afirmação.

Heloísa mora na Vila Alta e o salário mínimo que recebe do frigorífico é a maior renda da família. Juntamente com seu esposo, sua mãe, sua filha e seu neto, moram em uma casa de BNH, sem muitos recursos, há apenas dois quartos: em um deles dorme sua filha, seu neto e sua mãe e, no outro, Heloísa e seu esposo. Conseguiram, através de muito esforço, comprar uma casa, o que mediante aos olhos de outras pessoas, pode ser encarado mais como um desastre do que como uma conquista. A casa na qual vivem há quinze anos não possui todas as janelas com vidros, algumas são tampadas com caixas de papelão; logo no primeiro cômodo fica a cozinha, que é pequena e tem um fogão à lenha e uma mesa ao redor da qual a família está posta e me recebe. Motivo pelo qual pode ser significativo não ter atribuído más informações sobre o trabalho no frigorífico, já que por se tratar da matriarca da casa, precisou demonstrar firmeza em seu trabalho.

Experiências como a de Heloísa são significativas, pois Estácio narrou que a maioria dos trabalhadores do Parque Hortência e da Vila Alta que vão até os frigoríficos são jovens de dezoito a trinta anos. No entanto, Heloísa é uma das exceções e sua

história de luta também contém experiências diferentes. O trabalho que parece intolerável para alguns jovens trabalhadores, para ela tem que ser aguentado, pois não há outras perspectivas em relação a conseguir emprego na cidade da Guaíra por se tratar de uma mulher com quarenta anos e que, anteriormente, havia trabalhado de empregada doméstica. O frigorífico despertou em Heloísa a suposta "dignidade" em deixar de lavar o chão para outras pessoas e possibilitou que ela pudesse trabalhar "toda de branco, igual uma médica!". E outras palavras, o trabalho no frigorífico possibilitou a Heloísa sonhar com algo que lhe é impossível.

Conforme já mencionado, a cidade de Guaíra não possui nenhuma indústria grande como os frigoríficos localizados em outras cidades do Oeste do Paraná. Porém, há pequenas fábricas, algumas são localizadas nas casas dos proprietários e alguns dos trabalhadores que entrevistei narraram tais fatos.

Neste capítulo, procurei abordar algumas das experiências relacionadas às formas de trabalho que pude identificar nas entrevistas que realizei com moradores do Parque Hortência e da Vila Alta. Baseando-me no conceito de Thompson sobre experiência, busquei selecionar aspectos que surgiram em diversas entrevistas e contextualizá-los neste capítulo.

Sobre a noção do que é trabalho, por vezes nos deparamos com realidades que entrecruzam as mais variadas formas de trabalho e nos possibilitam refletir sobre o que consideramos "trabalho": sacrifício? Ambição? Prazer?- na maioria dos casos dos quais elenquei neste capítulo nenhum destes conceitos se encaixam, mas sim, o de sobreviver. As escolhas nem sempre são as sonhadas – o filho de Carolina de vinte e oito anos, provavelmente, não queria ver sua mãe sofrendo por vê-lo ser arrastado pela polícia; os vizinhos de Cecília, que ela considera "gente boa", provavelmente têm uma história para justificar o trabalho ilícito. Os jovens entrevistados por Fiorotti provavelmente gostariam de não ser mais um número na estimativa da atividade ilícita. O trabalho não é algo que, necessariamente, dá prazer. Pouco ouvimos "que bom ter que trabalhar", por isso, o dinheiro resultante e transformado em mercadoria é o que irradia os olhos e provoca as emoções para que levantemo-nos todos os dias e permaneçamos firmes em nossos trabalhos. Com os trabalhadores dos "bairros de má fama" não é diferente.

Embora sejam histórias heterogêneas, há uma experiência em comum, uma classe de trabalhadores que vivem em lugares precários na cidade e que conseguem,

também, trabalhos precários. Quando destacam o trabalho que realizam, não discutem ter vontade de ali permanecer o resto de suas vidas, mas farão isso se for necessário, já que em Guaíra é assim que afirmam conseguir sobreviver: “ou a gente arruma emprego fora, ou tem que trabalhar com o que não presta, né? Sou honesta, quero morrer assim”, afirma Heloísa, que relaciona na mesma frase o trabalho com a morte, possibilitando entender que, para Heloísa, assim como para tantos trabalhadores, o trabalho não é algo prazeroso, mas, sim, algo que precisa ser feito para conseguir sobreviver, seja para comprar bens de consumo ou para deixar nas memórias a pessoa honesta que foi.

No próximo capítulo, viso discutir a violência física e moral sobre os aspectos relacionados às formas de atividade ilícita, bem como sobre a estigmatização dos bairros periféricos da cidade- Parque Hortência e Vila Alta.

Capítulo 3

Estigmatização como interface da violência

Neste último capítulo, pretendo analisar aspectos envolvendo a violência física e a estigmatização no Parque Hortência e na Vila Alta e, mediante as entrevistas e algumas reportagens do jornal “O presente”, contextualizar historicamente o sentido atribuído à violência cotidiana na vida destes trabalhadores que ali vivem. Portanto, dividirei este capítulo em duas partes: a primeira visa historicizar a estigmatização externa interpretada pelos trabalhadores, ou seja, discursos proferidos pelas pessoas que não moram no Parque Hortência e na Vila Alta. No segundo tópico, destacarei a estigmatização interna, a qual os próprios moradores construíram mediante suas experiências sobre o local onde moram.

3.1 A ESTIGMATIZAÇÃO DE FORA PARA DENTRO DOS BAIRROS

“As pessoas olham pra mim e já acham que eu sou bandido, né? Neguinho assim, morador de bairro pobre, já pensam que eu não presto”, narra Chico entre risadas. Talvez Chico não saiba que outros moradores que não são negros também sofrem essa estigmatização, que mais está direcionado ao local onde moram do que a quem são. Essa é uma das problemáticas que pude identificar nas entrevistas: mesmo

tratando-se de experiências em comum, os trabalhadores acreditam que trata-se de uma crítica ao individual.

Além de Chico e dos demais entrevistados que narram suas experiências de violência, há a mídia que, ao apresentar somente os aspectos de violência dos bairros, potencializa a estigmatização, conforme podemos observar abaixo:

> **Guaíra – PM apreende drogas, motocicleta e dois rapazes**
> Em patrulhamento pelo Bairro Parque Hortência, na noite de segunda (9), por volta das 23h15, a equipe de serviço avistou uma motocicleta em alta velocidade, luzes apagadas e dois elementos suspeitos. Na tentativa de abordagem, o motoqueiro conseguiu fugir. Os PMs continuaram o patrulhamento pela Rua Joana Albana Zeballos e se depararam com a motocicleta novamente, desta vez seguindo em direção ao centro da cidade, e iniciaram acompanhamento tático por várias ruas. Dado momento, o condutor tentou fazer uma manobra em frente ao Posto Chafariz, quando perdeu o controle e acabou caindo. Mas, no mesmo instante ele se levantou e partiu em desabalada carreira até ser dominado pelos policiais. Outra equipe foi acionada para dar apoio e ajudar na revista pessoal dos rapazes. Foi encontrado nas imediações, uma (01) trouxinha de maconha e nove (09) papelotes de cocaína. A motocicleta apreendida – apesar de estar em tremendo estado de abandono – trata-se de uma Honda/NX 200, cor azul e sem placas. Os rapazes, **C. B. S**., 24 anos, morador de Pinhais/PR e **J. P. S**., 21 anos, morador de Guaíra, foram encaminhados à DP local para as providências. Um deles estava no regime semiaberto e outro havia saído há pouco tempo da prisão. Momento mais tarde, foi informado que os detidos tentaram roubar uma lanchonete próxima a Prefeitura – na Av. Cel. Otávio Tosta, porém, devido à aproximação de policiais, acabaram fugindo sem levar nada.
> (Portal Guaíra, 13 de dezembro de 2013)

Gostaria de chamar atenção para esta reportagem que tem sua postagem original no site Portal Guaíra[29] e que não se trata de uma notícia incomum. Os dois jovens que foram perseguidos pela polícia conforme narrado acima não são do Parque Hortência e a apreensão não foi conduzida no bairro. Porém, o fato de afirmar que ambos estavam de motocicleta de noite naquele lugar atribui o sentido de que deveriam ser perseguidos, afinal, dois jovens depois das 22 horas andando de moto pelo Parque Hortência não é algo bem visto pelos policiais. Portanto é questionável o nome do bairro nessa

[29] Comecei o trabalho realizando pesquisa no jornal Ilha Grande, no entanto, este jornal não apresenta página policial desde 2012.

informação, mas serve para compreendermos que tê-lo é sinônimo de legitimação do crime. É disso que Chico está falando quando se refere que é visto como bandido.

> A gente já cansou de ouvir os outros falando que "ah, se morreu lá naquele bairro, bom sujeito não era" ou coisa do tipo "ninguém morre inocente". Mas, o que acontece aqui é o seguinte, olha pra lá, você consegue ver toda a cidade. Nós estamos do lado de fora da cidade, entendeu? (CHICO, 2015, p.4)

O que significa estar "do lado de fora da cidade" para um trabalhador? Representa que esse trabalhador não se reconhece enquanto morador de Guaíra, interpretação resultante das diversas vezes em que tentou fazer parte da cidade e que não conseguiu. Há um processo de disputa pelo direito de viver na cidade. O fato de o próprio trabalhador reconhecer a distinção do lugar onde mora dos demais lugares da cidade significa que compreende a estigmatização e que, por vezes, já até incorporou-a. Não é incomum ouvir dos moradores dos bairros frases que afirmam a violência e lidando pejorativamente com as pessoas que ali vivem.

A cada morte que acontece nestes bairros, surgem frases como essas narradas pelo trabalhador, no sentido de naturalização dos fatos. Ler no noticiário a morte de um sujeito que residia no bairro ou acontecida no bairro implica em caracterizar esta morte apenas como mais uma.

Gonçalves, um senhor de 54 anos, cedeu a entrevista em sua casa e mostrou-me cômodo por cômodo a fim de caracterizar o intenso trabalho que ele e seu pai tiveram ao construir aquele espaço. Quando questionei sobre seu pai, Gonçalves narrou que:

> O pai era um senhor de muita força pra trabalhar. Vivia comigo e com minha esposa só que aí um dia saiu pra trabalha de servente de pedreiro e já era tarde e não chegava, quando sai ali óh, naquela esquina pude ver meu pai caído no chão. Ele passou mal e não conseguiu chegar em casa, ninguém socorreu. E bem naquele dia teve uma morte aqui no bairro, quando foi anunciado no rádio no outro dia, adivinha só! Colocaram o nome do meu pai como o chefe do tráfico aqui no bairro. Diziam que ele tinha morrido com tiros e tudo mais. Foi revoltante! (GONÇALVES, 2015, p.6)

Gonçalves narra este fato de sua história com indignação de seu pai ter trabalhado a vida inteira e, na hora de sua morte, ter sido vítima de comentários inválidos sobre quem foi. Gonçalves teve o trabalho de explicar para mim e para todos aqueles que o questionavam sobre tal afirmação, mas... e para todos aqueles que ouviram o rádio no dia que foram noticiadas informações erradas sobre seu pai? Gonçalves me diz que não questionou a rádio, pois de nada ia adiantar, mediante tantos senhores Silvas que se tem em Guaíra, explicar a morte de "mais um" do Parque Hortência não fazia diferença. "Meu pai era um senhor simples, do que ia adiantar ir lá e falar na rádio? Foi só mais um senhor de idade que morreu", narra Gonçalves.

Chico e Gonçalves argumentam em suas narrativas que, mesmo sendo contrários à estigmatização sobre o bairro, não estão mais dispostos a desconstruí-la e, em ambos os casos, não é por comodidade. Trata-se de dois trabalhadores que viveram injustiças e que, por isso, não acreditam mais na capacidade de contê-las. Trata-se de uma violência externa, mas que tem um impacto interno, causa dor, perda e desconforto.

Loic Wacquant escreveu em *Os condenados da cidade* que, em todas as cidades do mundo, há os párias urbanos; mudam as nomenclaturas, mas, o sentido é o mesmo: condená-los como marginais, bandidos, aqueles que devem viver em um espaço da cidade do qual a maioria das pessoas teme e não suportaria morar. Assim, identifiquei que os trabalhadores que moram no Parque Hortência e na Vila Alta são essa gente comum sobre quem Loic escreveu em sua obra e que carregam o peso do que significa serem os párias urbanos.

Após entrevistar trabalhadores como Chico e Gonçalves, pude compreender que a questão principal não se trata apenas de discutir as formas que estes trabalhadores vivem nos bairros de má fama da cidade, mas, também, interpretar como se integram nas estruturas econômicas, políticas e sociais do contexto urbano de maneira geral. A partir deste propósito, estudar a estigmatização que sofrem tornou-se fundamental.

Na Vila Alta, a realidade não é muito diferente. No início da dissertação, quando Luísa narra que ela e seus amigos foram chamados de "vileirinhos", sua fala demonstra a inquietação em serem vistos negativamente, o suficiente para que não frequentassem mais os jogos do final de semana com os adolescentes da igreja matriz. Luísa narra que "talvez eles não tenham dito por mal, sabe? Mas, essas coisas magoam, a gente achava

que eles via a gente como igual, mas que nada! A gente era tido como os de fora". Luísa e seus colegas não revidaram, não questionaram e também não retornaram à convivência com o grupo da matriz; gesto que demonstra que já vivenciaram isso outras vezes e que, então, decidiram conviver apenas com aqueles que "são de dentro".

Luísa é uma jovem de vinte e quatro anos, não se diferencia dos demais jovens trabalhadores de sua idade. Frequenta as mesmas lanchonetes em Guaíra, trabalha no setor administrativo de uma empresa, entre demais lugares, mas, sua distinção apresenta-se quando diz morar na Vila Alta. Por que tal fato acontece? DaMatta escreveu, em *A casa e a rua*, que os bairros marginalizados são mal vistos por não apresentarem uma diferenciação explícita entre o espaço do público e do privado. Assim sendo, é costumeira em bairros periféricos a briga do marido e da esposa ouvida pelos vizinhos; o bêbado que assombra todos; os pais que batem nos filhos, entre demais atuações que, nas avenidas centrais, são escondidas. Por isso, quando há no noticiário um assassinato no centro, ele se torna sinônimo de murmúrios e assunto para a semana toda – quando acontece algo em um bairro como a Vila Alta ou o Parque Hortência, torna-se escandalizador, mas rotineiro. A reportagem abaixo não é exceção. Enquanto fazia a pesquisa, diversas foram as notícias referentes às mortes acontecidas nas casas das próprias vítimas,

> **Polícia tem suspeita de autoria de assassinato**
>
> João Fernando Ferreira Vargas foi morto com três tiros no pátio de sua casa
>
> As investigações sobre a morte de João Fernando Ferreira Vargas, 21 anos, estavam "bem encaminhadas" na tarde de ontem (24), segundo o superintendente da Polícia Civil de Guaíra, Hamilton Ravedutti. De acordo com o policial, existem indícios da autoria, mas ele prefere omitir outras informações para não correr o risco de comprometer a investigação. O crime aconteceu por volta das 23 horas de quarta-feira (23) no Parque Hortência. João Fernando Ferreira Vargas estaria sozinho em casa quando aconteceu o crime. Ele morreu no portão da casa, localizado num lugar desabitado na Rua Adenito José dos Santos. A vítima foi morta com três tiros, possivelmente de calibre 38, que atingiram a cabeça (dois) e o tórax (um).
>
> (O PRESENTE, 26 de Abril de 2008)

É em matérias como essa que podemos compreender que, nos bairros dos trabalhadores, essa distinção entre público e privado se difunde, tornando notícias como essa impactante, mas costumeiras.

Porém, não tenho a intenção de descaracterizar a violência que acontece nos bairros e que é vista e contada pelos moradores. De fato, se não houvesse violência, não haveria regras, tais como: a partir das dez horas da noite, as pessoas se recolhem em suas casas e, mesmo que os amigos se reúnam, é no quintal das casas, as ruas são praticamente vazias; o tráfico, por exemplo, é a atividade de alguns dos moradores do Parque Hortência e da Vila Alta, mas, quando é mencionado nas entrevistas, é sempre relativo ao outro e mesmo assim, "ouvi falar", "me disseram", "fulano que sabe".

Ao observar aspectos importantes nas entrevistas dos primeiros moradores, destaquei a violência como aparente em todos os casos e em todas as situações narradas. Por vezes, para lembrarem-se dos fatos, os entrevistados narravam acontecimentos violentos como "a escola foi criada quando a família do Paraguai morreu inteira", "me mudei de casa quando aquele rapaz que estudava com meu filho foi baleado", "eu tinha trinta anos quando roubaram minha moto"; entre demais menções. Algo perceptível foi a afirmação de que, na década de 1980 e 1990, ao longo de sua formação, ambos os bairros eram perigosos, havia tiroteios diários e muitas mortes, mas a partir do ano de 2000, as atividades ilícitas e as mortes reduziram significativamente. Como fazem essa média? Através do policiamento, que se tornou maior na cidade de Guaíra. Conforme a narrativa de Joana:

> Joana: No tempo que essas casa era tudo longe, tinha muito tiro, muito mesmo! Ixi, passava aqui...
>
> Joselene: E mesmo assim o pessoal continuava morando aqui?
>
> Joana: Continuava os que tava, mais os outros não vinha. Aí quando foi no último mandato do Lula, mas, dizem, que eu não conheci, que tinha quatro família aqui que era família muito perigosa, assim de gente... ruim. Os que fazia os "movimento feio".(...) quando essas quatro família saiu acabou o tiroteio, acabou tudo.
>
> Joselene: Essa época de tiroteio foi mais ou menos quando?
>
> Joana: De 1982 até 1995 quando eles foram embora. O Antonio (irmão de Joana) falou que de 1995 até 1997 deu uma acalmada. Mas aí em 1997 você estava dormindo e só escutava tiro, eu

> morria de medo. Aí quando foi de 2000 pra frente acalmou e encheu de casa. Na verdade eu acho que acalmou isso tudo quando veio aquele negócio de policiamento. A RONE né? Por isso que eu acho que essas pessoa foram tudo embora. Sossegou, agora tá cem por cento bom. Tô pra dizer pra você que aqui é quase melhor do que o centro da cidade. Às vezes a gente escuta tiro aí quando vai vê é lá do outro lado da cidade. Daqui não escuta mais nada não! (JOANA, 2014, p.8)

Pude identificar, através da narrativa de Joana a contradição em explicar sobre a violência. Obviamente, Joana pode realmente achar que a violência diminuiu com a vinda da polícia. No entanto, é justamente este discurso que se propaga pela cidade, associando a polícia com a diminuição de crimes e da violência. Desde pequena, me lembro de operações corriqueiras nas quais encontrava policiais de várias denominações diferentes na rua, como RONE[30], Força Nacional entre outras. Quando isso acontecia, era comum ouvir que a cidade estava mais calma e que o tráfico iria cessar. Há uma interpretação de que o bairro era perigoso durante os anos de sua formação, mas que, para a classe trabalhadora que ali vive, isso tornou-se algo do passado. Contudo, quando narram os acontecimentos cotidianos, logo aparecem as contradições que expõem a presença da violência nos bairros.

A trabalhadora afirma que não conheceu as quatro famílias que aterrorizavam o bairro. Porém, já morava no Parque Hortência nesse período e destaca que o tiroteio acontecia desde 1982 até meados de 1995, dando a entender que a violência não estava representada apenas pelas quatro famílias, pois, mesmo depois da ausência daqueles que representavam o crime, a violência permaneceu. Do que se trata a violência que Joana expõe? Quando a trabalhadora menciona a violência dos anos iniciais remete-se à memória de roubos de carros, nas casas, da incapacidade de viver no bairro sem se preocupar se não seriam assaltados naquela noite, se a janela havia sido trancada, se seu esposo e seus filhos conseguiriam voltar do trabalho e da escola sem sofrerem algum dano.

Joana, inclusive, compara o bairro com o centro da cidade, do qual acredita ser ainda pior quando se trata de violência. O termo “movimento feio”, remete-se às trocas ilícitas, às mortes acontecidas no bairro, aos usuários de drogas e aos roubos que eram costumeiros durante a década de 1990 no Parque Hortência.

[30] Rondas Ostensivas de Natureza Especial

Guaíra aparece anualmente no Mapa da violência como uma das cidades mais perigosas do país. No ano de 2011, Guaíra consta no Mapa da violência nacional em 10° lugar, sendo a primeira cidade do Paraná a figurar na lista, deixando para trás cidades como Foz do Iguaçu. Em 2012[31], apareceu no ranking das três cidades mais violentas do Brasil. No ano de 2013, aparece novamente no Mapa da violência, ocupando o 7° lugar entre as cidades mais violentas acima de vinte mil habitantes; neste mesmo ano de 2013, Guaíra ocupa o 2° lugar no mapa da violência do Estado do Paraná.

Por meio da análise destes dados citados acima sobre a cidade de Guaíra, é possível perceber que tem aumentado o índice da violência, ao contrário do que afirmam os entrevistados. Por que tais afirmativas acontecem? Se considerarmos que há uma diferenciação de quando os moradores se mudaram para os bairros e ainda não conheciam os vizinhos, era um espaço novo em suas vidas e a situação atual, caracterizada por anos de convivência uns com os outros, é possível afirmar que, para estes moradores, a violência que é corriqueira tornou-se comum.

Quando questionei Chico sobre não ter medo da época que relata ser a dos tiroteios, Chico responde: "Acostuma! A gente só não podia sair de casa né?". Era prática comum saber que à noite, por exemplo, não havia possibilidade de permanecer até tarde na rua, pois, no momento em que alguém entrasse no bairro, poderia ser assaltado. Há regras que não são explícitas, mas que, ao longo dos anos e morando naquele lugar, os moradores já sabem o que fazer para conseguir sobreviver.

Chico relata: "uma vez eu tava chegando do serviço de bicicleta, era passado das dez horas da noite, um rapaz com uma faca quis me assaltar. Eu tirei meu punhal de dentro da calça e falei: pode vim. Ele saiu correndo." Essa atitude de Chico demonstra que já havia precaução entre os moradores do Parque Hortência, pois sabiam que era comum os assaltos e furtos, incluindo até mesmo artigos menores como bicicleta, carteira, celular. Chico demonstra que precisou adequar-se à realidade vivida. Não é comum andar armado na cidade de Guaíra, mas, para Chico, tornou-se necessário visto que trabalhava a noite e, ao chegar ao bairro, já havia sido vítima de assaltos.

O que há de percepção entre os moradores é que, durante a década de 1980 até meados de 1990, havia a presença deste tipo de violência. No entanto, com o aumento

[31] http://www.sangari.com/mapadaviolencia/

do policiamento em Guaíra, as práticas menores de roubo diminuíram, mas os acordos de atividades ilícitas se intensificaram.

> A janela aqui de casa vivia fechada, um dia tentaram assaltar a gente. Pra você vê né, a gente pobre vive nessa casinha e tentaram rouba a gente! (risos). Isso já mostra que eles não tava atrás de coisa grande, que nem carro, moto; eles queria coisa pequena, menina. Uma vez roubaram vassoura, balde, rodo, essas coisas assim. (...) isso na década de 1990. Hoje as coisas melhoraram, eu te digo porquê, porque a gente dorme com a janela aberta, por exemplo. Os rolos que tem aqui no bairro não é mais de "peixe pequeno", é só gente que tem dinheiro, que briga e que mata por milhares. No final das contas, eu acho que foi isso que mudou. (CHICO, 2015, p.11)

É interessante como esta narrativa de Chico demonstra um processo de mudança no bairro. Na primeira parte, referindo-se aos anos iniciais de formação, os crimes cometidos eram em busca da sobrevivência. Roubava-se comida, roupas, artigos de limpeza de casa, objetos comuns; diferentemente dos crimes avaliados atualmente por Chico, que consistem em acordos entre criminosos.

"Eu queria trabalhar fora né? Mas as pessoas falam que aqui é violento e aí não me dão trabalho porque vai que acontece alguma coisa comigo", relata Estácio, que não acha o bairro tão violento em comparação com o que as pessoas falam. Empregar Estácio significa viver com desconfiança, pois ele representa um bairro pobre, entendido como sinônimo de perigoso, "difícil de separar quem presta de quem não presta". Esse é um discurso comum, ouvido e vivenciado na prática por trabalhadores como Estácio. Dessa forma, fica evidente o porquê, em bairros como Parque Hortência e Vila Alta, de os trabalhos executados serem os mais precários; é onde trabalhadores como Estácio conseguem a oportunidade do trabalho. Caso contrário, há as atividades ilícitas.

A violência que parece naturalizada nos bairros tornou-se condição da existência da cidade. Para que haja um bairro central, é necessário que haja bairros periféricos, torna-se importante a discussão sobre bairros marginalizados, pois não são frutos de uma "ordem natural", fazem parte de um projeto de cidade que reforça a desigualdade social.

> Às vezes as pessoas vem pra cá e tão envolvida com algo errado. O que acontece? Vão fazer acerto de contas, são mortas e o que a gente ouve por aí? “O Parque Hortência é perigoso”, “no Parque Hortência só tem malandro, bandido”, é ruim isso aí porque você vai procurar um emprego e não dá certo porque você é de tal bairro; ou você pode até trabalhar, mas, que nem um compadre meu, trabalhava numa loja. Um belo dia, chegaram na loja pra trabalhar e tinha tido uma assalto. Sabe o que aconteceu? O coitado ganhou as conta! Porque os dono acharam que ele tinha organizado o assalto. Não é fácil...(ESTÁCIO, 2015, p.8)

A narrativa acima expõe de modo evidente a estigmatização sobre o Parque Hortência. Estácio narra que seu compadre estava naquele trabalho havia dois anos e meio e este acontecimento serviu para exemplificar que, mesmo conseguindo o trabalho, não havia confiança de seus chefes. Infelizmente, tornou-se prática comum em bairros como o Parque Hortência e a Vila Alta a estigmatização. Por vezes, ela não é intensificada no sentido de mudar radicalmente a vida das pessoas, mas, em outros casos como o desse compadre de Estácio, significa até perder o trabalho.

Para os moradores do Parque Hortência e da Vila Alta, é injusto a estigmatização que acontece nos bairros, pois considerar a totalidade do bairro como um composto de bandidos significa não conhecer a realidade de grande parte daqueles moradores que possuem experiências de vida baseadas na luta pela sobrevivência. Os entrevistados relatam que, em vários dos crimes acontecidos no bairro, os protagonistas nem são moradores, mas surgem como um número a mais nas páginas policiais.

Quando os moradores referem-se àqueles que morrem ou que atordoam a paz do bairro, afirmam que “teve um rapaz que mudou ali na casa debaixo, não deu uma semana e já mataram ele”, ou seja, os moradores do Parque Hortência nem o conheciam, nem sabiam no que trabalhava, mas ele morreu ali e, então, mais uma notícia para ser narrada denegrindo a imagem do bairro. Outra justificativa encontrada pelos moradores é afirmar que “o centro da cidade é pior do que aqui, a gente sempre ouve falando das mortes que acontecem lá”, afirma Joana.

Há um processo duplo de estigmatização, o primeiro se refere ao preconceito vivenciado pelos moradores dos bairros perante os demais moradores da cidade de

Guaíra; tal processo tem por consequência a marginalização intensa dos bairros; a indisponibilidade de trabalhos na cidade de Guaíra que não sejam de mão-de-obra bruta, como construção civil, em linhas de produção de fábricas ou laticínios.

Visto dessa maneira, julgar o Parque Hortência e a Vila Alta como perigosos torna-se equivocado se comparado à realidade da cidade no âmbito geral.

Em uma breve entrevista, Adriano disse-me,

> Ninguém acreditava que eu ia ser gente direita, moça. Meu pai está preso e eu cresci largado, na rua, na verdade eu tinha lugar pra dormir. Hoje eu sou office-boy de uma farmácia e tem alguns finais de semana que eu trabalho de garçom. Acho que o fato das pessoas julgar demais fez com que eu decidisse que não queria a mesma coisa que o meu pai. Você não conseguiria imaginar o que já passei. Pensa só, preto, pobre e moro na "favela de Guaíra" (Parque Hortência). Mas foi assim que conquistei o meu espaço, lutando e mostrando que eu sou diferente. (ADRIANO, 2015, p.3)

Ao narrar sua história, Adriano destaca que é de superação, um rapaz que, sem muitos recursos, com o pai preso, vivendo à margem da sociedade, onde todos observavam seu fim, usou da fatalidade para conseguir reverter a situação. Quem está de fora da história de Adriano pode ter a percepção de que ela é catastrófica, afinal, o que ele entende como mérito se refere a um trabalho simples, mas visto como conquista por seu próprio esforço. Ainda numa situação como a de Adriano, a estigmatização está presente. Quando menciona aspectos sobre sua identidade e direciona sua localização à favela, é possível compreender que o lugar onde mora contribuiu para as dificuldades ao longo de sua vida. Adriano incorpora em sua narrativa a argumentação de que as condições no bairro são ruins. Atribuir para si o significado de "diferente" enfatiza ainda mais a estigmatização do bairro.

Ana é empregada doméstica e trabalha em duas casas diferentes, é esposa de Paulo, mãe de Gabriel, citado no segundo capítulo, e de mais três rapazes. O ano de 2015 certamente não será esquecido por sua família, que vivenciou dificuldades por vezes impossíveis de serem explicadas em palavras. Como historiadora, julguei necessário analisar do começo ao fim esse fato na vida da família.

Conforme relatei no segundo capítulo, Gabriel se envolveu equivocadamente em um assalto no bairro, não como assaltante, mas como vítima. Sofria perseguições, sem saber se eram reais ou imaginárias, o fato é que afetou toda sua família. Ana sofreu um distúrbio mental ao ponto de ficar paralisada em uma cama. Quando lembro-me de Ana, sempre vem à mente uma mulher batalhadora, que conseguiu construir sua casa e sustentar seus filhos mediante muito esforço. Ao saber que seu filho estava ameaçado de morte, sem possuir muitos recursos, Ana rezava. Em uma tarde de sábado, quando retornava de uma das casas que limpava, teve um colapso mental e foi necessária a ajuda de médicos para segurá-la. Dias depois, quando havia sido medicada e estava melhor, pôde conversar e me disse:

> Queriam levar meu filho, mas Deus não deixou! Eu mandei ele embora daqui, desse lugar, dessa gente. Imagina só, desde pequenininho eu cuidando do meu filhinho e agora esse povo ruim querendo levar ele. Eu não posso deixar, mas eu não tenho mais o que fazer, só consigo pensar em rezar. Até quando chego no serviço eu ajoelho assim ó, e junto as mãos e digo "Nossa Senhora protege meu menino!". (ANA, 2015, p.1)

Momentos antes de sair da ambulância, a enfermeira disse que tratava-se de uma mulher "doida, sem controle algum". Analiso de forma diferente: tratava-se de uma mãe desesperada para salvar a vida de seu filho. Esse episódio se trata de uma maneira diferente de compreender a violência. Não era algo explícito, mas de tanto ser sentido por essa mãe, tornou-se um problema físico. Gabriel poderia ter aparecido nas páginas policiais do jornal da região como "mais um rapaz de vinte e oito anos morto" para sua família, assim como foi para família de Gonçalves que, de tão desconsolados, nem se propuseram a desmentir.

O que pretendo discutir trazendo essa história de Ana é que não era somente mais um caso. A trabalhadora sofria por pensar que poderia perder seu filho. Provavelmente tinha vontade de mudar-se do bairro quando seu filho foi ameaçado, mas, o que poderia fazer? Seu filho continuou morando meses enclausurado, com medo e, como consequência, toda sua família também sentia medo.

A violência deixa memórias de dor, de sofrimento e angústia na vida das pessoas. Em casos como de Ana, é possível perceber que não é apenas uma questão de

querer ir embora do bairro para escapar da violência. Quando não se tem condições de mudar, é necessário conviver, mesmo que isso exija padecer cada dia um pouco mais.

Após pesquisar as notícias referentes ao bairro, ficou mais claro o sentimento que Ana sofre referente ao medo de perder seu filho. Ana já acompanhara, no decorrer de sua história no bairro, acontecimentos como este abaixo.

> **Rapaz é assassinado enquanto jantava com esposa e filha**
>
> João Dias, 25 anos, foi assassinado por volta das 20 horas de segunda-feira (06), em sua casa, na Rua Adenito dos Santos, no Parque Hortência, em Guaíra. O rapaz, que tinha passagem pela polícia, estaria jantando com sua esposa e a filha de três anos quando foi morto. Segundo apuração da polícia, um elemento teria chamado a vítima pelo nome. Quando a esposa de João foi atender o solicitante na porta, dois elementos surgiram e começaram a atirar no rapaz. Ele foi atingido por cerca de três tiros e morreu no local. Os elementos estariam com os rostos descobertos. As investigações são realizadas sob sigilo. (O Presente, 08 de Agosto de 2007)

A notícia destacada acima é de 2007, ano que está entre os "anos calmos" da violência no Parque Hortência, conforme narrado por Joana. O que fica evidente é que mortes como a desse rapaz, assassinado em frente de sua filha de três anos, acontecem ainda cotidianamente nos bairros e merecem destaque. Interessante notar que a afirmação de que o rapaz morto possuía passagem pela polícia parece justificar o acontecimento, causando um impacto menor em quem lê, afinal, a impressão que fica é a de que provavelmente o rapaz havia feito algo para merecer morrer desta forma. Essa é uma das elaborações da mídia referente aos bairros de má fama: apresentar justificativas que apresentem seus moradores como merecedores do crime e da violência que acontece.

No entanto, para a esposa e a filha mencionadas na notícia, não foi somente mais uma morte e nem se trata de uma diminuição da violência. Quando lidamos com este conceito na História, devemos compreendê-lo não somente como números, mas com sentidos físicos e morais que as pessoas sofrem cotidianamente. Se a violência diminuiu ou aumentou, isto não resolve o fato principal que é o motivo de ela existir de maneira acentuada nestes bairros.

Se para os trabalhadores houve uma diminuição da violência nos anos de 2000, o documento abaixo comprova que para a polícia a violência intensificou-se ao ponto de ser necessário solicitar a vinda de mais policiais para a cidade. O que me parece ter acontecido é que houve de fato uma diminuição de roubos menores, que eram cotidianos nos bairros, como roubo de carro, de moto, entre demais objetos. A violência passou a ser direcionada para a atividade ilícita. Sendo assim, surgem interpretações contrárias sobre este aspecto.

> A presente ação civil pública pretende obter a lotação de um acréscimo de Policiais Federais (Delegados, Peritos, Agentes, Escrivães e Papiloscopistas) na Delegacia de Polícia Federal no Município de Guaíra/PR (região fronteiriça do Brasil com o Paraguai e divisa do Estado do Paraná com o Mato Grosso do Sul), de forma a assegurar o direito difuso à segurança pública e o respeito aos princípios da proibição do retrocesso social e da proporcionalidade como vedação da proteção insuficiente[32].

Na busca por documentação que discutisse a violência nos bairros, encontrei este documento que está disponível na internet. O trecho acima faz parte de um documento enviado pela Polícia Federal de Guaíra para o Ministério Público Federal. O objetivo de tal documento é o pedido de aumento de policiais em Guaíra, os dados usados para validar a solicitação é que em maio de 2012 haviam sido instaurados por Portaria 358 Inquéritos Policiais, em uma comparação com 2007, quando haviam sido instaurados 378 Inquéritos durante todo o ano. O pedido de novos policiais se firma no seguinte contexto "(...) eis que se trata de uma das regiões mais violentas do Brasil, com alto índice de criminalidade, especialmente a transnacional e que, por consectário, utiliza-se do meio terrestre, através das Rodovias Federais existentes em Guaíra (...)". Portanto, para além da estigmatização que os próprios bairros sofrem, a cidade de Guaíra também é mal vista devido à criminalidade que acontece ali.

Em 2013, aconteceu a inauguração do novo prédio da Polícia Federal, incluindo a contratação de mais agentes e peritos. Porém, mesmo com o aumento de policiais, a cidade de Guaíra continua como aponta o Mapa da violência de 2012: com alto índice de criminalidade.

Elementos armados rendem família em Guaíra

[32] Ministério Público Federal, Ação Civil Pública, União (DPF), Ofício n.º 1928/2012 DPF/GRA/PR

> Na madrugada de domingo (20), equipes de serviço do 3º Pelotão se deslocaram até o Bairro Vila Alta, periferia de Guaíra, onde as vítimas relataram que quatro elementos encapuzados e armados com armas de fogo chegaram na residência e, após anunciarem o roubo, renderam os moradores. Na sequência, eles fugiram levando uma motocicleta Yamaha/YBR125, cor preta, placa AKC-3981, um micro-computador, dois aparelhos de celular e certa quantia em dinheiro, pertencente às vítimas. Apesar das buscas, até o momento os elementos não foram localizados e nem os objetos recuperados.
>
> (O presente, 23 de Julho de 2008)

Trago essa reportagem por um motivo especial, em toda a pesquisa que realizei no jornal O presente, nesta reportagem em específico, a Vila Alta aparece como um bairro comum aos demais bairros de Guaíra. Obviamente que há na notícia a informação de que o crime ocorreu na "periferia de Guaíra", mas, dessa vez, a notícia apresenta os moradores do bairro como vítimas do crime e não como protagonistas. De 1994 até 2013, que foram os anos pesquisados, encontrei somente essa reportagem em que a Vila Alta é apresentada em tal contexto. Portanto, a notícia acima refere-se a um crime acontecido no bairro e que, pela primeira vez, apareceu nas páginas do jornal.

Mediante as entrevistas, diversos foram os roubos que aconteceram no bairro, mesmo na década de 1980, anos iniciais de sua formação. Porém, conforme destacado acima, é uma periferia e criou-se a concepção de que nas periferias os crimes são comuns de acontecer, como se nunca houvesse vítimas, sempre culpados.

A discussão sobre o que é a violência para estes trabalhadores e o que ela tem provocado em suas vidas já me parece o suficiente para considerar como essencial interpretá-la. No entanto, durante as narrativas, os próprios trabalhadores possuíam dificuldade em discernir o que realmente pensavam sobre o bairro do que tinham ouvido falar. Neste processo de reviver determinados momentos em que já sofreram a estigmatização, a memória esteve em disputa retomando aspectos que foram negativos sobre a história de vida que possuem no bairro, mas houve também memórias de luta e de coletividade que trouxeram conquistas. Portanto, as entrevistas também foram um exercício para os próprios moradores questionarem se o que vivem realmente é aquilo que narraram. Afinal, como afirmou Edson, "no final das contas, eu acho que aqui tem problema como todo lugar, mas eu gosto e é demais daqui, sô!"

3.2 A ESTIGMATIZAÇÃO ENTRE OS TRABALHADORES

> Aqui na Vila é bem tranquilo, isso que falam que é perigoso é tudo mentira (...) Quando eu venho da faculdade, atravesso a cidade praticamente toda a pé ou de bike, aí quando estou chegando ali na entrada da Vila Alta meu marido me busca. Eu não tenho medo porque venho com outra amiga, já acostumamos. (RITA, 2015, p.5)

Quando Rita narra sua vida na Vila Alta, parece não perceber que está em contradição. Durante a entrevista, em diversos momentos Rita faz uso de frases para defender a Vila Alta, "aqui tem muita gente que trabalha duro"; "tenho orgulho de morar e trabalhar aqui", entre demais afirmações que demonstram sua simpatia pelo bairro em que mora. No entanto, quando relata seu cotidiano, apresenta contradições, como esta narrada acima que menciona percorrer um longo caminho a pé depois das 23 horas com sua companheira de faculdade e que somente na entrada do bairro é que seu marido fica esperando para acompanhá-las. Ou seja, Rita não diz, mas os quinze minutos que equivalem da entrada do bairro até sua casa, considera como mais perigoso do que os trinta minutos percorridos anteriormente, em que atravessa diversas ruas da cidade de Guaíra com sua amiga que também é moradora do bairro.

Logo quando Rita começou a narrar sua trajetória de vida destacando os momentos de sofrimento que vivia em São Paulo, pude perceber que os elogios atribuídos à Vila Alta eram caracterizados pela comparação que a trabalhadora fazia entre a vida passada e a atual. Essas memórias fazem parte da experiência destes trabalhadores que, fazendo o exercício de recordar o passado, comparam com o presente e sonham com um futuro melhor. Na maioria das vezes, a vida na Vila Alta e no Parque Hortência significou uma conquista na vida daqueles que não possuíam tantas opções.

Enquanto realizava entrevistas, destaquei dois grupos principais que apresentavam características sobre os bairros. O primeiro grupo afirmava que no bairro existem problemas, mas que são uma comunidade, que as pessoas se ajudam, que há confiança entre os vizinhos, organização de festas, mobilizações, entre demais atividades. O segundo grupo, refere-se àqueles que afirmavam que o bairro era bom para se viver, mas que é repleto de violência e de mortes, aquilo que ouvi em várias entrevistas como depósito de crimes.

O que é interessante observar é que, em todas as definições, as experiências estavam sendo analisadas pelos próprios trabalhadores. Os moradores mais antigos interpretam a violência como algo existente, mas que não é predominante: "aqui tem de tudo, mas o que mais tem é a ajuda um do outro", afirma Edson (esposo de Carolina). Já para os mais novos, o que caracteriza o bairro é a violência: "nem aqui perto eu gosto de ficar, quando chega o final de semana, vou pra longe, só tiro e rolo", afirma Sebastião, que foi mencionado no capítulo anterior. Interpretações diferentes sobre um mesmo espaço, mas algo aparece em todas as narrativas: a violência existe. Narrada por esses moradores, ela tem outro significado, que é o de quem a vivencia verdadeiramente.

Portanto, compreendendo que a vivência e interpretação sobre os bairros não são homogêneas e há opiniões distintas sobre estes espaços, pretendo neste tópico discutir sobre as estigmatizações existentes entre os próprios moradores referentes não somente ao bairro, mas, sobre uns com os outros.

Carolina, uma das primeiras moradoras da Vila Alta, relata essa experiência abaixo,

> Eu vim pra cá com o propósito de construí uma casa e também uma família. Seria injusto eu fica dizendo que aqui é ruim e coisa e tal. Tô aqui faz mais de vinte anos e já vi acontecer crime, até morte já vi, mas é aquela coisa como se diz, que quem não deve não teme né? Minha família todo mundo conhece e respeita. A gente dá um duro danado pra pode viver bem. O que eu acho injusto que acontece aqui no bairro é o seguinte, eu, moradora antiga falo pra você "aqui é bom pra viver", aí um rapaz novo, que mal sabe sobre a vida fica falando que aqui é isso, que é aquilo. Isso não deveria valer né? A minha filha, você pode até entrevistar ela pra ver, ela adora morar aqui. A gente se une com os outros e nem parece que não é da família. A gente se ajuda não só com festa, bolo, reunião de igreja, a gente se ajuda quando fica doente, quando precisa de verdade um do outro. A gente é quase que nem diz uma família de verdade até porque família de verdade são aqueles que a gente escolhe né? Por isso, digo e repito, amo esse lugar, Vila Alta tem histórias lindas de gente que sofreu muito. (CAROLINA, 2015, p.3)

Através da narrativa de Carolina, podemos perceber que a discussão em defender o bairro nem sempre tem sido com quem é de fora, mas com os próprios moradores, alguns dos quais insistem em denegrir a imagem do bairro. Se retomarmos a

história de Carolina, sua trajetória de vida, suas experiências e o contexto em que vive atualmente, podemos entender que ela realmente acredita naquele espaço como um bom lugar para se viver. A experiência de Carolina é significativa, pois é uma das mães que viu seu filho sendo preso por ter se envolvido com atividade ilícita e, mesmo assim, não encara essa dificuldade como algo do bairro, mas algo particular de seu filho.

Na narrativa de Carolina, há um aspecto de negação a respeito dos moradores mais recentes no bairro. Nas entrevistas há um embate em uma divisão na Vila Alta entre os moradores do Mutirão e moradores novos do projeto de financiamento do governo "Minha casa, minha vida". "A gente detesta que fiquem dizendo que as coisas ruins acontecem só no mutirão, a gente que lutou por esse lugar!", afirma Carolina. O mutirão é a forma de organização das primeiras casas construídas pela COHAPAR, que são bastante semelhantes, mesmo tamanho dos terrenos, as casas construídas iguais e se há alguma diferença é porque os moradores a modificaram após terem recebido suas casas.

Portanto, não é só uma estigmatização advinda do outro: dentro do próprio bairro há a diferenciação entre quem faz parte do Mutirão e quem faz parte das novas construções.

> Ah! Os crimes acontecem lá no Mutirão. Aqui na entrada eu nunca vi dizê que roubaram casa, moto, coisa assim. Antigamente pode até ser, mas, hoje em dia, isso acontece só lá pra trás. (...) Como posso te dizê, tem uma divisão sim, e todo mundo sabe. Tem uns que não presta, mora pra lá, mas nem todos, né, claro que tem uns que presta, trabalha direito também. Mas os daqui pra lá são os que mudou tem menos tempo, uns cinco, sete anos pra cá, aí esses é mais decente, (risos) você entende né? (JOÃO, 2015, p.2)

Esse é João, que demonstra claramente o que circunscreve a divisão. Ao contrário do que afirma tratar-se apenas do modo de organização das casas, posso afirmar que se refere a uma desigualdade social existente na Vila Alta. Não existem mansões construídas na "parte nova" do bairro, mas há trabalhadores que ganham um pouco mais de três salários mínimos e que conseguiram financiar e construir casas com estruturas diferentes das que até então eram comuns no bairro. Essas casas se localizam na parte mais recente do bairro, que agora se tornou a entrada.

Não culpo João e nem Carolina de possuírem concepções diferentes acerca do bairro. Cada história que circunscreve a história da Vila Alta possui trajetórias diferentes e é isso que torna a cidade, cidade. No entanto, essa divisão existente na Vila Alta demonstra as contradições para além dos bairros centrais dos bairros periféricos, há a separação entre os "que prestam" dos que "não prestam" e, em muitas vezes, o que define este termo é a questão econômica.

Os moradores destes bairros apreendem a conviver com pessoas de várias formas diferentes e sabem que há regras para tal convívio. Joana afirma como lidava com uma família que era conhecida no bairro pelo comando do contrabando na cidade:

> Ah! A gente ficava na nossa, mas, nunca deixava de cumprimentar, né? Eles passava e a gente até puxava um papo. Um dia, menina, eu fiquei morrendo de tremedeira, bateram palma em casa e fui vê e não era a mulher do cara? Aí eu pensei "virgem Maria, será que eu fiz alguma coisa?" e que nada! Ela só queria sal emprestado. Aí eu falei, "tá vendo Chico, eles são gente que nem a gente!" (risos) (JOANA, 2015, p.9)

No Parque Hortência, há diferenças de estigmatização como na Vila Alta, mas, entre os moradores há distinções entre os que são mais antigos dos mais novos e entre outros fatores, como afirma Chico: "tinha os matador e tinha os ladrão". Os moradores dos "bairros de má fama" parecem já ter compreendido aquilo que demoramos entender, que se refere ao modo como lidamos com as outras pessoas. Joana conseguiu identificar que naquela sua vizinha não havia apenas alguém que agia ilicitamente, mas uma pessoa comum que possui as mesmas necessidades que Joana.

A estigmatização existe não somente na imaginação dos trabalhadores que moram nestes bairros, mas na prática que é efetivada dia após dia em situações que já se tornaram corriqueiras. Parece tão natural que, se pensarmos nas cidades das quais conhecemos bem ou que já moramos, há sempre uma vila ou um bairro do qual os comentários pejorativos e as expressões faciais de medo são comuns. Essa é uma das formas de organização da cidade efetivada pelo capital.

Quando iniciei o processo de entrevistas com os moradores de ambos os bairros, imaginei que me narrariam as tortuosas experiências de violência como ver alguém

sendo morto, ser assaltado, correr debaixo de abrigo para sobreviver aos tiros e imaginava que era somente esse tipo de violência que os trabalhadores iriam me narrar.

Acabei me surpreendendo com frases como a de Edson: “A gente tá tentando arrumar a casa, mas quem olha por fora tem medo de nós. Na verdade, quem é de fora, né? Porque quem é daqui sabe que a gente é gente boa”. A realidade de Edson não é diferente de vários outros moradores que, durante anos, tentam modificar o lugar em que moram. Mesmo havendo o embate e os moradores mais antigos defendendo o “mutirão”, há poucas casas que restam da forma original de quando foram construídas. Muitas foram modificadas pela necessidade, pelos filhos que cresceram e ajudaram a construir mais quartos, pelos anos de trabalho que possibilitaram comprar novos móveis e aumentar cômodos, entre tantos outros fatos. Todavia, o significado de fazer parte das remessas de casas construídas pela COHAPAR não deixa de ser importante na vida destas pessoas que, como Edson menciona acima, muitas vezes são vistas com maus olhos e julgadas por serem pobres.

Edson narrou o trecho abaixo sobre ter sofrido um processo de estigmatização em um supermercado de Guaíra. Conforme narra,

> Um dia eu sai do trabalho, tinha passado a noite toda trabalhando de segurança, né? Aí vim pra casa coloquei uma roupa simples, mas, que paguei com meu dinheiro, corri no mercado que não é o daqui da vila, sabe? Um lá no centro, e quando cheguei e pedi pra moça me atender, pensa que ela me deu a chance de falar? Me tratou mal pra caramba, virou as costas e saiu. Eu só queria pedir ajuda porque não tava encontrando um pedaço de carne que eu queria fazer, porque era um dia especial, aniversário do meu filho. Aí você vê que o pobre não tem valor, pode ter o dinheirinho ali, que é suado, né? Mas, o que o rico tem, nós não tem, que é a dignidade de ser bem tratado nos lugar. (EDSON, 2015, p.3)

Desta vez, Edson não foi julgado pelo lugar em que mora, mas pela classe social em que apresenta fazer parte. Então, é possível destacar que o processo de estigmatização acontece primeiro pela classe social em que Edson está inserido. Em um segundo momento, dentro do próprio bairro, há a estigmatização do local em que foi construída sua casa. Ainda neste aspecto, o que está em jogo é a questão financeira de Edson. No entanto, o fato principal da narrativa de Edson é sobre a justificativa que o

trabalhador atribui ao modo como a moça do supermercado o trata. Por que Edson não imaginou que a moça estava ocupada e que não poderia atendê-lo naquele momento? Edson carrega consigo os indícios da estigmatização. Portanto, não se trata apenas de como o outro o observa, mas de como o próprio trabalhador se insere na sociedade.

Para escrever, parece ser uma equação simples, mas quando se trata de vivenciar momentos em que isso atinge diretamente estes trabalhadores, é cruel identificar que poucas são as condições de mudar tal realidade.

Além da estigmatização, a violência física se faz presente na vida destas pessoas. Todos os trabalhadores que entrevistei relataram ter perdido alguém conhecido do bairro e por quem tinham apreço. A perda nem sempre está relacionada à morte, em alguns casos representa ter se envolvido com a atividade ilícita, em outros, estar preso. Até mesmo Otávio, que tem vinte anos, mora no bairro há apenas três anos e trabalha como empacotador em um mercado do bairro, destacou que subindo a rua principal antes de chegar no bairro, pôde avistar uma movimentação que lhe pareceu estranha. Quando chegou mais perto, não podia entrar e dirigir-se até sua casa, pois havia acontecido um crime cujo culpado a polícia estava prestes a capturar e, por isso, havia interditado todo o bairro. Foi a primeira experiência de Otávio relacionada à violência no bairro que se sentiu diretamente lesionado, mas a história não termina por aí.

> Quando fui pedindo pros policiais que queria entra porque tinha direito, tenho minha mãe e minha irmã que morava do lado da onde eles estavam falando que tinha sido o crime, eles não deixava eu entra, me segurava e dizia que se eu não ficasse quieto, eu que ia preso. Aquilo foi me dando raiva, porque você sabe né, a gente vendo que algo de ruim aconteceu, eles não falava o que era porque achava que qualquer um podia ser culpado e minha família lá, as duas sozinhas. Eu quase perdi a cabeça. Quando liberaram tudo e entrei na Vila, sabe quem era o rapaz morto no chão? Meu primo! Minha mãe e minha irmã estavam em estado de choque. (OTÁVIO, 2015, p.4)

Assim como Otávio relatou tal acontecimento, demais moradores destacaram pessoas a quem queriam bem e que acabaram vendo-as mortas. Não me senti à vontade em questionar o porquê o primo de Otávio foi morto, porém Otávio me disse que seu primo era usuário de drogas e que havia “mexido com as pessoas erradas”.

Independente do que o primo de Otávio fez ou deixou de fazer, no momento em que Otávio narrou este fato que marcou sua história, houve tanta dor em sua fala que o que me interessou não foi questionar o porquê isso tinha acontecido, mas como Otávio, que narrou o desespero em ir socorrer sua irmã e sua mãe, sentiu ao ver seu primo no chão morto. Se estivermos propostos a julgar, nunca haverá tempo em que nos colocaremos no lugar de quem sente a dor. Se o primo de Otávio mereceu ou não o fim que teve, não cabe a mim discutir nessa dissertação, mas foi mais um jovem que morreu de forma fatal sobre a visibilidade de sua família e que não teve tempo de tentar modificar sua história. Aonde entra Otávio nessa história da violência? Ele é o primo do "tranqueira" que foi morto na Vila Alta, "bom sujeito não deve ser"... afirmações assim são mais fáceis de dizer do que compreender que Otávio e sua família sofrem a perda de seu primo que, independente do que fez para aquela família, não era apenas "mais um".

Otávio poderia não ter narrado a morte do primo, poderia apenas ter me dito que a vida na Vila Alta é tranquila e que, embora já tivesse passado por algumas dificuldades, a vida segue. Porém, ele escolheu me contar este fato que foi tão importante e marcante em sua vida. Narrou com detalhes a dor que sentiu e como precisou superar para continuar vivendo naquele lugar onde perdeu seu primo. Até hoje, não sabem quem foi que provocou sua morte.

Otávio é só um rapaz de vinte anos que não tinha muito que narrar sobre suas experiências de trabalho, mas possui essa marca na sua história. Além da narrativa de Otávio, também existem outros fatos que podem ser evidenciados como violência na vida destes trabalhadores. Quando um casal de trabalhadores como Chico e Joana relata que perderam seu filho por não ter assistência médica por perto, isto evidencia a forma precária que é caracterizado o bairro. Portanto, não é somente a violência física que mata. Fortificar a estigmatização contribui para que o bairro pareça sem solução e para que seja visto como depósito de crimes. O resultado disso é, por exemplo, a morte do filho do jovem casal trabalhador na década de 1990, como narra Chico:

> Sofrer a gente sofre, né? Mas a gente dá a volta por cima. A gente finge que não tem dor, a gente finge que dá pra superar tudo, pra seguir de exemplo pros pequeno, né? Uma hora a gente percebe que valeu a pena e que tudo quanto era sofrimento ficou no passado e aí lembra que tem motivo pra sorrir de novo. É assim que eu vivo a minha vida, porque sei que tem gente que tá

> pior. Minha vizinha esses dias, pediu pra eu conversar com o filho dela porque disse que ele tá se envolvendo com coisa errada, fiquei com medo, mas quem nega o pedido de uma mãe desesperada? Minha outra vizinha tá meio lelé por causa do filho que, mesmo sem faze nada de errado, pensa num menino bão, tá sendo perseguido aí por uns cara, aqui até os que presta é confundido com os que não presta. Essa é a lei. (CHICO, 2015, p.4)

Apresento diversas narrativas de Chico. Por vezes, parece que só atentei os olhares para este trabalhador. No entanto, Chico narra sobre aspectos de sua vida e interpreta também a vida de outros moradores que entrevistei. Por isso, sua narrativa me parece tão interessante. O maior sofrimento mencionado por Chico foi a perda de seu filho ainda bebê. Quando compara a dor que sentiu, procura lembrar que há pessoas que sentem dores piores e por isso se conforta. Através de sua narrativa, pude entender que Chico não desejava perder seu filho. Mediante as dificuldades que percebe suas vizinhas passando com os filhos que estão vivos, compreende que há diversos modos de sentir a dor em perder um filho, mesmo que ele ainda esteja vivo. Essa interpretação foi expressa por Chico mesmo que implicitamente.

Afirmar que "essa é a lei" significa saber que, depois de tantos anos vivendo naquele lugar, há regras que mesmo que um morador não queira, devem ser respeitadas. Foi isso que manteve Chico e sua família presentes no Parque Hortência.

Os trabalhadores que entrevistei não me disseram que precisaram aprender a viver nos bairros, que possuem regras e artimanhas que somente entende quem é dali. Todavia, durante suas narrativas, tornou-se tão comum comentarem tais fatos que é perceptível que, mesmo involuntariamente, sabem que há uma forma diferenciada de agir quando se mora em bairros de má fama.

Os jornais, o apelo policial, entre demais meios de comunicação como rádio, ainda não são tão eficazes como a conversa do dia-a-dia. Por isso, apresentei algumas reportagens, mas o que desde nova apreendi sobre a Vila Alta e o Parque Hortência foi o que ouvia falar numa fila de mercado, numa conversa de comadres, meus colegas na escola ou até mesmo de meus tios. Portanto, as notícias ainda se propagam em larga escala através do "diz que me disse" e é assim que esses bairros tornaram-se tão mal vistos.

É uma tarefa difícil propor a discussão sobre violência e não parecer que estou atacando negativamente os moradores do bairro. O verdadeiro objetivo deste capítulo foi demonstrar que não se descontrói aquilo que parece sólido escondendo fatos, mas discutindo-os e interpretando com o intuito de demonstrar que não há uma ordem natural, que o problema tem um início e que, portanto, pode ter um fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relembrar as análises documentais, as narrativas, o trabalho de campo e imaginar: será que deixei tudo da forma que encontrei? É evidente que não. Já diria o grande poeta Fernando Pessoa que "todos aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si e levam um pouco de nós". Com este trabalho de mestrado não foi diferente. Por meses me senti pesquisando dois bairros nos quais nunca morei, mas dos quais verdadeiramente fiz parte. Quando cada um dos trabalhadores que pesquisei relataram suas vidas, não estavam prestando somente um favor a mim, mas exercitando suas memórias e narrando o que realmente foi importante em suas experiências. Só por este fator, pesquisar essa gente comum já valeu todo o esforço.

Este trabalho não foi somente sobre os "bairros de má fama", mas sobre seus protagonistas, sobre aqueles que sabem o verdadeiro sentido de morar naquele espaço. As narrativas das histórias de vida destes trabalhadores entrecruzaram com as histórias do bairro. Portanto, não é somente um lugar em que moram, mas, um espaço no qual construíram experiências e muitas em comum. Pesquisar estes trabalhadores é entender que o modo como organizam suas narrativas permitem considerar outras memórias sobre os bairros. Como Souza escreveu: "portanto, ao lidar com as narrativas dos entrevistados, não se trata de extrair informações ou contestar fatos, mas de apresentar outras memórias acerca da história vivida na cidade" (SOUZA, 2009, p.158)

Questionamos, surpreendemos e, acima de tudo, apreendemos. Histórias que talvez já tenhamos ouvido várias vezes e que se repetem em alguns aspectos, mas que são interpretadas diferentemente por cada trabalhador que nos narra. Mesmo que sirva para lembrar de "quando éramos felizes" ou "quando passávamos fome", é o passado que media o "agora estamos bem" ou "poderíamos estar melhor". Quando o trabalhador começa a nos contar sua história, ele mesmo percebe que não é tão comum assim. Que houve momentos em que precisou ser mais forte do que ele imaginava que seria

possível; que sobreviveu a situações que a maioria das pessoas não imaginam e que ainda há muitas coisas que quer conquistar.

Em sua obra *Mãe coragem e seus filhos*, Bertolt Brecht aponta um lado diferente da coragem que, por vezes, interpretamos contraditoriamente. Os trabalhadores que pesquiso não são seres sem coragem, amorfos e passivos. São seres repletos de coragem, coragem para acordar todos os dias e enfrentar a árdua vida que levam. Coragem para encarar os trabalhos que exercem, os quais a grande maioria nunca pensou fazer. Coragem em não ter muito o que oferecer para seus filhos. Coragem de levar a vida apenas sobrevivendo. O que não podemos deixar de acreditar é que um dia a coragem será para compreenderem que são uma só classe, que possuem problemas e objetivos em comum e quem sabe assim, a coragem seja para enfrentar quilo que origina todas essas outras condições.

Hoje, com grandes construções, com uma urbanização veloz, com prédios exímios e casas que mais parecem ter saído da tela de filmes, essa não é a cidade feita para os trabalhadores. A grande maioria dessas pessoas vai passar a vida toda sem conhecer as mansões que, na maioria das vezes localizam-se nos centros, muito menos terão condições de viver em uma. A cidade dos trabalhadores é construída todo o dia pelos seus modos de luta, pelas experiências de quem precisa correr atrás para conquistar até aquilo que é de direito. Faz-se necessário haver o espaço dos trabalhadores na cidade, justamente para jogar sobre eles e sobre o lugar todas as "maldições urbanas", crimes, assassinatos, violência. Portanto, os bairros de má fama ao mesmo tempo em que são resultantes são proporcionadores da luta de classes na cidade.

Sendo assim, através das entrevistas percebemos que não há afirmações dos trabalhadores dizendo "eu escolhi morar ali por ser bonito, por ser confortável"; de modo geral as histórias se remetem ao "eu vim parar aqui". Marx já escrevera que "os homens fazem sua própria história, mas não a fazem segundo sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, mas sob aquelas circunstâncias com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado." (MARX,1987, p.15) E sob essas escolhas que são condicionadas, criam mecanismos para sobreviver. Assim é a história de Chico e Joana, Carolina e Edson, Rita e José e de tantos outros trabalhadores que pesquisei.

A escolha dos temas de cada capítulo foi devido ao que constavam nas narrativas como importantes para os trabalhadores que entrevistei. Quando os entrevistava, sabiam que tinha interesse em saber um pouco mais sobre a história do bairro, mas não

desassociavam suas trajetórias de vida e de trabalho, ao mesmo tempo em que não narravam uma história romantizada do espaço em que moram. Até nas narrativas que apresentaram o caráter coletivo do bairro, os problemas principalmente relacionados à violência, eram constatados. Portanto, o intuito nunca foi o de escrever uma história de superação, mas uma história real, de gente real que luta por oportunidades na vida.

Sem dúvidas, a maior dificuldade da escrita deste trabalho foi referente à violência, um tema presente em todos os capítulos e também em todas as narrativas. No início da pesquisa, era uma hipótese, ao analisar as entrevistas, tornou-se evidência. Não se trata apenas de uma violência física, mas o próprio fato de serem marginalizados por viverem nestes bairros já apresenta o aspecto violento de como são tratados. Ouvi-los narrando sobre a violência que assola suas vidas não foi tão simples, mas ainda mais difícil foi analisar esse aspecto no cotidiano de cada uma das narrativas.

Mesmo havendo dificuldades, espero ter cumprido o objetivo inicial desta pesquisa que se pretendia investigar o modo como os trabalhadores representam a cidade, em particular os bairros de má fama em suas memórias. Tratava-se de compreender como eles lidam com a cidade, como se apropriam dela, e vivem os processos de estigmatização e segregação.

Para finalizar, gostaria de apresentar um poema escrito por Joana. Quando me entregou escrito em uma folha de papel o que havia criado sobre o bairro, terminei de ler e senti um alívio, pois vários dos aspectos que me esforcei para interpretar nas entrevistas realizadas constam neste pequeno poema de uma página demonstrando que o pouco de convívio que tive com estes moradores contribuiu para compreender o que julgam como importante para a composição de suas histórias.

Parque Hortência

(Arli/ moradora do Parque Hortência)

Jardim Parque Hortência, o próprio nome diz
Onde se busca inspirações, leitura, poesia e canções.
Juntos lutamos... primeira conquista uma escola,
"Amália Flores" partindo daqui,
hoje já formando professores.
E porque não? Até doutores!
Os pioneiros mais uma vez se uniram,
Como se fez em toda reivindicação

... fora os desordeiros.

Mais uma conquista,

E aí surge a beleza de lugar.

Água, luz, educação...

Depois, cascalho, mercado e campo de futebol.

Tudo se tem em prol,

Uma igrejinha linda,

Onde os amigos se reúnem pra oração.

Foi feita de tijolo em tijolo

Pelas mãos do povão.

Santa Rita de Cássia

É o nome que traz a capela.

A luta continua

Pela grandeza de um bairro

Que no passado de tão violento

Se dizia, favela.

Hoje já se tem asfalto, padaria, lojas,

Até salão de cabeleireira

Onde se fica mais bela.

Hum! E nunca se ouviu dar tanto valor,

Numa academia de rua

Onde reúne tantas mulheres

Buscando um exercício para o corpo

E um bate papo entre elas.

Aqui encerro falando do nosso bairro

Que mais se parece, exército brasileiro.

Um conjunto de corporação de bairros,

Companheiros!

Jardim Kenedy, Dona Tereza, Cataratas,

Vista Alegre, Toyama.

Reunidos formam o "Parque Hortência".

Lindo e formoso com certeza

FONTES

Orais

Adriano, 26 anos, trabalha office-boy de uma farmácia e é morador do Parque Hortência. Entrevista realizada em 20 de junho de 2015.

Alfredo, 58 anos, trabalha como caminhoneiro e é morador do Parque Hortência. Entrevista realizada em 21 de junho de 2015.

Ana, 57 anos, trabalha como empregada doméstica e é moradora do Parque Hortência. Entrevista realizada no dia 28 de dezembro de 2014.

Angélica, 46 anos, trabalha como costureira em um fábrica de roupas infantis e é moradora do bairro Parque Hortência. Foi entrevistada em 28 de setembro de 2014.

Aparecida, 53 anos, trabalha como empregada doméstica em Guaíra e é moradora do Parque Hortência. Entrevista realizada no dia 06 de fevereiro de 2015.

Carolina, 56 anos, atualmente está aposentada mas era professora das séries iniciais e é moradora da Vila Alta. Entrevista realizada no dia 10 de janeiro de 2015.

Cecília, 52 anos , trabalha como empregada doméstica e é moradora da Vila Alta. Entrevista realizada no dia 09 de janeiro de 2015.

Chico, 62 anos ,trabalha como técnico em eletrônica e é morador do bairro Parque Hortência. Foi entrevistado no dia 29 de Julho de 2014.

Clara, 52 anos, trabalha como costureira em uma fábrica de roupa para bebês e é moradora da Vila Alta. Entrevista realizada no dia 06 de fevereiro de 2015.

Cristina, 32 anos , trabalha como empregada doméstica e é moradora da Vila Alta. Entrevista realizada no dia 09 de janeiro de 2015.

Edson, 58 anos, trabalha como segurança e é morador da Vila Alta. Entrevista realizada em 24 de Janeiro de 2015.

Estácio, 32 anos, trabalha como segurança de uma empresa e é morador do Parque Hortência. Entrevista realizada no dia 11 de maio de 2014.

Eugênia, 38 anos, trabalha no frigorífico da Cvale em Palotina e é moradora do Parque Hortência. Entrevista realizada no dia 11 de maio de 2014.

Gabriel, 28 anos, trabalha como pedreiro e é morador da Vila Alta. Entrevista realizada em 14 de fevereiro de 2015.

Gonçalves, 54 anos, pedreiro na cidade de Guaíra e é morador do Parque Hortência. Entrevista realizada em 20 de junho de 2015.

Heloísa, 40 anos, trabalha no frigorífico da Cvale em Palotina e é moradora da Vila Alta. Entrevista realizada em 12 de maio de 2014.

Joana, 57 anos, trabalha em casa como costureira e é moradora do bairro Parque Hortência. Entrevista realizada em 29 de Julho de 2014.

João, 24 anos, trabalha como empacotador de um supermercado em Guaíra e é morador da Vila Alta. Entrevista realizada em junho de 2015.

José, 52 anos, trabalha como pedreiro e é morador da Vila Alta. Entrevista realizada no dia 11 de Janeiro de 2015.

Julio, 26 anos, trabalha como auxiliar em uma madeireira e é morador da Vila Alta. Entrevista realizada em 15 de fevereiro de 2015.

Luciana, 26 anos, trabalha como secretária num escritório de arquitetura em Guaíra e é moradora da Vila Alta. Entrevista realizada no dia 10 de janeiro de 2015.

Luísa, 24 anos, trabalha em uma mineradora em Terra Roxa e é moradora da Vila Alta. Entrevista realizada no dia 10 de janeiro de 2015.

Otávio, 20 anos, trabalha como empacotador de um supermercado e é morador da Vila Alta. Entrevista realizada em 24 de junho de 2015.

Rita, 48 anos , trabalha como agente de saúde no bairro Vila Alta e é moradora deste mesmo bairro. Entrevista realizada no dia 11/01/2015.

Sebastião, 22 anos, trabalha como atendente de lanchonete e é morador da Vila Alta. Entrevista realizada em 14 maio de 2015.

Jornalísticas

Rapaz é assassinado enquanto jantava com esposa e filha. **O Presente**. 08 de agosto de 2007.

Polícia tem suspeito de autoria de assassinato. **O Presente**. 26 de abril de 2008.

Elementos armados rendem família em Guaíra. **O Presente**. 23 de julho de 2008.

Guaíra- PM apreende drogas, motocicleta e dois rapazes. **Portal Guaíra**. 13 de dezembro de 2013.

Documentos Oficiais

Lei n° 554 de 18 de Novembro de 1975- Disponível em http://www.guaira.pr.gov.br/

Lei n°707 de 25 de maio de 1983- Disponível em http://www.guaira.pr.gov.br/

Lei n° 742 de 04 de Julho de 1984- Disponível em http://www.guaira.pr.gov.br/

Lei n°765 de 10 de setembro de 1985- Disponível em http://www.guaira.pr.gov.br/

Lei n°1.251 de 04 de dezembro de 2003- Disponível em http://www.guaira.pr.gov.br/

Ministério Público Federal, Ação Civil Pública, União (DPF), Ofício n.º 1928/2012 DPF/GRA/PR.

Mapa da Violência de 2012. http://www.sangari.com/mapadaviolencia/

Referências bibliográficas

ALVITO, Marcos. **As cores de Acari: uma favela carioca**. FGV: Rio de Janeiro, 2001.

BUARQUE, Chico**. O leite derramado.** Companhia das Letras: São Paulo, 2009.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tabula rasa do passado?.** São Paulo: Ática, 1995.

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915.** São Paulo : Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

BOSI, A. P.; VARUSSA, R. J. **"Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná".** In: Relatório técnico final. Fundação Araucária, Fevereiro de 2009.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rocco: Rio de Janeiro, 1997.

DAVID, Harvey**. A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

ENGELS, Friedrich.**A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo, SP: Global, 1988.

FENELON,Déa e KHOURY, Yara (org). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água,2005.

FIOROTTI, Vilma. **Jovens trabalhadores da fronteira**. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2403-8.pdf

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere- Americanismo e fordismo.** In: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARX, Karl. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialilsmo alemão em seus diferentes profetas; 1845-1846.** São Paulo: Boitempo, 2007.

PORTELLI, A. **A filosofia e os fatos.** Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo. Rio de Janeiro: vol. 1, nº. 2, 1996.

PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História. São Paulo, Educ, n. 14, p. 25-39, fev.1997.

SANFELICE, Cátia. **Mudanças no mundo dos trabalhadores: os pescadores profissionais de Guaíra/PR (1970-2011).**In: Unioeste, Mestrado em História, 2012.

SOUZA, Aparecida. **Formação econômica e social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008)**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2009.

TELLES, Vera da S. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal.** Belo Horizonte: MG: Fino Traço, 2010.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro, Zahar ed. 1981.

THOMPSON, Edward P. **A situação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987-1989.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

WACQUANT, Loic. J.D., **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

WACQUANT,Loic.**Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada**. Rio de Janeiro: Revan, FASE, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Trad. André Glaser.São Paulo: Unesp, 2011.